



CANCHUNGO,

CENTRO URBANO EM FORMAÇÃO

ATLAS • GUINÉ-BISSAU

Crédito das fotografias:

veja detalhes na lista de fotos p 85, 86

Autor: publicação coordenada pelo Grdr (www.grdr.org) em colaboração com o Comité de Estado do Sector de Canchungo

Novembro de 2020

ISBN 9791095026150

Design gráfico: Marion Huet (www.marionhuet.com)

Impressão: ICO Imprimerie - Dijon

Tradução: Julia de França Attenot

© Grdr. Tous droits réservés. Licence octroyée à l'Union européenne sous conditions

CANCHUNGO,

CENTRO URBANO EM FORMAÇÃO



PREFÁCIO

Como antigo administrador da cidade de Canchungo, não poderia ter uma honra maior do que escrever o prefácio da Monografia de Canchungo. Ao investir-me na elaboração desta joia, pois ela é uma, apenas cumpri o meu dever de cidadão enquanto autoridade. Apesar de estar convencido do interesse de dispor de uma monografia principalmente dedicada à cidade de Canchungo, depois do sucesso alcançado pela Monografia de Cacheu, eu estava longe de imaginar o entusiasmo que ela iria suscitar. Um entusiasmo bem justificado, ainda mais porque é a primeira vez que uma monografia tão completa é feita sobre Canchungo. Antes de mais nada, permitam-me saudar os esforços feitos pelos diferentes atores, que se investiram fortemente para chegar a este resultado. Primeiramente, Canchungo nunca agradecerá o suficiente ao Grdr e aos seus parceiros financeiros, nomeadamente a Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD) e a Fundação Abbé Pierre (FAP), que puderam mobilizar grandes meios para que a produção desta monografia prospectiva fosse possível. A mobilização das populações de Canchungo ao lado dos agentes do Comité de Estado não pode passar despercebida. Elas não pouparam nenhum esforço para facilitar a implementação das atividades de concertação e a realização dos inquéritos que serviram para a produção desta monografia, que agora faz parte do património imaterial de Canchungo. Muito mais do que uma monografia, esta grande obra, como gosto de chamá-la, consagra uma etapa importante na vida de Canchungo. Ela é, em primeiro lugar, um documento histórico, na medida em que nos lembra o que era a cidade de ontem. Ela faz apelo à nossa memória coletiva para transmitir às gerações atuais as evoluções vividas por Canchungo, enquanto puderem ser documentadas e relatadas. Em segundo lugar, a obra é um marco de referência para as próximas gerações, na medida em que faz um descritivo detalhado dos componentes e das evoluções observadas na cidade ao longo das décadas passadas. Por último, ela é incontestavelmente uma ferramenta para uma prospectiva

territorial, no sentido de que permite pensar os possíveis futuros de Canchungo a partir do conhecimento que nos oferece das realidades passadas e presentes. Fruto de um inquérito aprofundado junto a centenas de agregados familiares, que tivemos a honra de supervisionar através do conselho consultivo, a monografia apoia-se em dados de terreno, depoimentos e uma sólida documentação, que reforça inegavelmente a sua credibilidade e a sua pertinência. Atualmente, a cidade de Canchungo enfrenta grandes desafios, cujos mais preocupantes, ao meu ver, estão ligados ao forte crescimento demográfico, à juventude da sua população, à emigração e ao desenvolvimento socioeconómico sustentável da cidade. Como responder à crescente demanda das populações por serviços básicos num contexto de pobreza massiva? Como garantir um desenvolvimento harmonioso da cidade de Canchungo, capaz de melhorar significativamente as condições de vida das populações atuais, sem comprometer as das futuras gerações? Estas são duas questões que, na minha opinião, devem ser pensadas por todos os atores movidos pela vontade de propor mudanças para Canchungo. Entretanto, como dizemos frequentemente em crioulo, em Tchon de Babok (outro nome para designar Canchungo, que significa terra de Babok ou reino de Babok) *“kin ku sibi nunde ki sai, ita sibi nunde kina bai”*, que quer dizer, literalmente, “quem sabe de onde saiu, sabe para onde vai”. Apesar de não propor pistas de ação (pois não é o seu papel), este atlas urbano permite-nos concentrar nos grandes desafios e questões que deveremos enfrentar e, por conseguinte, poderia ajudar a orientar-nos para o destino que teremos escolhido.

Humberto TAVARES

Antigo Administrador do Sector de Canchungo

12 de dezembro de 2020

SIGLAS E ACRONIMOS

AFD	Agência Francesa de Desenvolvimento
AFRISTAT	Observatório económico e estatístico da África Subsaariana
CIAT	Centro Internacional de Agricultura Tropical
COE	Comité de Orientação Estratégico
CSAO	Clube do Sahel e da África do Oeste
FAP	Fundação Abbé Pierre
FCFA	Franco da Comunidade Financeira Africana
GRDR	Grupo de Investigação e de Realização para o Desenvolvimento Rural

INEC	Instituto Nacional de Estatística e Censos
INSEE	Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Económicos (França)
MDT	Modelo Digital de Terreno
OCDE	Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico
ONG	Organização Não Governamental
OSM	Open Street Map
PAIGC	Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo-Verde
UE	União Europeia

AGRADECIMENTOS

Esta obra foi publicada no âmbito do “Programa para a Governação Concertada do Litoral II: para Territórios Resilientes aos Choques Sócio-Climáticos” (PGCL), com o apoio financeiro da Agência Francesa de Desenvolvimento, da Fundação Abbé Pierre e da Comissão Europeia.

O Grdr, coordenador do trabalho, agradece aos membros do comité de pilotagem, reunindo os decisores e os principais atores da cidade de Canchungo, que contribuíram, orientaram e facilitaram este projeto. Apresentamos, particularmente, os nossos agradecimentos aos membros do comité técnico pelo seu engajamento ao longo de todo o processo: o Administrador do Sector de Canchungo, o Diretor dos Serviços Técnicos e Obras Públicas da província do Norte, o representante do Conselho Consultivo, o representante da Direção Regional da Educação, o Delegado Regional da Juventude e do Desporto, os representantes dos bairros, a representante do Movimento Regional da Sociedade Civil e o representante da diáspora.

O Grdr agradece a todos os atores e moradores de Canchungo que responderam positivamente às suas diversas solicitações, através de entrevistas, inquéritos e grupos focais.

O Grdr deseja exprimir a sua gratidão ao régulo de Canchungo, que acompanha e deposita a sua confiança em toda a equipa do Grdr há muitos anos.

Por fim, a equipa do Grdr manifesta o seu reconhecimento aos membros do seu Comité de Orientação Estratégico (COE). Uma menção especial é feita aos diferentes colaboradores da equipa do Grdr, voluntários internacionais e estagiários.

ESTA PUBLICAÇÃO FOI REALIZADA COM O APOIO FINANCEIRO DE



AVISOS

O conteúdo da presente publicação é de responsabilidade exclusiva do Grdr e não reflete necessariamente as opiniões da AFD, da União Europeia, da Fundação Abbé Pierre e dos outros financiadores.

As designações, fronteiras ou dados utilizados nos mapas não têm a garantia de estarem isentos de erros e não implicam, em caso algum, a responsabilidade ou a aprovação das partes interessadas mencionadas neste documento.

ÍNDICE

PREFÁCIO	5	II - CANCHUNGO, PEQUENA CIDADE RURAL OU CENTRO URBANO?	37
SIGLAS E ABREVIATURAS	6	2.1 Mobilidade urbana e jovens cada vez mais numerosos	38
AGRADECIMENTOS	7	2.1.1 Um rápido crescimento demográfico	39
INTRODUÇÃO	10	2.1.2 Antigas mobilidades	44
I - DINÂMICAS DE CRESCIMENTO URBANO	16	2.1.3 Cultura, lazer e mutações sociais	48
1.1 Um sítio natural limitante para o desenvolvimento urbano	18	2.2 Esquemas de ocupação diferenciados	52
1.1.1 Um sítio de mangais e bolanhas	19	2.2.1 Formas urbanas: esquemas de ocupação diferenciados	52
1.1.2 Um território sensível às mudanças climáticas	22	2.3 Um acesso fraco e desigual aos serviços e às infraestruturas	56
1.2 O lugar de Canchungo na rede urbana	24	2.3.1 Acesso aos serviços básicos	56
1.2.1 Do reino manjaco ao intermédio administrativo colonial	24	2.3.2 Acesso às infraestruturas sócio-sanitárias	68
1.2.2 Canchungo, cidade de ligação da região de Cacheu e conectada ao estrangeiro	26	2.4 Modos de moradia em evolução	70
1.3 Uma pequena cidade rural que se urbaniza...	29	2.4.1 Evolução do acesso aos recursos fundiários	70
1.3.1 A cidade colonial	29	2.4.2 Evolução das construções	74
1.3.2 1.3.2 O crescimento da cidade após a independência	32	2.5 Um dinamismo económico ainda tímido	78
		2.5.1 Polo de atratividade comercial	78
		III - CONCLUSÃO: Canchungo, uma cidade em transição com diversas faces	82





INTRODUÇÃO

An aerial photograph of a village nestled within a dense, lush green forest. The village consists of numerous small, simple houses with light-colored roofs, scattered across the landscape. A winding river or stream flows through the lower left portion of the image, surrounded by thick vegetation. The overall scene depicts a rural, forested community.

INTRODUÇÃO

A urbanização do planeta Terra representa um fenómeno de grande importância demográfica, geográfica, social, cultural e política. Em 2020, mais de 55% da população mundial reside em zonas urbanas e dois terços dos cidadãos vivem em países do “Sul global”. Apesar da sua recente entrada no processo de urbanização, o continente africano viu o crescimento das suas cidades acelerar-se de forma impressionante. Ao contrário de muitas ideias preconcebidas, a África não é mais fundamentalmente rural: mais de 50% dos africanos vivem em centros urbanos, uma proporção que tende a aumentar. As cidades vão continuar a crescer, enquanto novos centros urbanos emergirão. A África tem, de facto, o maior e o mais rápido crescimento urbano do mundo. Cerca de um terço da população africana vivia em cidades em 1990, comparado a apenas 14,5% no início dos anos 1950. As projeções das Nações Unidas preveem que até 2030 mais da metade dos africanos resida em zonas urbanas. O processo começou nos anos 1960, com a triplicação da população urbana, seguido, nos anos 1990, por uma verdadeira aceleração. Embora, hoje em dia, a sua velocidade tenha diminuído, as cidades do continente ainda crescem rapidamente. Até 2050¹, a população africana deve dobrar e as cidades acolherão 950 milhões de pessoas a mais, concentrando, assim, dois terços do crescimento demográfico do continente.

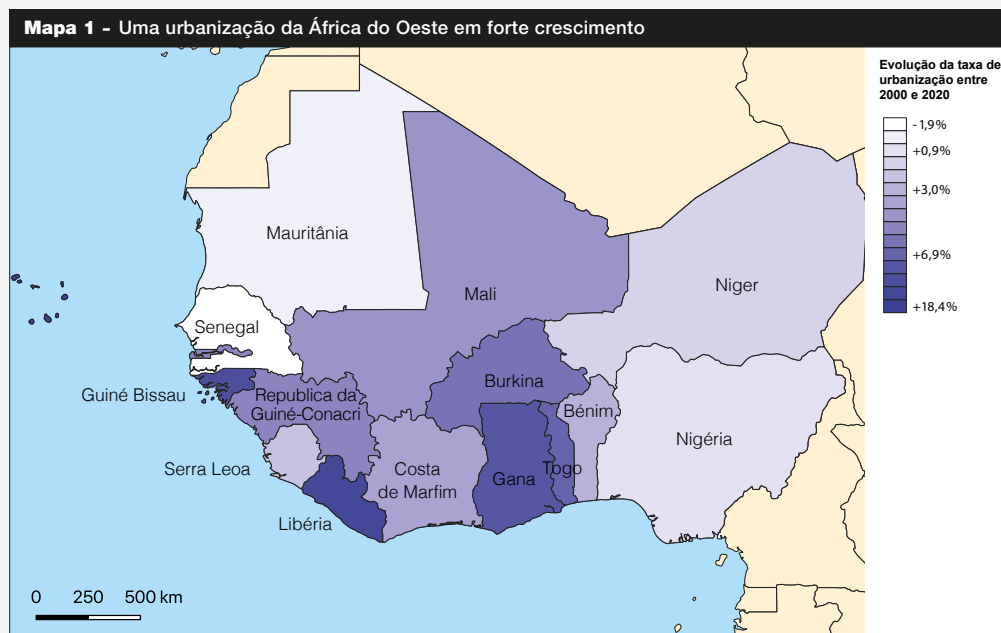
A transição urbana do continente é uma fonte de grandes oportunidades, mas também de fortes desafios para os seus habitantes, empresas, governos e parceiros institucionais. Ela representa uma excelente oportunidade de construir novos modelos de desenvolvimento social, económico, ambiental e político, capazes de dar respostas aos desafios da revolução digital e das mudanças climáticas. No entanto, 97% das zonas urbanas africanas têm menos de 300.000 habitantes. Dentre elas, há muitas que não são oficialmente reconhecidas como zonas urbanas, o que demonstra o carácter fragmentado da urbanização africana. Esses pequenos e médios centros urbanos, frequentemente ausentes das bases de dados internacionais, têm um papel fundamental a desempenhar nas redes urbanas, na conexão das comunidades locais às economias continentais e globais, assim como na complementaridade entre os

meios rural e urbano. Contudo, as políticas implementadas geriram muito pouco (ou, até mesmo, muito mal) a dinâmica de urbanização, que continua a ser um processo relativamente informal e aleatório.

Embora se considere urgente que os Estados, mas também as autoridades regionais, melhorem as suas capacidades de pilotar o seu desenvolvimento urbano, inúmeras lacunas na disponibilidade de dados e de conhecimentos dificultam uma elaboração eficaz de políticas urbanas.

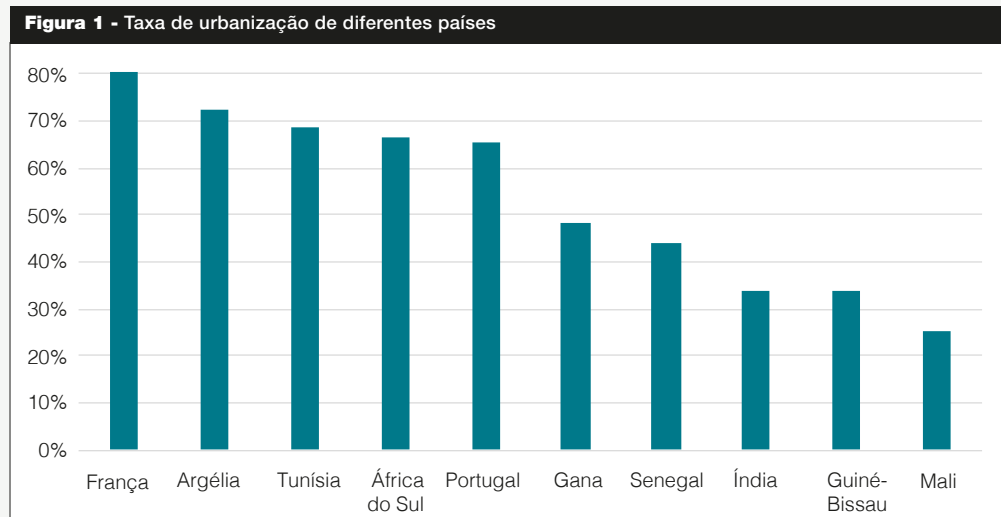


Foto 1 - Vista aérea de Canchungo



Fontes

Evolução da taxa de urbanização entre 2000 e 2020: Base de Dados Géopolis, Centros Urbanos da África do Oeste (2020)



Fontes

Banco Mundial (2018) e dados Géopolis (2020)

2. OCDE/CSAO (2020), op.cit.

3. Censo do INEC (2009)

A Guiné-Bissau, como a maioria dos países da África do Oeste (Mapa 1 e Figura 1), apresenta uma rápida e crescente urbanização desde o início do século XXI (que quase dobrou em vinte anos), com grande parte absorvida pela capital Bissau (onde moram 34,1% da população guineense em 2020). Apesar disso, as pequenas cidades, atrativas, representam novas centralidades, que estruturam os territórios ao redor. Um crescimento demográfico médio anual de 7%, como em Canchungo, faz com que a população dobre a cada dez anos². O maior desafio dos atores que trabalham no ordenamento das cidades em desenvolvimento é, então, o de prever este crescimento, para que os centros urbanos possam absorvê-lo sem comprometer o acesso dos moradores aos serviços, aos empregos e à educação. Além disso, este planeamento deve levar em consideração os fatores determinantes ambientais e as mudanças climáticas, com o propósito de garantir a sustentabilidade destas orientações estratégicas de desenvolvimento da cidade.

Canchungo, cidade do noroeste da Guiné-Bissau, quase triplicou de população entre 1998 e 2009³ e deve manter este ritmo de crescimento. Pouco equipada com infraestruturas sócio-sanitárias e fornecimento de água e eletricidade, ela apresenta uma rápida urbanização, num sítio natural vulnerável às mudanças climáticas.

Este atlas provém de uma recolha de dados quantitativos e qualitativos realizada pelo Grdr entre fevereiro e julho de 2019. Ele apresenta-se como uma base de informações sobre a cidade de Canchungo, que pretende ser útil para os atores do desenvolvimento local (ONG, organizações internacionais, associações da diáspora, serviços regionais, etc.) e, ao mesmo tempo, ser uma ferramenta que possa oferecer uma melhor visibilidade e um panorama objetivo das evoluções da cidade de Canchungo. O presente documento organiza-se em duas partes. A primeira visa compreender as dinâmicas do crescimento urbano da cidade, ao analisar o lugar de Canchungo na rede urbana nacional e o histórico do seu desenvolvimento. A segunda descreve as múltiplas facetas da cidade, entre uma localidade rural e uma cidade em formação, através da sua população, da morfologia dos seus bairros, dos modos de moradia e do acesso aos serviços.

Localidad (número de habitantes)

- 9 - 250
- 250 - 1000
- 1000 - 2500
- 19349 (Canchungo)

— Estrada alcatroada
---- Estrada de terra batida

Divisão administrativa

-  Limite do sector
-  Limite de secção

Hidrografia
 Bolong
 Zona submergível



Fontes
 Limites das regiões e dos sectores : OCHA e INEC (2019)
 Limites das secções : entrevista com o administrador do Sector de Canchungo, Grdr (2019)
 Localidades e demografia : Inec (2009)
 Topografia : MNT produzido pelo CIAT-CSI, <http://srtrm.csi.cgiar.org> (2008)
 Rede rodoviária : OSM (2019)
 Hidrografia : OSM (2019)

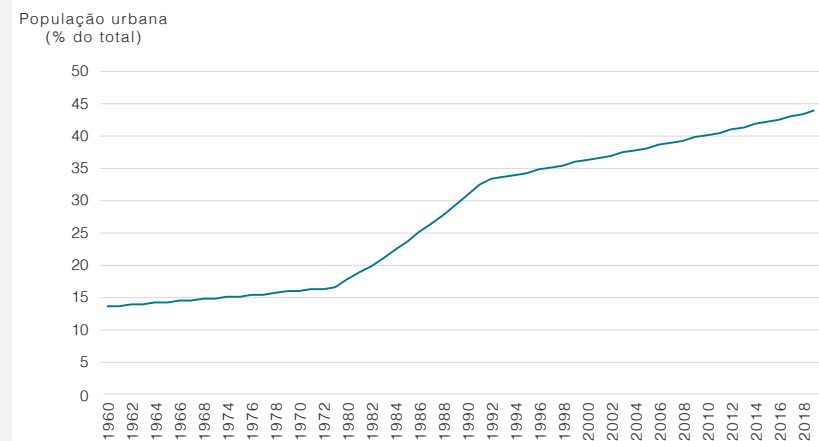
Caixa 1 - O urbano e as suas diferentes definições

A noção de “cidade” ou de “urbano” abrange diversas realidades e não há uma definição universal. Dentre os critérios utilizados para definir uma cidade, os índices demográficos, a morfologia urbana e as divisões político-administrativas são os mais comuns, aos quais, às vezes, se somam critérios de atratividade económica. O grau de *urbanidade* ou o carácter do que constitui uma cidade (paisagem, relações sociais entre os seus moradores, hábitos e modos de vida, etc.) estão, geralmente, ausentes. O INSEE define, por exemplo, uma *unidade urbana* (ou *centro urbano*) como “uma municipalidade, ou um conjunto de municipalidades, que apresenta uma zona construída contínua (sem interrupções de mais de 200 metros entre duas construções) e tem, pelo menos, 2.000 habitantes”. Estas *unidades urbanas* também podem formar *áreas urbanas*, caso representem bacias de emprego para as localidades rurais ou unidades urbanas, nas quais pelo menos 40% da população trabalha.

Nos países da África do Oeste, os três critérios (demográfico, administrativo e morfológico) são utilizados de maneira variável. Algumas vezes, agrega-se uma abordagem funcional. No Benim, por exemplo, o urbano é definido como “uma zona heterogênea, que abrange uma capital administrativa com, pelo menos, 10.000 habitantes e, no mínimo, uma das infraestruturas a seguir: correios e telecomunicações, escritório do tesouro público, sistema de canalização de água, eletricidade, centro de saúde e escola de ensino básico; ou, então, qualquer distrito que tenha, pelo menos, quatro das infraestruturas enumeradas anteriormente e, no mínimo, 10.000 habitantes”. No Senegal, segundo os serviços de urbanismo, uma localidade é urbana quando tem mais de 5.000 habitantes, enquanto na Guiné-Bissau nenhuma definição oficial de cidade foi estabelecida. Embora as divisões administrativas sejam fixas e específicas, a cidade é um “objeto vivo”, que evolui e se desenvolve para além destas delimitações.

O Clube do Sahel e da África do Oeste (CSAO) elaborou, em 2018, uma base de dados geoespaciais sobre as cidades africanas, intitulada Africapolis, que permite análises comparativas, a longo prazo, das dinâmicas urbanas. Apoiando-se numa **abordagem espacial** e aplicando um **critério físico e demográfico**, o CSAO-Africapolis define um centro urbano como: “**uma concentração de população de mais de 10.000 habitantes, cujas moradias estão espaçadas de, pelo menos, 200 m**”. O Grdr apoiou-se nesta definição para determinar a zona de estudo do centro urbano de Canchungo (Mapa 2) cujos resultados alimentam a presente monografia. Importa notar que esta zona de estudo não corresponde aos limites administrativos do sector de Canchungo utilizados para os censos.

Figura 2 - Crescimento da população urbana da Guiné-Bissau entre os anos 1960 e 2017



Fonte:
Banco Mundial (2019)

Mapa 3 - Mapa administrativo da Guiné-Bissau



Fontes
Localidade : OCHA (2019) - Divisões administrativas : OCHA (2019) - Rede rodoviária : OSM (2019) - Hidrografia : OSM (2019)

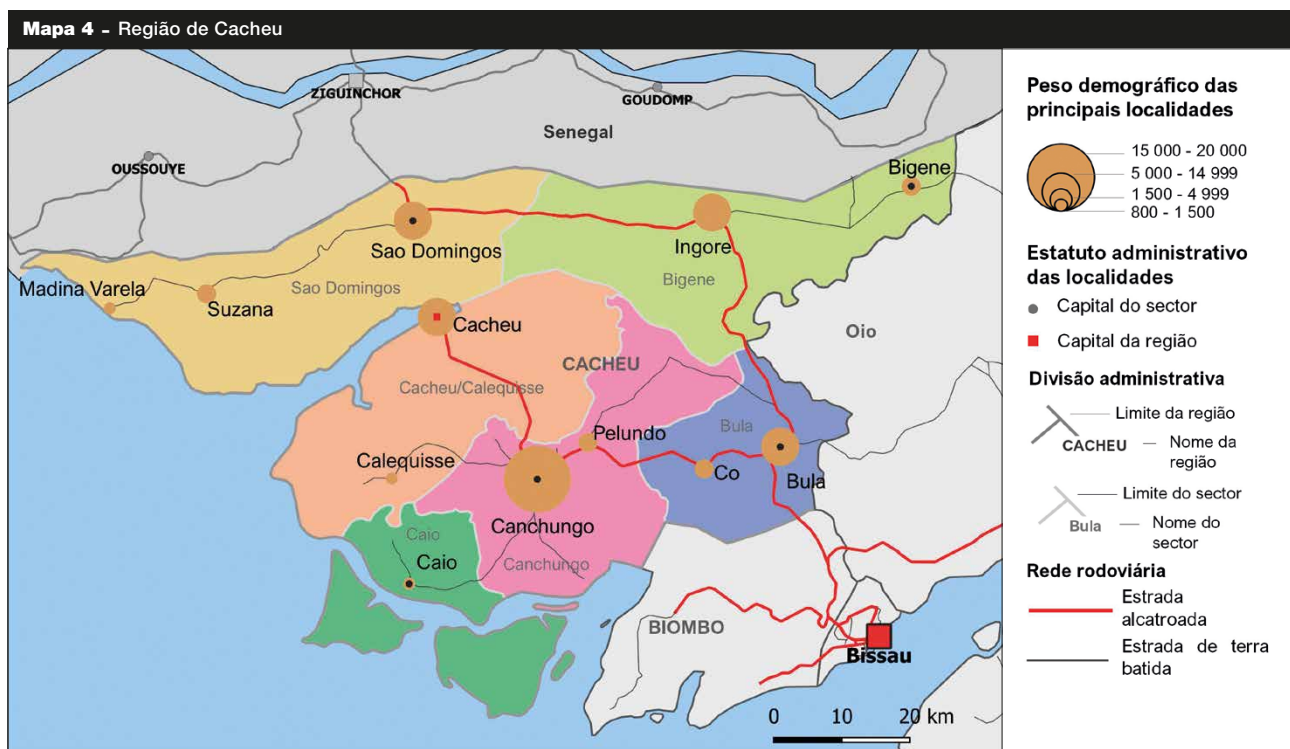


An aerial photograph of a densely populated urban area, likely in a developing country. The image shows a mix of small, single-story houses with various roof types, including corrugated metal and tiled roofs. There are many trees interspersed among the buildings, and some larger commercial buildings are visible. The overall scene depicts rapid urban growth and informal settlement patterns.

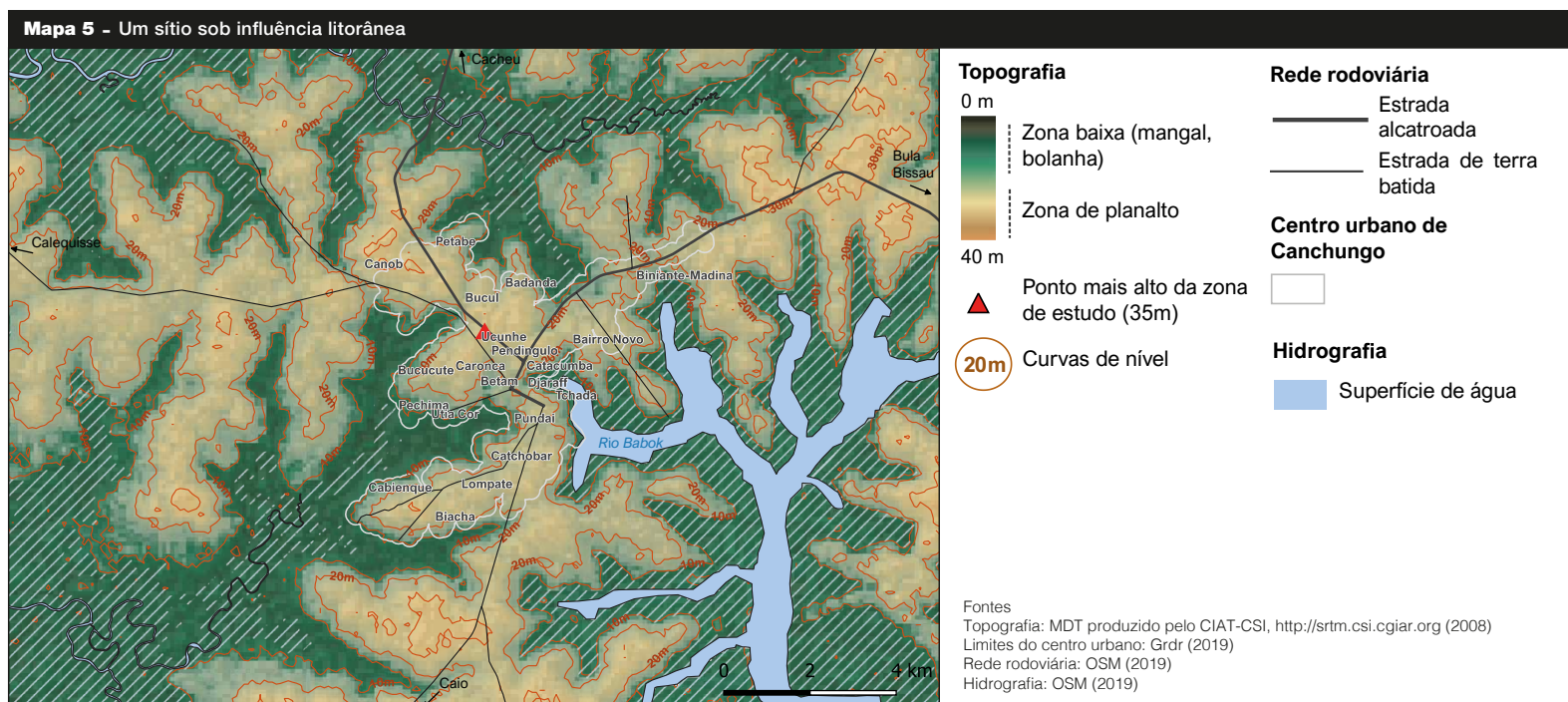
I DINÂMICAS DE CRESCIMENTO URBANO

1.1 UM SÍTIO NATURAL LIMITANTE PARA O DESENVOLVIMENTO URBANO

O centro urbano de Canchungo, cuja população foi estimada em 24.500 habitantes⁴ em 2019, localiza-se na região de Cacheu, no noroeste da Guiné-Bissau. Ele é a capital de um dos sete sectores (com o mesmo nome) que formam a região, divididos, por sua vez, em secções. Cada sector é dirigido por um administrador, nomeado pelo Estado e subordinado ao governador da região.



4. Fonte: Estudo do Grdr (2019) (extrapolação a partir de dados do censo de 2013).



1.1.1 UM SÍTIO DE MANGAIS E BOLANHAS

O centro urbano de Canchungo desenvolve-se num sítio natural limitante, fortemente influenciado pela rede hidrográfica que entrecorta o território guineense, fundamentalmente composta por braços de mar ou “bolongs”⁵ (como são chamados no Senegal e na Gâmbia). Esta particularidade caracteriza-se em Canchungo pela presença de um denso ecossistema de mangais ao longo do rio Babok, que banha a cidade a leste.

Antigamente utilizados como vias de transporte, os rios são atualmente valorizados por motivos económicos, alimentares e ambientais. Os ecossistemas de mangal apresentam uma grande biodiversidade vegetal e animal, nomeadamente haliêutica (camarões, tilápias, tainhas, etc.), e também são conhecidos por sua capacidade em armazenar CO₂. Em Canchungo, o clima é tropical, quente ao longo de todo o ano, com uma estação seca de novembro a maio, que beneficia de uma grande taxa de insolação, e uma estação chuvosa de junho a outubro, que pode provocar fortes inundações. A pluviometria anual da região varia entre 1.400 e 1.800 mm, distribuída em cerca de 90 dias de chuva, concentrados nos meses de julho a setembro.

A influência litorânea, associada a uma baixa altitude, um relevo pouco acentuado (cujo ponto culminante atinge 35 m⁶) e solos hidromórficos, aumenta a vulnerabilidade da cidade aos riscos de inundações.

A cidade desenvolveu-se ao longo do rio Babok, onde a zona de mangal nas suas margens (bolanhas) recebeu um ordenamento particular e de longa data para o cultivo do arroz. Nas planícies não inundáveis, consideradas como zonas de floresta (mato), as moradias foram implantadas, associadas a pequenas parcelas de cultivo (horticultura), chamadas de campos de casa. Na junção entre o planalto e o marisma concentram-se os palmeirais, as plantações de árvores frutíferas e, às vezes, outros cultivos pluviais (Figura 3). A situação geográfica de Canchungo representa uma grande dificuldade para o desenvolvimento urbano, beirada ao norte, a leste e a sudeste por terras localizadas em zonas inundáveis. O sítio oferece, todavia, muitas oportunidades agro-silvo-halió-pastorais aos seus moradores, devido à riqueza dos agroecossistemas, aos solos férteis de planalto e a um acesso imediato aos recursos haliêuticos. As atividades agrícolas ainda são, de facto, muito presentes na cidade, pois as plantações de árvores frutíferas e os cultivos pluviais cobrem cerca de 70% da superfície do centro urbano (Mapa 5).

5. O termo “bolong” designa um canal de água salgada, característico do litoral da África do Oeste (do Senegal à Nigéria). Estes braços de mar, quer efêmeros, quer significativos e repertoriados como afluentes, estão submetidos ao fenómeno das marés. Nota de tradução: este termo, utilizado principalmente no Senegal e na Gâmbia, não é muito conhecido na Guiné-Bissau. 6. MDT do CIAT-CSI.

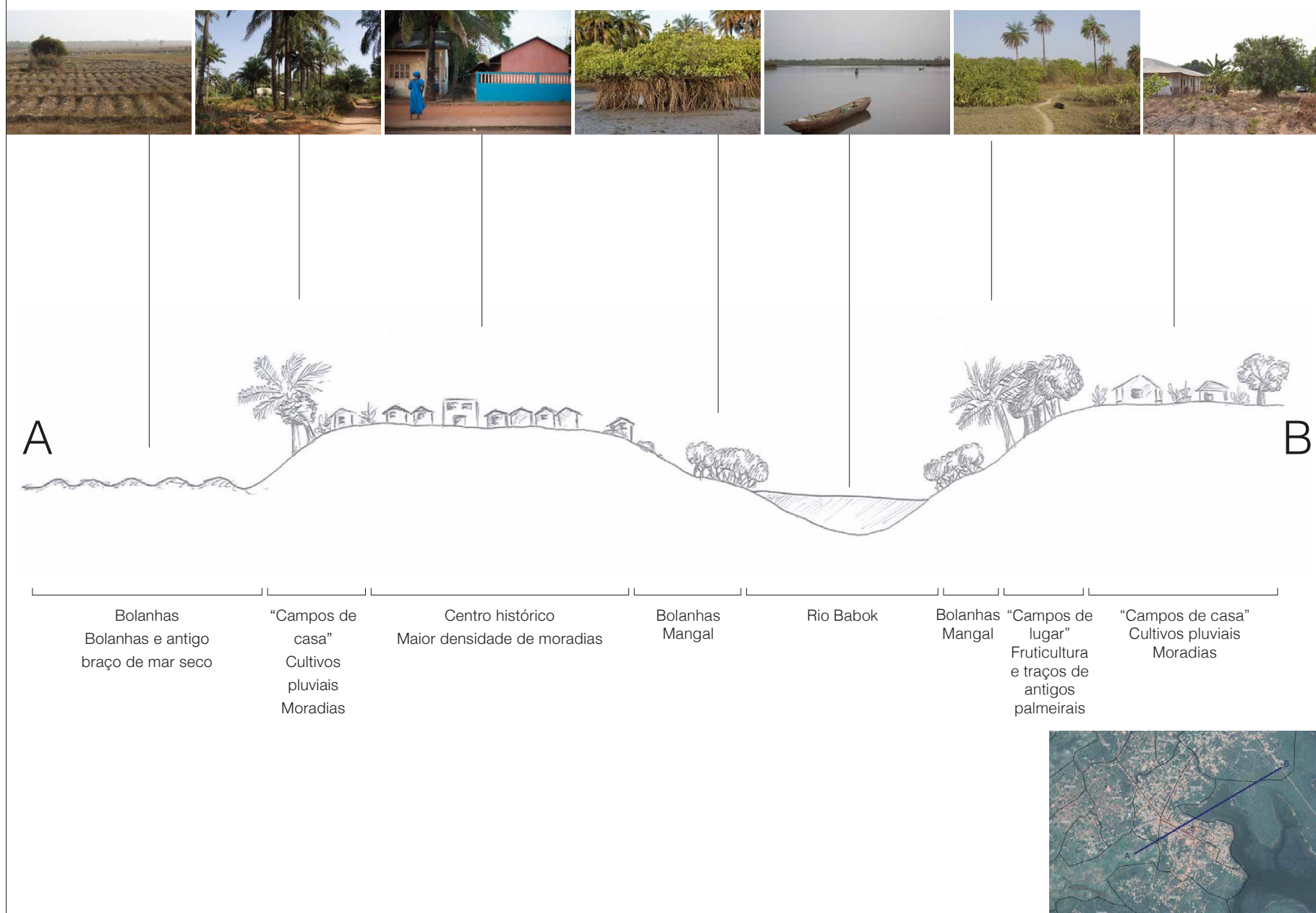
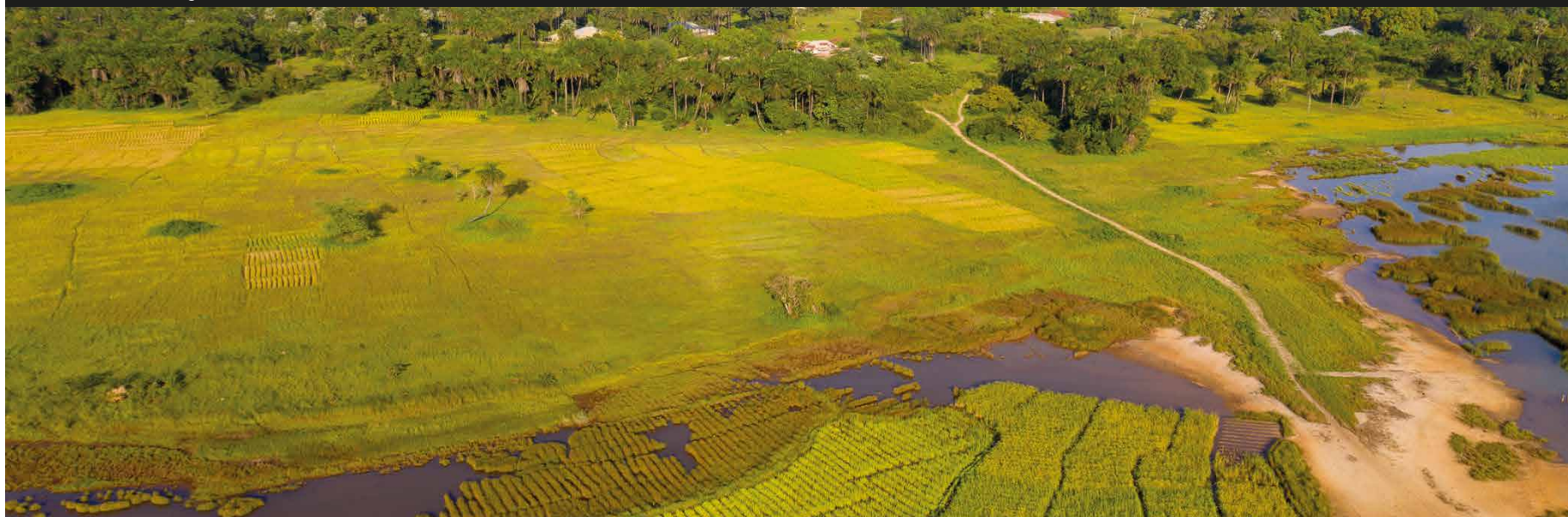
Figura 3 - Corte esquemático do relevo de Canchungo

Foto 2 et 3 - Um solo hidromórfico, provedor de recursos alimentares, mas que dificulta o crescimento urbano



Foto 4 - Atividades agrícolas nos limites da cidade



1.1.2 UM TERRITÓRIO SENSÍVEL ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Rodeada de florestas de tarrafes (“mangais”), bolanhas e “florestas⁸” de planalto, a cidade de Canchungo insere-se num ambiente rico e variado. Os ecossistemas de mangal, os palmeirais selvagens e as “florestas” de planalto fazem parte dos ecossistemas mais emblemáticos do litoral e mais importantes a nível social, ambiental e cultural.

Estes ecossistemas recebem uma atenção particular, devido à diversidade de produtos provenientes deles e à sua verdadeira mais-valia climática. De facto, enquanto as mudanças climáticas afetam duramente os sistemas de cultivo anuais, elas atingem relativamente pouco estes ecossistemas, devido, em particular, às taxas de matéria orgânica que permanecem estáveis (poucas exportações de matéria orgânica vs grandes transferências verticais de fertilidade), o que permite uma boa capacidade de retenção de água. Estes ecossistemas fixam, além disto, uma grande quantidade de CO₂. No entanto, esta rede natural que circunda e molda atualmente a cidade de Canchungo (Foto 5) enfrenta pressões de extração e de transformação cada vez mais fortes. A conversão rápida e massiva dos maciços agroflorestais em plantações de caju (Mapa 6), somada à extração de madeira e de pedras (Fotos 6 e 7) para o sector de construção (Parte 2.4), questiona a sustentabilidade ambiental da cidade de Canchungo. A isto acrescenta-se o risco de subida do nível do mar, que poderia acarretar problemas de salinização dos lençóis freáticos e de inundação, pois Canchungo está localizada numa altitude relativamente baixa. O seu território revela-se, assim, vulnerável às mudanças climáticas.

Neste contexto, o desafio da construção de um diálogo entre diversos atores, com um prisma focado na adaptação do território às mudanças climáticas e na conciliação entre a economia local e a exploração sustentável dos ecossistemas, mostra-se prioritário.

Foto 5 – Rede de ecossistemas que coexistem com a cidade de Canchungo

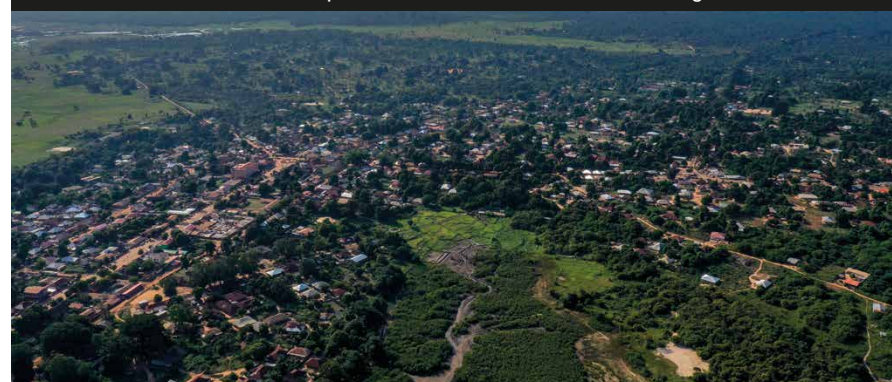


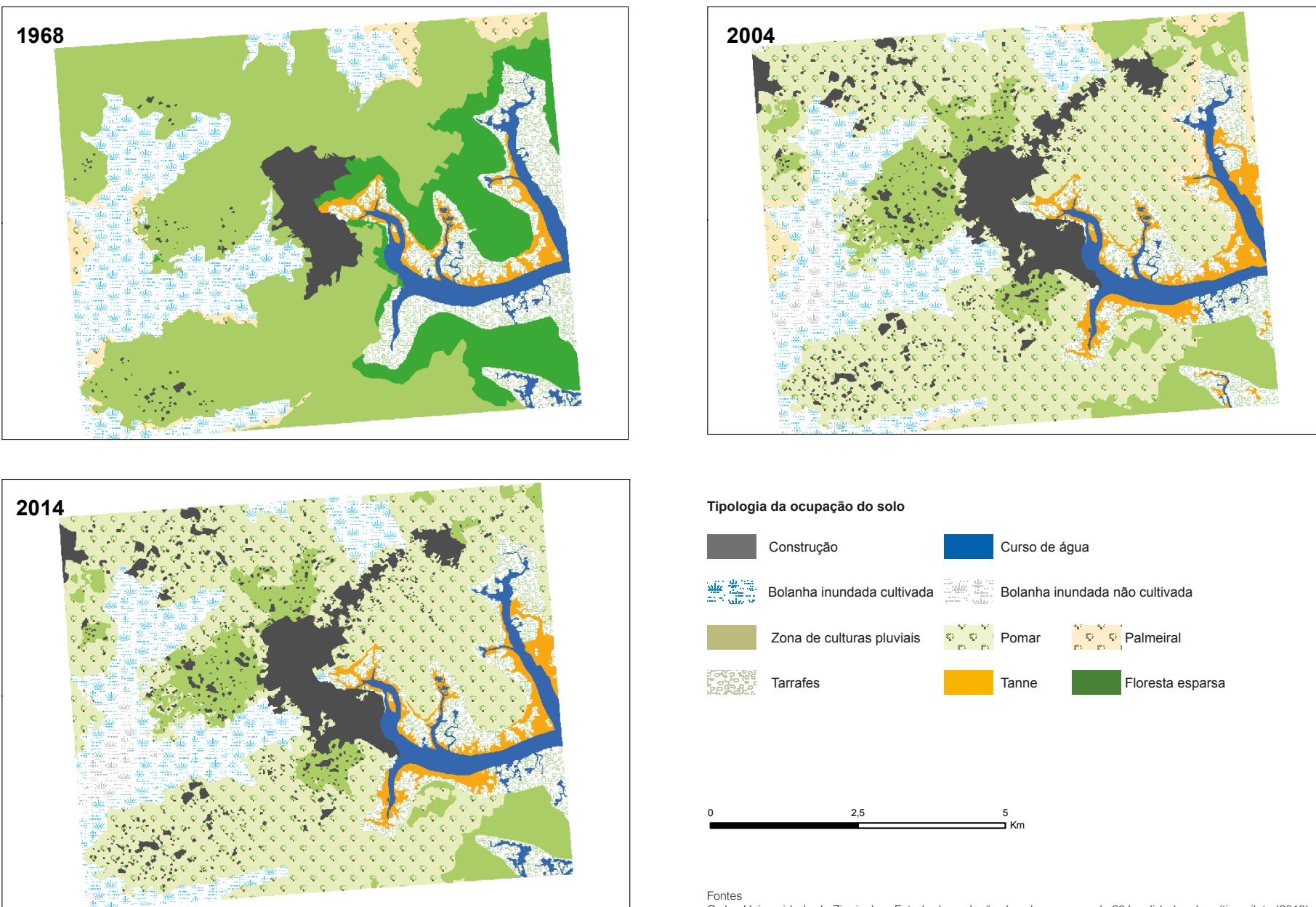
Foto 6 – Exploração de madeira de tarrafes



Foto 7 – Exploração de pedras (pedreira de Canchungo)



8. De facto, elas são maciços agroflorestais que foram objeto de antigos ordenamentos e explorações.

Mapa 6 - Evolução da ocupação do solo

1.2 O LUGAR DE CANCHUNGO NA REDE URBANA



Foto 8 – Antiga construção da administração colonial

1.2.1 DO REINO MANJACO AO INTERMÉDIO ADMINISTRATIVO COLONIAL

A região de Cacheu, povoada pelas etnias manjaca, balanta, felupe, pepel e mancanha, foi um grande território de partida para o tráfico de escravos na África do Oeste, a partir do século XV. A cidade de Cacheu foi um centro de comércio de escravos importante até o século XIX. Os primeiros habitantes da atual cidade de Canchungo teriam vindo do reino manjaco de Bassarel. O rei de Bassarel teria nomeado para este território um régulo sujeito à sua autoridade. Ao adquirir autonomia e prosperidade, o reino de Canchungo (“Canchungo Babok”) expandiu-se antes de se tornar independente.

Normalmente, a terra, bem não comercial, é atribuída às famílias pelo régulo e gerida pelo chefe de tabanca, segundo as próprias regras de cada comunidade. O chefe de morança (chefe de família alargada, ou seja, o homem mais velho) é o garante da exploração e da ocupação da terra, que ele confia aos diferentes chefes de fogão (chefe do agregado familiar) que compõem a família, em função das suas necessidades (Figura 4). Assim, os recursos fundiários são considerados como um bem coletivo, que não se pode nem comprar nem vender, mas que se pode arrendar ou emprestar.

A atual cidade de Canchungo foi militarmente conquistada e ocupada por uma administração colonial pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Com o enraizamento da presença colonial, os portugueses criaram uma localidade chamada de “Teixeira Pinto”, nome de um comandante português. Os colonizadores escolheram a sua posição de cruzamento entre Cacheu, Bula e Caió para estabelecer um posto administrativo e militar⁹. A cidade tornou-se, assim, o centro administrativo de uma vasta circunscrição, que abrangia os atuais sectores de Caió, Cacheu/Calequisse, Canchungo e Bula em 1916¹⁰.

9. Monografia de Canchungo, Grdr (2017), e “Analyse de la croissance spatiale de Canchungo de 1974 à 2015” [Análise do Crescimento Espacial de Canchungo de 1974 a 2015] de António dos Santos.

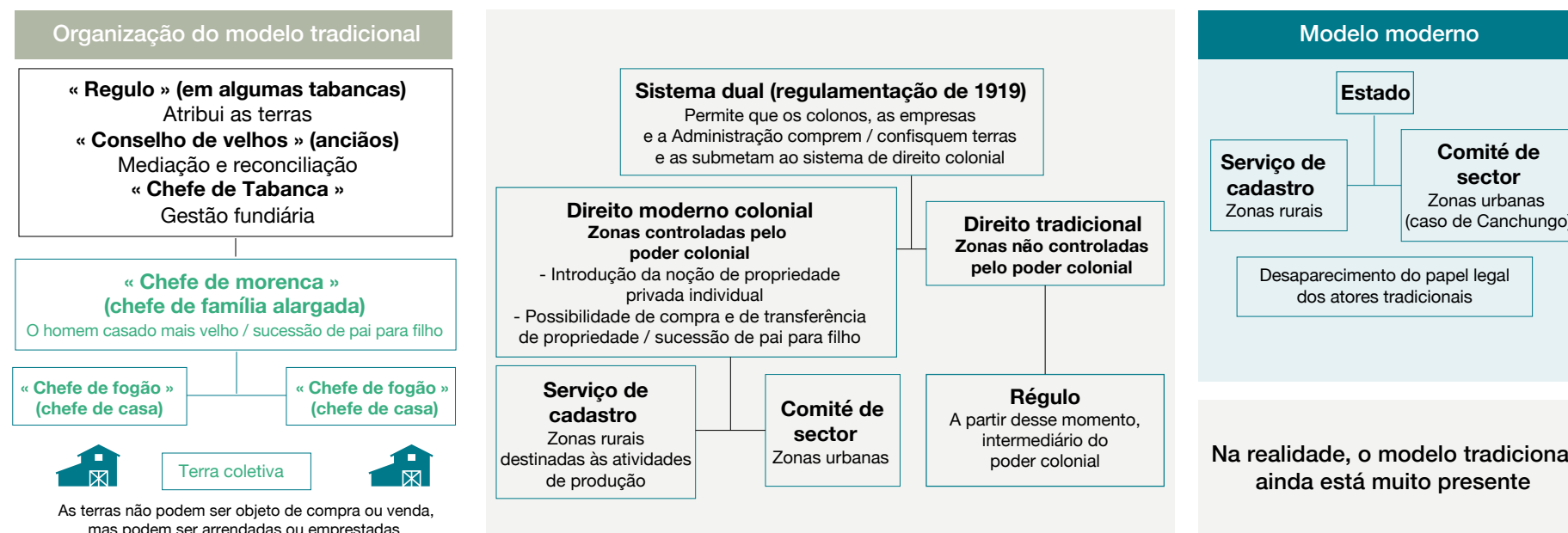
10. “População autóctone para fins fiscais”, administração colonial (1957).

A administração portuguesa apoiava-se em chefes locais para serem intermediários do poder administrativo colonial nas zonas remotas do país. Os régulos permitiram, deste modo, o estabelecimento do poder colonial a nível local e a dissipação de numerosas revoltas da população. Eles eram submetidos à autoridade de um chefe de posto, que tinha, nomeadamente, competências em matéria de obras públicas e de ordenamento do território. Os recursos fundiários entraram, então, num sistema “dual”, onde o direito tradicional (descrito acima) e o direito colonial (propriedade privada individual e sucessão) coexistem. Assim, a administração colonial tinha a possibilidade de comprar e de confiscar terras, enquanto uma parte do território era gerida pelos régulos, segundo as regras anteriores à colonização (Figura 4).

No início dos anos 1940, os portugueses, que estavam, até então, sobretudo instalados nas zonas costeiras (zonas acessíveis pelo mar ou pelos rios), focalizaram os seus esforços na parte continental. Símbolo desta mudança de abordagem, eles transferiram a capital para o continente (para Bissau), em 1942, e lançaram obras para estruturar uma modesta rede de cidades do interior, dentre as quais Teixeira Pinto.

A partir dos anos 1960, em resposta às insurreições e reivindicações do povo, o governador da época, António Spínola, lançou o programa “Guiné Melhor”, visando ganhar popularidade junto a uma população sob uma crescente influência do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo-Verde) e de diferentes movimentos nacionalistas dos países limítrofes. Este programa previa, nomeadamente, a implementação de planos de urbanismo nas cidades coloniais portuguesas, como Teixeira Pinto, que correspondiam a um modelo unitário, tanto na arquitetura das construções, quanto na conceção espacial (traçado urbano).

Figura 4 - Organização das gestões fundiárias tradicional e colonial



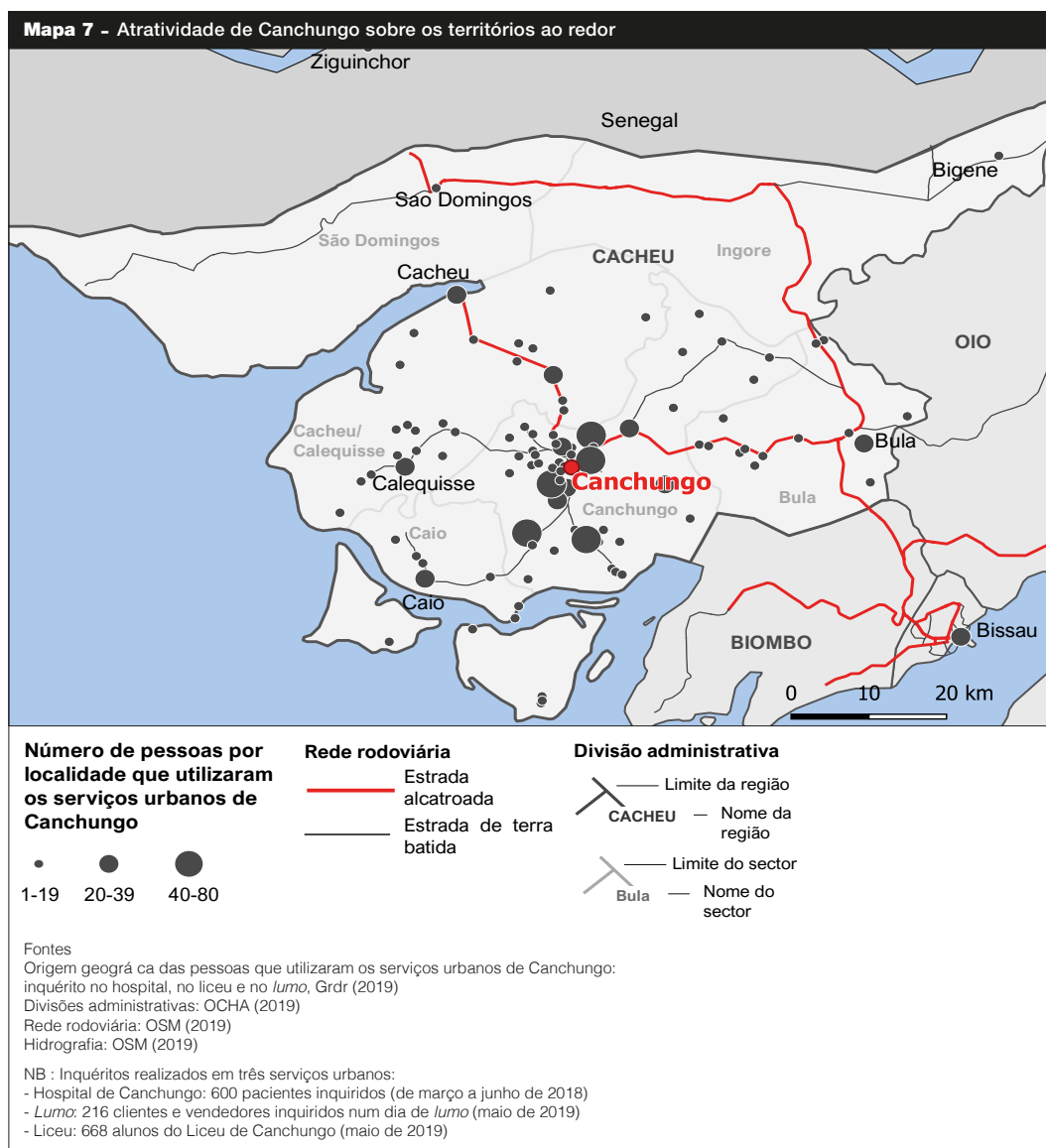
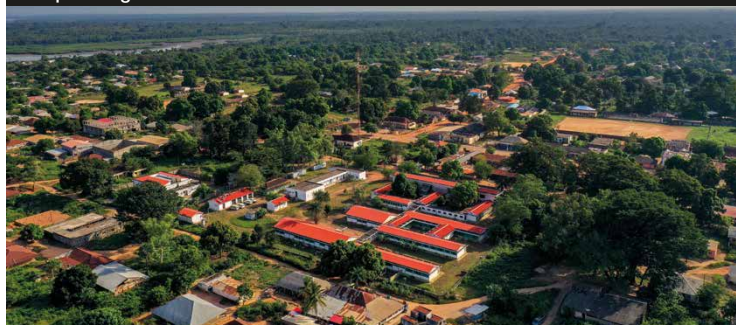
1.2.2 CANCHUNGO, CIDADE DE LIGAÇÃO DA REGIÃO DE CACHEU E CONECTADA AO ESTRANGEIRO

Canchungo é, hoje em dia, o centro urbano mais povoado da região de Cacheu. Embora as infraestruturas administrativas regionais estejam localizadas em Cacheu (capital da região), Canchungo beneficia de uma dinâmica demográfica favorável. Esta atratividade explica-se pela sua posição de cruzamento e pela relativa boa conexão do centro urbano à capital e a outras cidades¹¹ do interior do país, assim como pela presença de infraestruturas sanitárias (Hospital Regional) e educativas (Liceu Ho Chi Minh), das quais as outras cidades da região estão desprovidas (Mapa 7).

Foto 9 - Canchungo concentra os serviços educativos da região de Cacheu: Liceu Regional Ho Chi Minh



Foto 10 - Canchungo concentra os serviços sanitários da região de Cacheu: Hospital Regional de referência

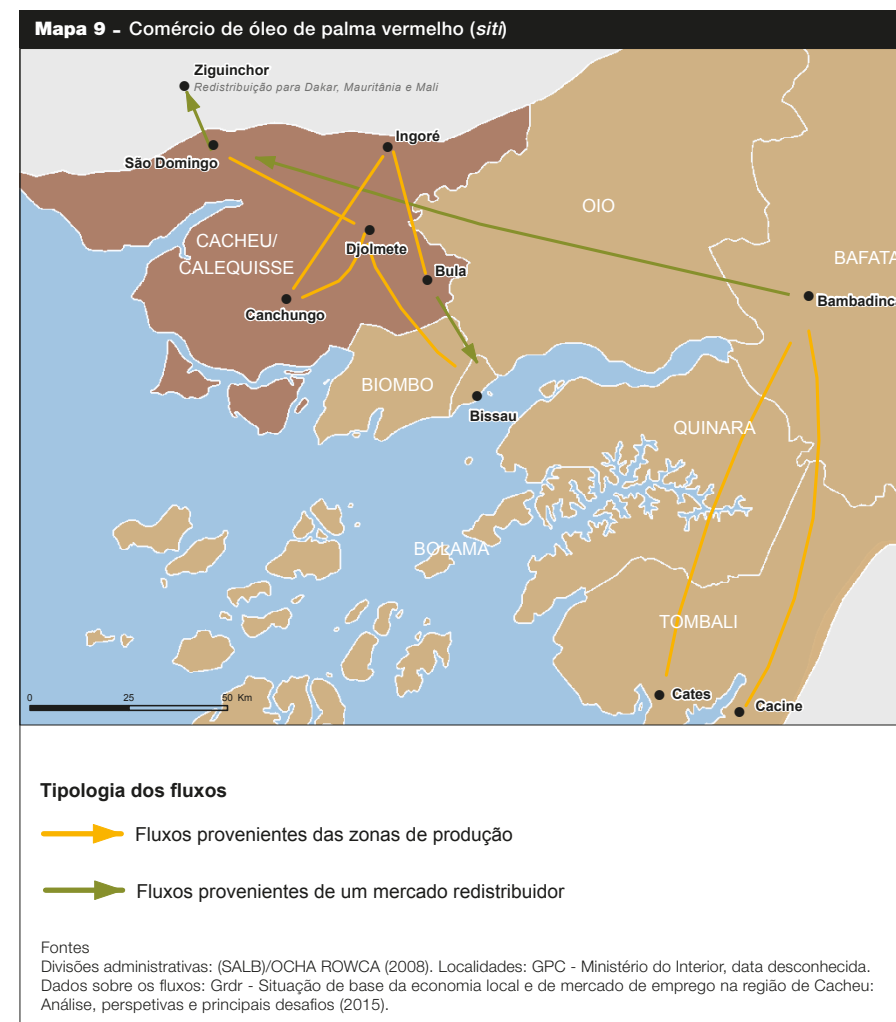
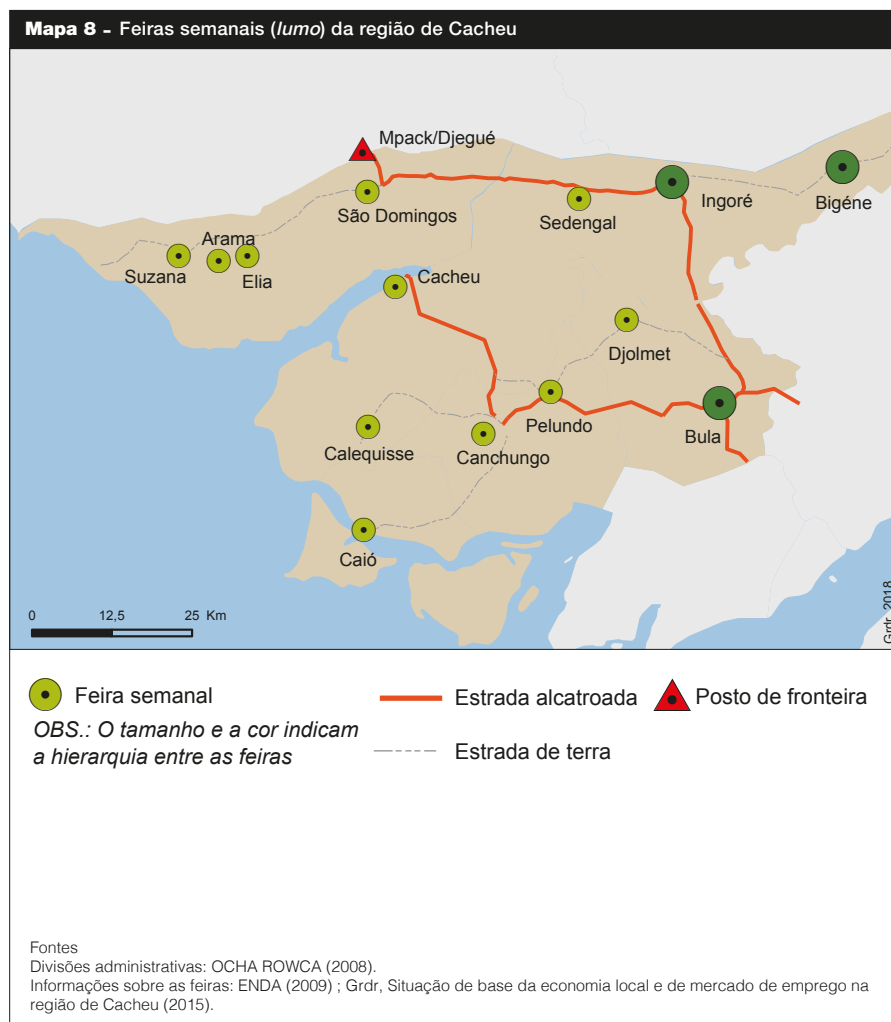


11. Esta conexão existe desde os anos 1940, através do desenvolvimento do comércio colonial. Facilitada pela plataforma de betão do cais de Teixeira Pinto, que foi uma infraestrutura fundamental para permitir as exportações.

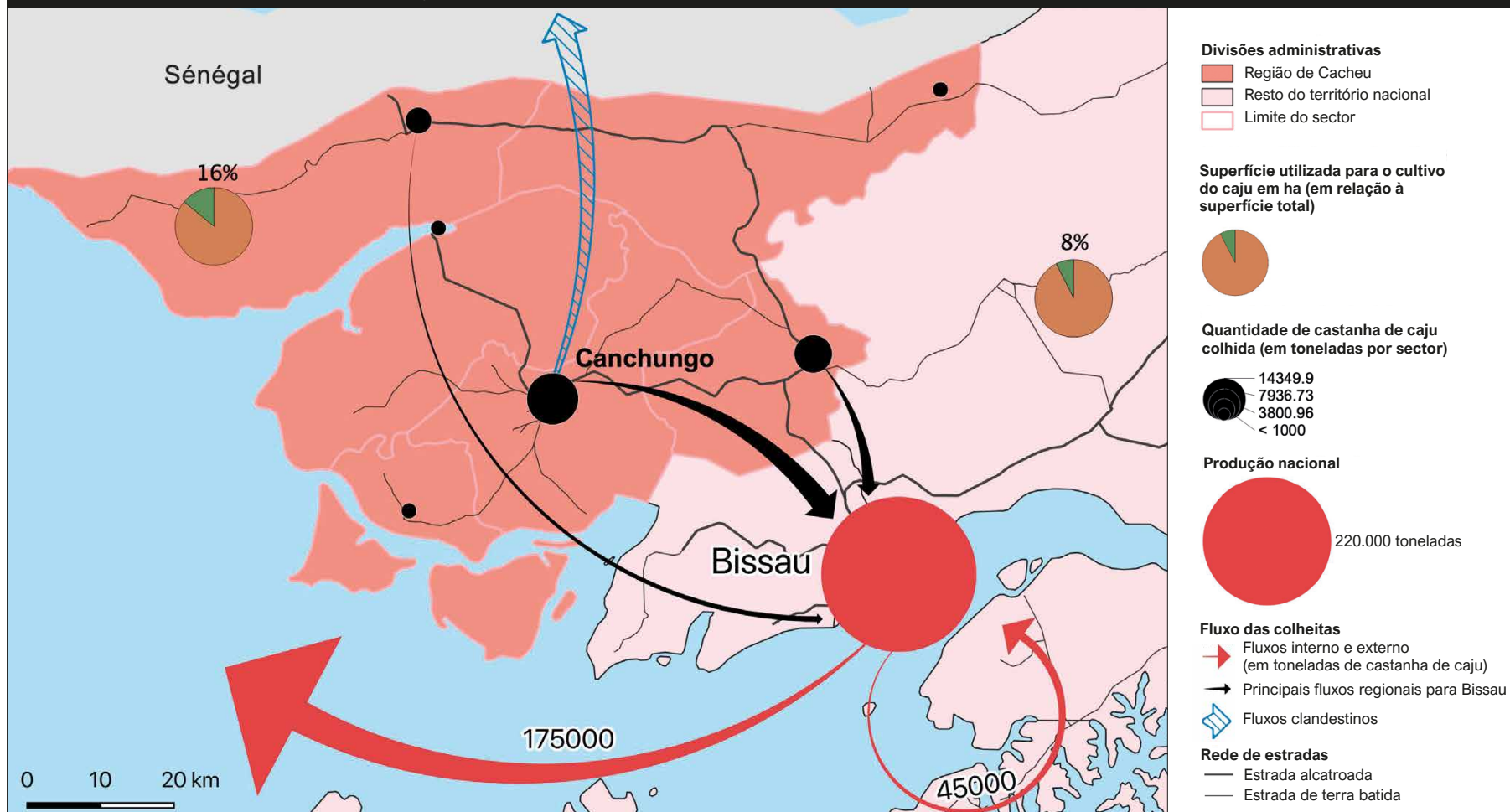
Canchungo está, além disso, no coração de uma região integrada às redes mercantis sub-regionais e mundiais. A sua feira semanal, “*lumo*”, faz parte da rede de mercados que intermedeiam a região (Mapa 8). Ela é o local de importantes transações económicas, relativas, principalmente, a produtos provenientes da agricultura (arroz, óleo de palma, horticultura, mancarra, etc.), colheita, pesca e, em menor escala, pecuária. Além disto, Canchungo é um dos pontos nevrálgicos da fileira do caju¹² na Guiné-Bissau, pois está localizada no coração da primeira região produtora de

castanha de caju (Cacheu) e dispõe de infraestruturas e serviços que possibilitam as transações económicas (armazéns, bancos, etc.), (Mapa 9 e Mapa 10).

Desse modo, a situação geográfica de Canchungo (entre zonas de produção e de comercialização) assim como a presença de infraestruturas e de serviços básicos e comerciais explicam porque Canchungo tem uma influência significativa na sua região e ocupa um lugar importante na rede urbana nacional e sub-regional.



12. Cultivo que representa 90 % das receitas de exportação, 18 % do PIB, 85 % dos empregos e 33 % dos rendimentos dos agregados familiares da Guiné-Bissau: Manga (2016) e Grd (2017).

Mapa 10 - Canchungo, capital de um sector no coração das fileiras regional e nacional do caju

Fontes

Divisões administrativas: OCHA e Grdr

Superfície utilizada para o cultivo do caju: Estudo de referência sobre a fileira do caju nas regiões de Cacheu e de Oio, Grdr (2016)

Quantidade de castanha de caju colhida: Estudo de referência sobre a fileira do caju nas regiões de Cacheu e de Oio, Grdr (2016)

Produção nacional: Estudo de referência sobre a fileira do caju nas regiões de Cacheu e de Oio, Grdr (2016)

Rede de estradas: OSM (2019)

NB: Dados de 2015

1.3 UMA PEQUENA CIDADE RURAL QUE SE URBANIZA...



Foto 11 - Mãe-d'água (mãe de iagu) herdada do período colonial

1.3.1 A CIDADE COLONIAL

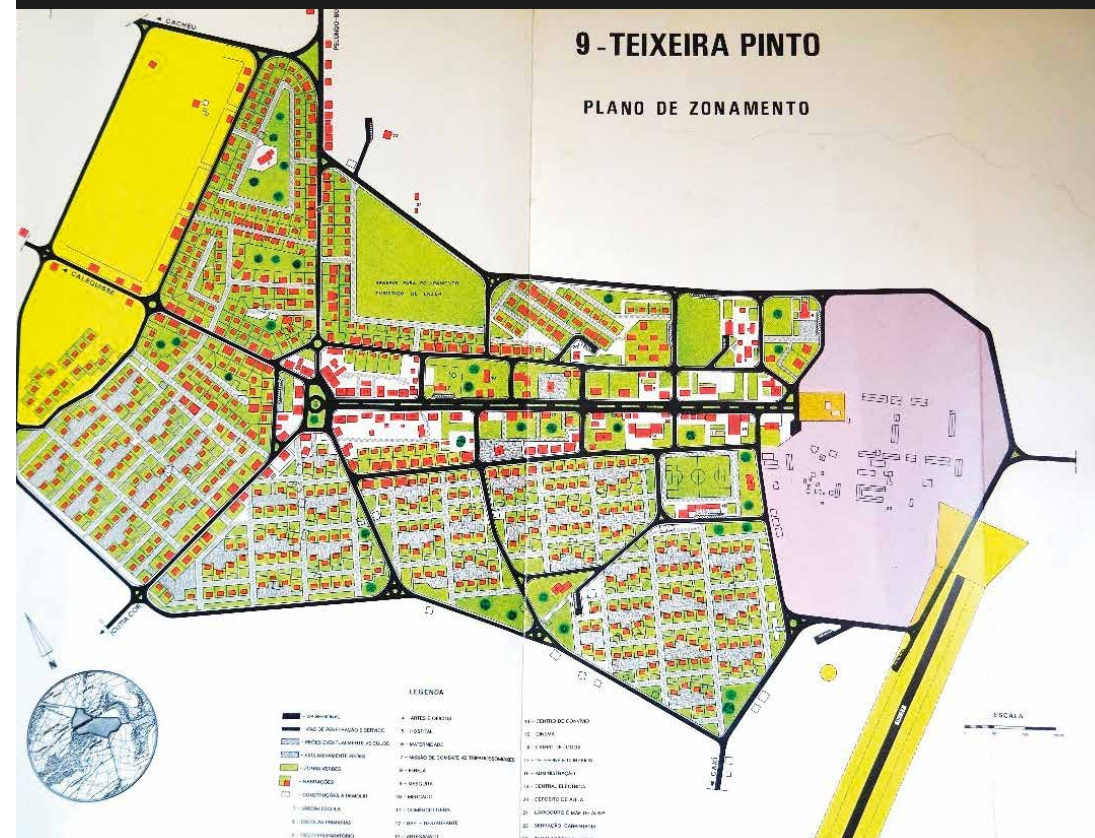
Durante o período colonial (1915 a 1974), a cidade de Teixeira Pinto (chamada atualmente de Canchungo) era organizada ao longo de cada lado da Avenida Central (atual Avenida Titina Sila). Esse período foi o de construção de infraestruturas que ainda hoje marcam a paisagem urbana: escola primária, rede de esgotos e de abastecimento de água potável, igreja católica, residências de funcionários públicos e médicos, campo militar, aeroporto, administração do sector, plataforma de desembarque de navios, cinema, etc. ([Mapa 11](#) e [Fotos 11, 12, 13 e 14](#)). Também foi nesse período que se observou o aparecimento de novos materiais de construção, como telhas, e a adoção do modelo “retangular” para as casas, que suplantou a arquitetura circular, até então majoritária. Os serviços básicos eram feitos por uma rede de abastecimento de água e uma instalação elétrica, composta por três geradores a gasóleo e quatro transformadores, localizados nas principais administrações. A última ação pacífica dos portugueses antes da independência foi a realização de um plano de zoneamento, em 1973 ([Foto 15](#)), muito pouco respeitado depois da independência.

Mapa 11 - Mapa da cidade de Canchungo

Fontes

Construções: Dados do OSM completados por fotointerpretação (imagem do Google Earth de 2018), Grdr (2019) - Pontos de referência: Grdr (2019) - Rede rodoviária: OSM (2019) - Hidrografia: OSM (2019)

Limites dos bairros: Inquérito de terreno e cartografia participativa, Grdr (2019)

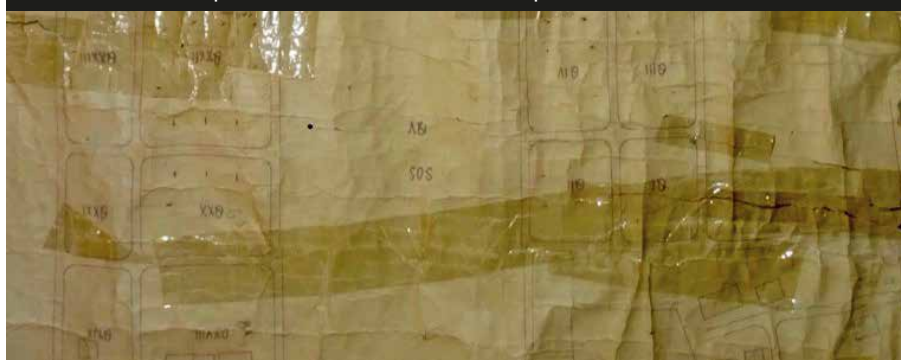
Fotos 12-13-14 - Infraestruturas herdadas do período colonial**Foto 15 - Plano de zoneamento de Teixeira Pinto (atual cidade de Canchungo), 1973**

1.3.2 O CRESCIMENTO DA CIDADE APÓS A INDEPENDÊNCIA

A independência da Guiné-Bissau, obtida em 1974, depois de onze meses de guerra, modificou profundamente as políticas fundiárias guineenses e, por extensão, o tecido urbano. Tendo coordenado a guerra de independência, o PAIGC tomou o poder do país e promulgou uma nova lei da terra, em 1975, que estabelecia as bases do direito pós-colonial. Os princípios fundiários ditos modernos levaram, nomeadamente, à nacionalização das terras e à abolição das estruturas intermediárias tradicionais e do poder colonial. Contudo, de facto, as autoridades preexistentes ainda tiveram um lugar importante na vida local até a guerra civil de 1998. Após este conflito, uma lei fundiária, que manteve as mesmas diretrizes da lei de 1975, foi promulgada (**Caixa 2**). Esta lei enfatiza a vontade do Estado de retomar o controlo sobre a gestão fundiária e o ordenamento das cidades. Assim, em Canchungo, planos de loteamento foram elaborados para os bairros de Tchada, Catchobar e, em seguida, nos anos 2000, para o Bairro Novo (**Mapa 12**). Esta abordagem tinha duas metas: legalizar oficialmente os terrenos (divisão em lotes e emissão de títulos de propriedade) e alinhar as construções ao longo das vias. Segundo o grupo focal realizado em 2019, as terras apenas são vendidas em 12 de 21 bairros, principalmente nos do centro da cidade (*praça*) e nos bairros loteados.

Os períodos de instabilidade política após a guerra civil de 1998, além disso, enfraqueceram consideravelmente os serviços básicos (água e eletricidade), por falta de manutenção das infraestruturas existentes. Em 2002, o desligamento dos três geradores a gasóleo pôs fim ao serviço público de eletricidade e ao serviço de abastecimento de água potável, que alimentavam o centro da cidade (*praça*).

Fotos 16 - Um exemplo de documento de urbanismo: o plano de loteamento do Bairro Novo



Caixa 2 - Alguns princípios gerais da lei fundiária de 1998

A Lei da Terra de 1998, que visa uniformizar os modelos de gestão fundiária, estipula nomeadamente que:

1. Todo o território nacional, seja ele urbano ou rural, faz parte do domínio público do Estado.
2. Uma gestão fundiária tradicional pode ser mantida nas zonas reservadas às comunidades locais e obedecerá a uma das comunidades que as compõem (ou, na sua ausência, às disposições da lei) (...).
3. As terras, urbanas ou rurais e sem ocupação (com exceção das zonas de proteção integral e das que são ocupadas pelo Estado), podem ser utilizadas pela sociedade privada.

Por fim, esta lei também instaura o imposto fundiário (na Direção Geral de Contribuições e de Impostos, que é revertido, em seguida, ao tesouro público (60%), às comunidades locais (20%), às autoridades administrativas regionais e sectoriais (10%) e às autoridades fundiárias (10%), nas respetivas proporções indicadas entre parênteses), além da taxa de concessão e de transferência das taxas de concessões (no Serviço de Cadastro e Comité de Sector).

De igual modo, esta lei implementa o princípio de concessão, que permite a atribuição de direitos privados, sob a forma de arrendamentos enfitêuticos com duração máxima de 90 anos, automaticamente renováveis a cada três anos. A transferência de concessões é feita por sucessão hereditária e nenhuma pessoa, física ou jurídica, pode ser titular de direitos de uso privados, que, no seu conjunto, ultrapassem o limite de 100 hectares (produções familiares e privadas) e de 500 hectares (atividade económica), exceto sob a autorização do Conselho de Ministros.

As somas recolhidas através das cobranças de impostos e taxas serão destinadas à realização de ações de ordenamento público.



Assim, enquanto entre os anos 1970 e 1990, a cidade de Canchungo limitava-se a uma superfície de 2 km², organizada ao longo de cada lado da Avenida Central, a partir dos anos 2000, observa-se um desenvolvimento da cidade em direção ao nordeste do centro urbano (Pendingulo, Catacumba e, em seguida, Bairro Novo e Biniente Madina), ao longo da estrada alcatroada que a liga à Bula e Bissau (Mapa 13). A superfície construída atinge mais de 6 km² em 2018. Entre 1968 e

2015, as zonas habitadas passaram de 117 a 518,42 ha¹³, ou seja, uma expansão espacial de 77,43%. Esta expansão foi feita principalmente em direção às reservas fundiárias (zonas de plantações de árvores frutíferas e de cultivos pluviais) do norte do centro urbano. Ao sul, a expansão urbana foi travada por dificuldades de acesso à terra, nesta zona considerada como sagrada na cultura manjaca.

13. B. A. dos Santos (2016), Analyse de la croissance spatiale de la ville de Canchungo (Guinée-Bissau) de 1974 à 2015 [Análise do crescimento espacial da cidade de Canchungo (Guiné-Bissau) de 1974 a 2015]. 155p.

Mapa 13 - Uma pequena cidade rural que se estende ao longo das estradas alcatroadas

Fontes
 Mancha urbana de 1973: Plano de zoneamento, Direção das Obras Públicas (1973)
 Mancha urbana de 1990: Fotointerpretação (imagem de Landsat 1990), Grdr (2019)
 Mancha urbana de 2004: Fotointerpretação (imagem consultada no Google Earth, 2004), Grdr (2019)
 Mancha urbana de 2018: Fotointerpretação (imagem consultada no Google Earth, 2018), Grdr (2019)
 Limites dos bairros: Inquérito de terreno e cartografia participativa, Grdr (2019)
 Rede rodoviária: OSM (2019)
 Hidrografia: OSM (2019)

O Bairro Novo é emblemático do crescimento do centro urbano e da vontade da administração de controlar o desenvolvimento urbano (**Foto 17**). A partir de 2003, um plano de loteamento do bairro foi feito pela Direção do Ordenamento e das Obras Públicas. Lotes, de 1.000 a 1.500 m² em média, foram, assim, delimitados num terreno de 2 km² com plantações de caju, no sudeste da estrada alcatroada que vai até Bula e Bissau. Contudo, o trabalho de “loteamento” resume-se fundamentalmente ao

traçado de vias retilíneas e à demarcação de parcelas. O processo de legalização dos terrenos, exigido pelo Estado a partir desse momento na zona, prevê que 50% da superfície do lote adquirido seja revertida ao Estado (oficialmente, para a realização de infraestruturas públicas). O bairro é alvo de especulação imobiliária há alguns anos e os conflitos fundiários aumentam.

Foto 17 - Bairro Novo, uma zona loteada que se densifica pouco a pouco







CANCHUNGO PEQUENA CIDADE RURAL OU CENTRO URBANO?

2.1 MOBILIDADE URBANA E JOVENS CADA VEZ MAIS NUMEROSOS



Foto 18 - Jovens de Canchungo reunidos na praia

2.1.1 UM RÁPIDO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO

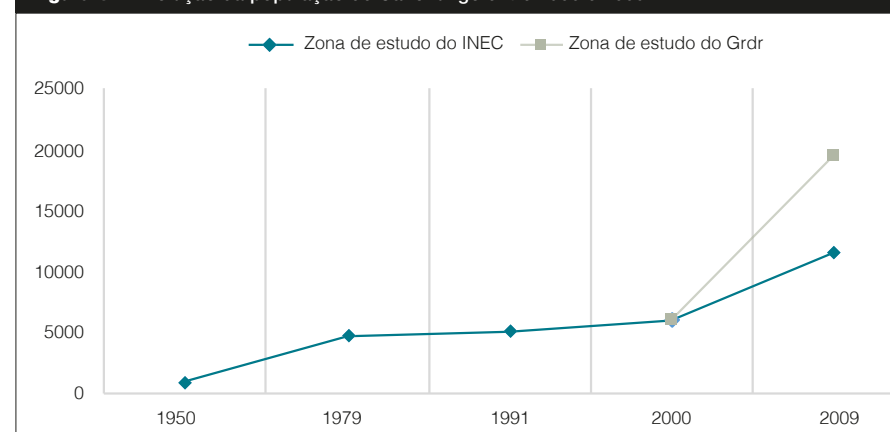
Em 1979, ano do primeiro censo nacional, a população da cidade de Canchungo era de 4.738 habitantes¹⁴. O segundo censo, de 1991, mostra uma população de 5.116 habitantes¹⁵, um aumento muito modesto de 500 moradores em 12 anos.

Foi apenas em 2009 que um novo censo nacional recenseou a população de Canchungo em 11.600 habitantes, o que revelou que a população havia dobrado desde o último censo, 18 anos antes¹⁶. Observa-se uma aceleração do crescimento, cuja maior parte teria ocorrido após a guerra civil, durante o período de 2000 a 2009, fenómeno relacionado, em parte, com o regresso dos exilados. Assim, durante a primeira década do século XXI, a população teria quase dobrado (ou triplicado, se considerarmos a zona de estudo). Em 2009, a cidade de Canchungo, segundo os limites definidos pelo INEC, tinha 11.600 habitantes, enquanto o centro urbano (zona de estudo considerada pelo Grdr) tinha 19.439 moradores, ou seja, cerca de 11% da população da região. Com um crescimento demográfico médio anual de 7% entre 1991 e 2009 (Figura 5), Canchungo ultrapassa o crescimento da capital Bissau (5,8%), assim como o de todo o território guineense (2,7%). Segundo as estimativas do Grdr¹⁷, baseadas nas projeções da AFRISTAT, a população de Canchungo seria hoje de cerca de 24.500 moradores, com uma densidade média de aproximadamente 1.000 habitantes por km².

Este recente e rápido crescimento demográfico é o resultado do crescimento natural da população já residente em 1991, assim como de um saldo migratório positivo, consequência do processo de urbanização que se desenvolveu em todo o território nacional e que beneficia as pequenas cidades como Canchungo.

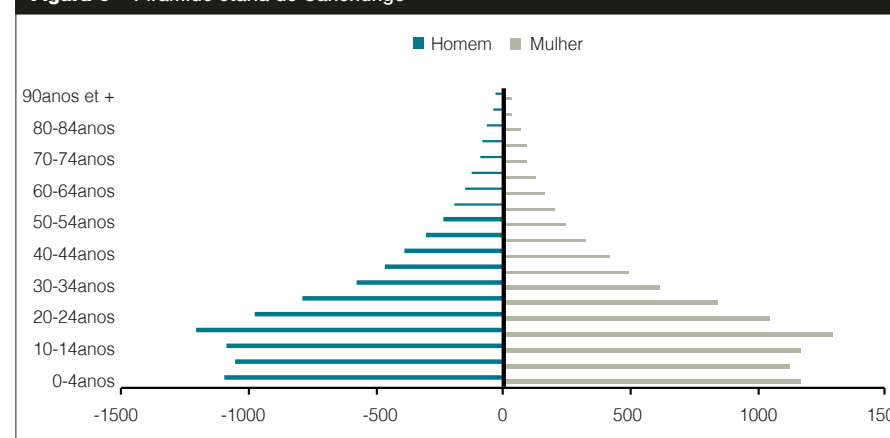
A população de Canchungo caracteriza-se pela sua juventude (Figura 6), a exemplo do resto do país. Contudo, ela diferencia-se do resto da Guiné-Bissau por uma proporção de menores de 15 anos levemente mais baixa (36% comparado a 42% a nível nacional) e uma população de jovens adultos mais alta (40% comparado a 36%). A presença de infraestruturas em Canchungo, relativamente raras através do país (liceu, hospital, etc.), atrativas para os adolescentes e os jovens, permite explicar a assimetria destes dados com as médias nacionais (36% para a categoria de 15 a 34 anos e 42% para a de menores de 15 anos).

Figura 5 - Evolução da população de Canchungo entre 1950 e 2009



Fontes
INEC (1950, 1979, 1991 e 2009) e Interpolação (Africapolis)

Figura 6 - Pirâmide etária de Canchungo



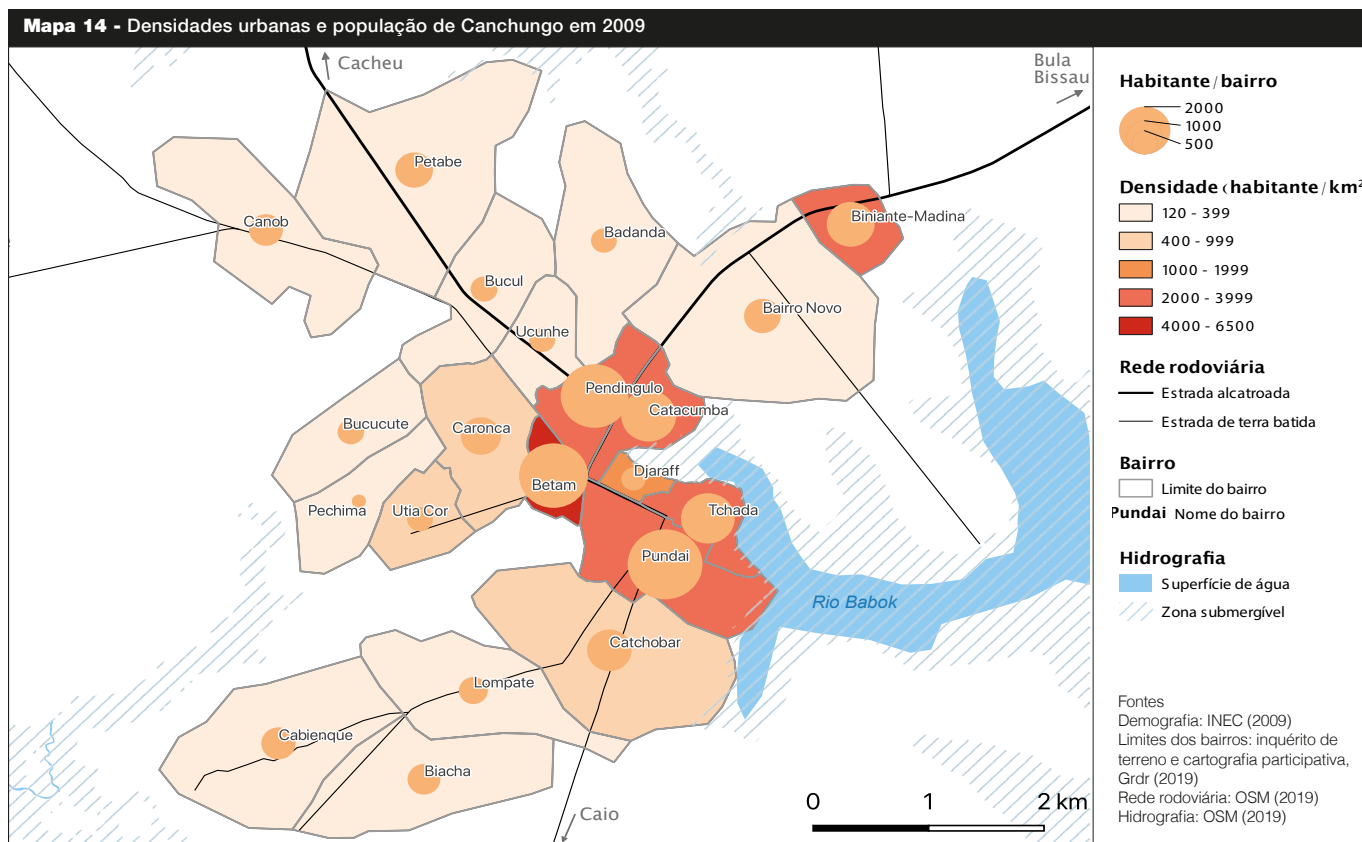
Fonte
INEC (2009)

14. INEC, CGP de 1979

15. INEC, CGP de 1991

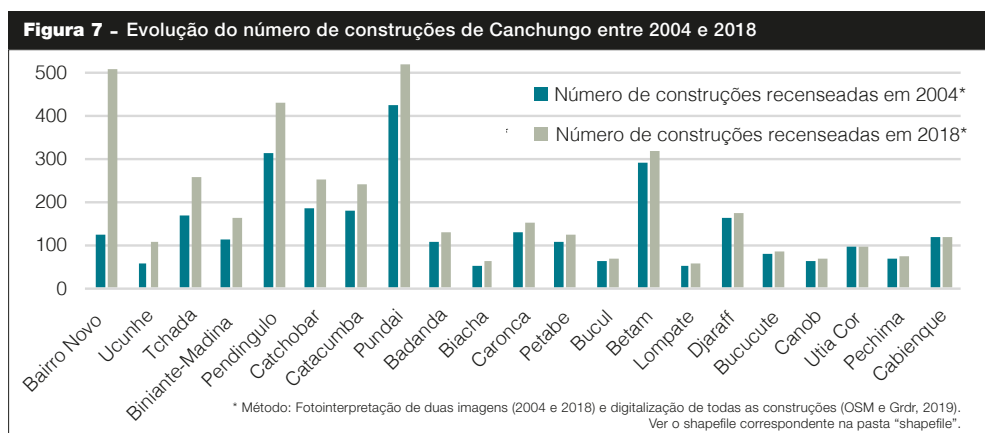
16. INEC, CGP de 2009

17. Censo do INEC (2009) / "PROJEÇÕES DEMOGRÁFICAS DA GUINÉ-BISSAU, 2009 A 2030", AFRISTAT e INEC (2013).



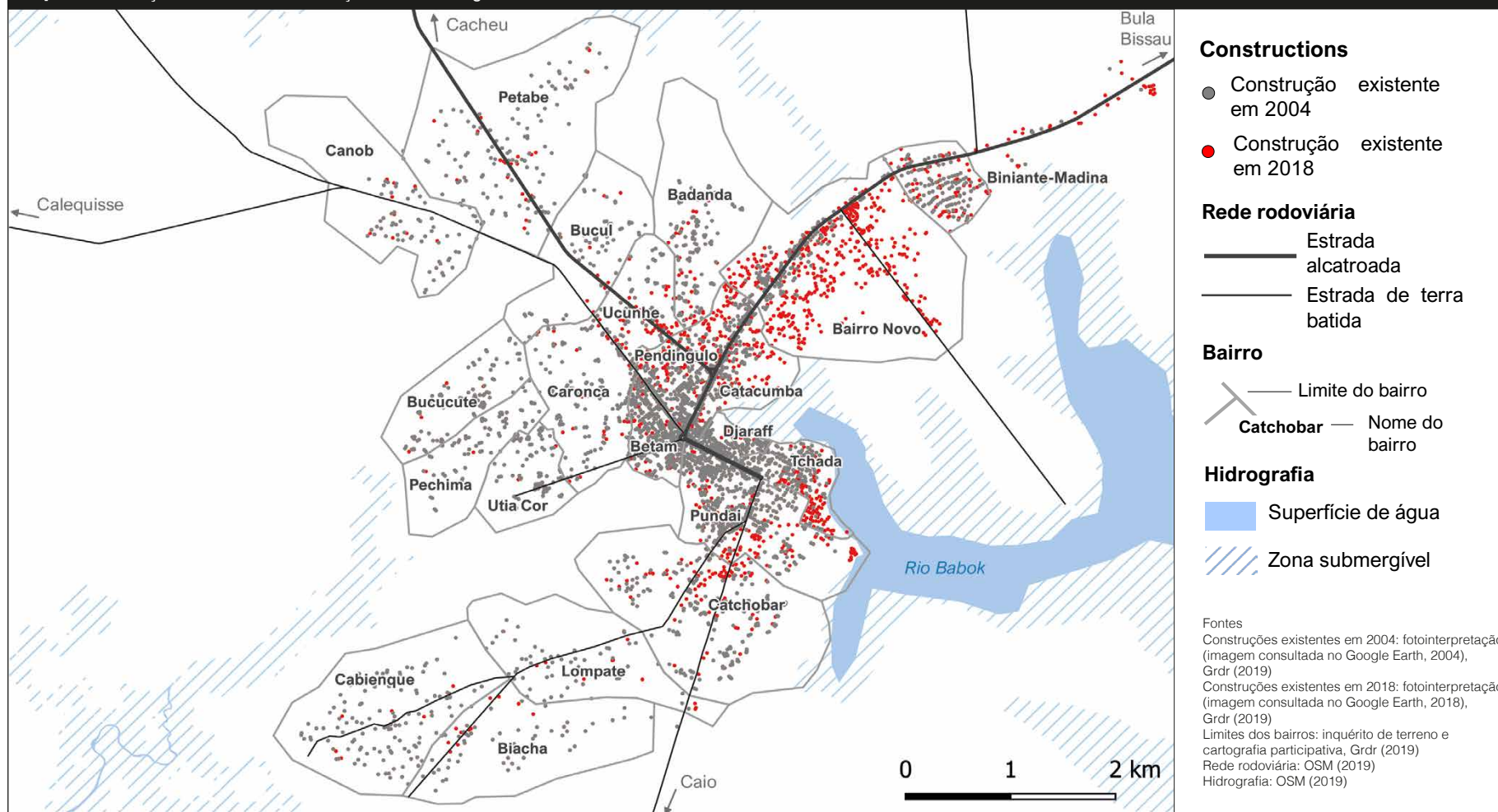
Com uma população que, segundo as diferentes estimativas, poderia chegar a 30.000 habitantes até 2050, Canchungo pode ser considerada como um centro urbano importante na escala do país. Dentro da cidade, observa-se, sem surpresas, que os bairros centrais concentram a maioria dos moradores, pois 56% da população estava concentrada em 13% da superfície do centro urbano em 2009¹⁸. As densidades atingem, em média, taxas entre 1.000 e 3.000 habitantes/km², características de pequenas cidades pouco densas. O bairro de Betam é o único que se diferencia dos outros, com uma densidade de 6.500 habitantes/km², comparável à de Bissau¹⁹ (Mapa 14).

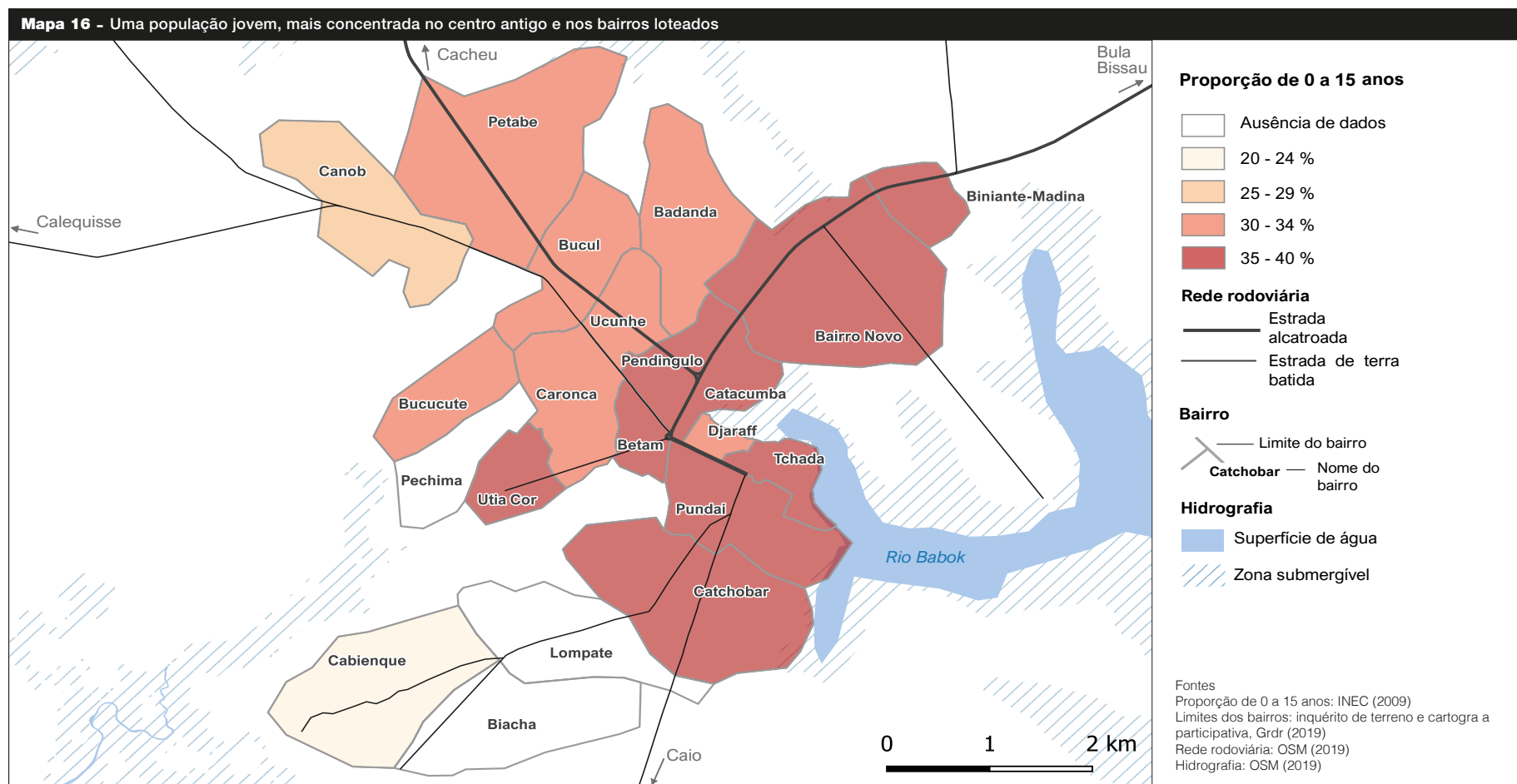
No entanto, a situação atual provavelmente evoluiu consideravelmente em vários bairros entre 2009 e 2019. A evolução do número de construções entre 2004 e 2018 (Figura 7 e Mapa 15) mostra um crescimento exponencial no Bairro Novo (+312%) e em Ucinhe (+87%), correlacionado com um crescimento similar da população. O Bairro Novo, hoje em dia, é provavelmente um dos bairros mais povoados de Canchungo, pois a sua população, no mínimo, dobrou e, possivelmente, triplicou.



18. Estudo do Grdr (2019)

19. https://www.oecd-ilibrary.org/development/l-urbanisation-des-pays-de-l-afrique-de-l-ouest-1950-2010_9789264252257-fr

Mapa 15 - Evolução do número de construções de Canchungo entre 2004 e 2018



Também é interessante observar que as crianças e os jovens estão fortemente representados nos bairros centrais, mas igualmente na periferia próxima, como em Catchobar, ou nos novos bairros loteados, como o Bairro Novo e Biniante Madina (Mapa 16). A disponibilidade e o preço dos terrenos e imóveis poderiam explicar esta “desconcentração” das famílias com crianças do centro da cidade (*praça*) em direção às periferias próximas.



Foto 19 - Jovens de Canchungo nos transportes

Quadro 1 - Características demográficas gerais de Canchungo

LIMITES DO ESTUDO DO GRDR (Centro urbano)		
População em 2009 (abordagem Africapolis)	19 349	
Densidade média	741 habitantes/km²	
Número de agregados em 2009 (abordagem Africapolis)	2477	
Tamanho médio dos agregados familiares	7,8 pessoas	
Homens	8812	48%
Mulheres	9461	52%
Menores de 15 anos	6 653	36%
15 a 34 anos	7 283	40%
35 a 49 anos	2 347	13%
50 a 64 anos	1 150	6%
Maiores de 65 anos	840	5%
Analfabetos	4 194	23%

Fonte: Censo do INEC (2009)



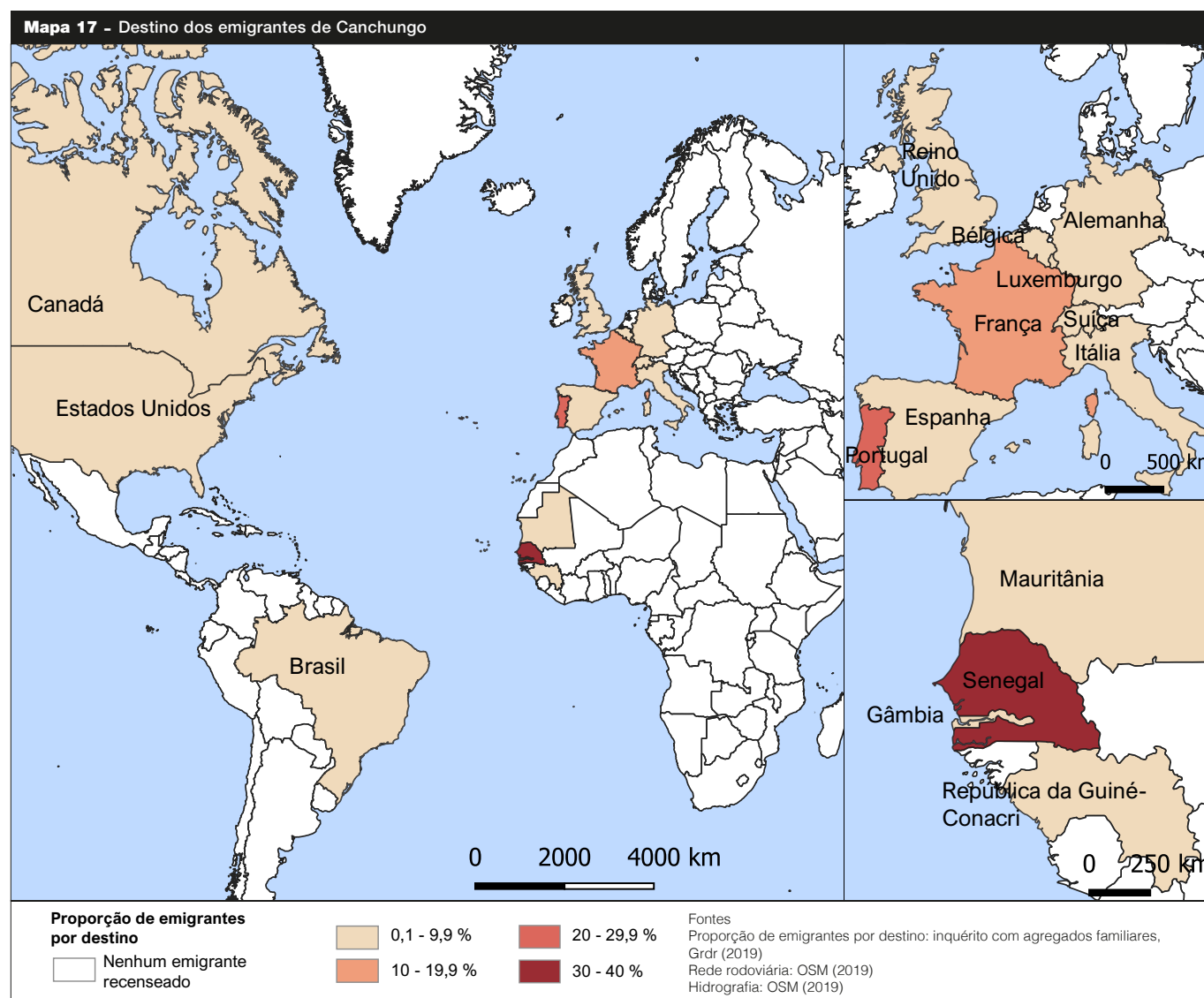
2.1.2 ANTIGAS MOBILIDADES

A posição geográfica de Canchungo insere-a, há muito tempo, em grandes dinâmicas migratórias.

Os conflitos independentistas e pós-independistas guineenses e senegaleses (guerra civil de 1998 e conflito na baixa e média Casamance) da segunda metade do século XX acarretaram grandes mobilidades de ambos os lados da fronteira com o Senegal.

Recentemente, observa-se um movimento de migração para a Casamance, para beneficiar de um sistema educativo mais desenvolvido e com melhor desempenho (nomeadamente a Universidade de Ziguinchor).

No entanto, ao contrário de outras cidades médias da região, Canchungo não é apenas um local de partida. As oportunidades económicas da cidade fizeram dela um território atrativo, tanto a nível regional, quanto a nível nacional e internacional.



EMIGRAÇÃO

Documentadas a partir do século XIX, as dinâmicas de emigração foram reforçadas durante o período colonial: “Estes movimentos aumentaram durante a primeira metade do século XX, devido, em particular, à continuação do trabalho forçado e do imposto até os anos 1960, mais de dez anos após a abolição destas medidas no Senegal. Nos anos 1950, estimava-se que mais de 5.000 pessoas emigravam a cada ano. A dureza das relações de produção e a relativa saturação fundiária em alguns régulos, além das diferenças de preços dos produtos comercializados e, certamente, a guerra de independência (1960 a 1973), fazem parte dos outros fatores que explicam estas partidas. A partir da Casamance, pessoas originárias da região emigraram, em seguida, para a Gâmbia e Dakar. Iniciaram-se, então, movimentos com destino a cidades portuárias da França (Marselha, Rouen, Toulon, etc.), a partir de Dakar. Os movimentos migratórios diversificaram-se desde então”²⁰.

Hoje em dia, 61% dos agregados familiares de Canchungo teriam, pelo menos, um membro que reside fora do sector²¹. Em média, contabiliza-se 1,9 migrante por agregado familiar. 63% destes fluxos estariam direcionados para o estrangeiro (40% para o Senegal, 30% para Portugal, 20% para a França, 5 a 10% para outros países da África do Oeste e da Europa e 3% para os Estados Unidos) (Mapa 17). 37% dos fluxos de partida do sector dirigem-se para o território nacional (com a grande maioria para a capital)²¹.

Quadro 2 - Associações da diáspora ativas em prol do sector de Canchungo	
Uma cidade conectada ao estrangeiro graças às atividades da sua diáspora	
PAÍS	Número de associações que intervêm no sector de Canchungo
França	13
Portugal	5
Senegal	15
Gâmbia	5
Espanha	2

Fonte: Inquérito do Grdr (2019)

A influência da diáspora sobre o desenvolvimento da cidade é significativa, tanto em termos económicos quanto em aspetos sociais ou culturais. As transferências monetárias, difíceis de estimar, servem como rede de segurança social para um agregado familiar em quatro e permitem-lhes arcar com as despesas correntes e ocasionais (festas religiosas, casamentos, etc.). Segundo o nosso inquérito, 23% dos agregados familiares teriam recebido uma ajuda financeira no mês anterior às entrevistas, com um montante médio de 96.500 FCFA por mês, uma soma significativa, equivalente ao rendimento mensal dos agregados de Canchungo²³.

A diáspora também investe em algumas infraestruturas e comércio (hotéis, restaurantes, discotecas e lojas). Estes esforços são, todavia, fortemente limitados por dificuldades administrativas (instabilidade política), que entravam as possibilidades de criação de empresas e de investimentos na Guiné-Bissau. Por fim, os manjacos residentes no estrangeiro investem muito na construção e na reabilitação de casas, que se tornam, frequentemente, modelos de arquitetura para o resto da população. Muitos manjacos fazem parte, no estrangeiro, de associações que implementam projetos em prol do desenvolvimento da sua região de origem. Além da dimensão das tabancas, existem grupos que intervêm na escala das secções, dos sectores ou da região.

Quadro 3 - Um investimento da diáspora desigual entre os bairros		
Investimentos dos emigrantes nos bairros de Canchungo		
Proporção de bairros onde os emigrantes investiram	21	100%
Proporção de bairros onde os emigrantes construíram ou renovaram casas	20	95%
Proporção de bairros onde os emigrantes fizeram investimentos económicos produtivos	9	43%
Proporção de bairros onde os emigrantes investiram dinheiro para “ajudar a população”	11	52%

Fonte: Grupo focal, Grdr (2019)

20. Monografia da Região de Cacheu, Grdr (2017)

21 à 23. Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019).

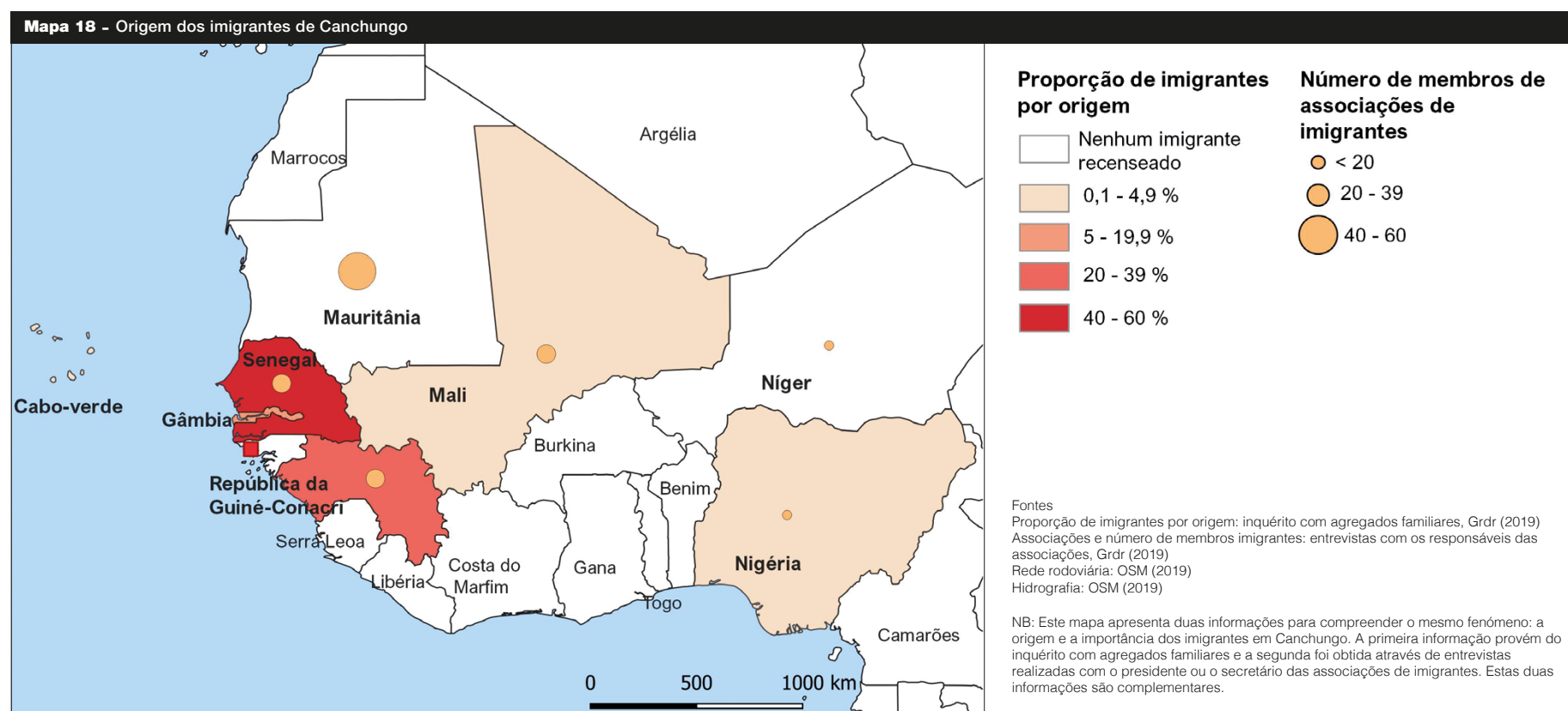
IMIGRAÇÃO

A imigração está menos documentada, particularmente em relação ao período mais antigo. Durante o período colonial, as atividades de comércio na cidade de Teixeira Pinto eram monopolizadas por portugueses, cabo-verdianos e libaneses. Havia um único comerciante balanta à época, conhecido como Inácio, o “Big”. Hoje em dia, as atividades de comércio são maioritariamente praticadas pelos fulas (vindos do leste da Guiné-Bissau, regiões de Gabu e Bafatá, bem como da Guiné-Conacri) através de tabernas e lojas²⁴. Logo, haveria uma imigração há muito tempo, principalmente motivada por atividades comerciais, sector relativamente restrito numa cidade com alguns milhares de habitantes à época, o que nos faz

pensar que esses imigrantes não eram muito numerosos.

Recentemente, novos fluxos de pessoas, provenientes do Senegal, da Mauritânia, da Gâmbia e da Guiné-Conacri, parecem ter-se desenvolvido, também por motivos económicos (castanha de caju, pesca e comércio)²⁵.

17% dos moradores da região de Canchungo não teriam nascido na cidade. Ao contrário do fenómeno de emigração, constata-se que Canchungo recebe muito mais guineenses do que estrangeiros, com uma proporção de 80% de guineenses e de 20% de estrangeiros²⁶.



24. « Analyse de la croissance spatiale de la ville de Canchungo 1974-2015 » [Análise do crescimento espacial da cidade de Canchungo, 1974 a 2015], António Dos Santos (2016).

25. Monografia da Região de Cacheu, Grdr (2017), e Monografia de Canchungo, Grdr (2017).

26. Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019).

Quadro 4 - Associações de imigrantes fortemente mobilizadas em Canchungo			
Associações de imigrantes ativas			
País	Ano de criação da associação	Número de membros da associação em 2019	% que investiu em Canchungo
Níger	2017	15	13%
Guiné-Conacri	2014	50	20%
Senegal	1997	36	59%
Nigéria	2013	18	63%
Mauritânia	2014	68	43%
Mali	2007	23	73%

Fonte: Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019)



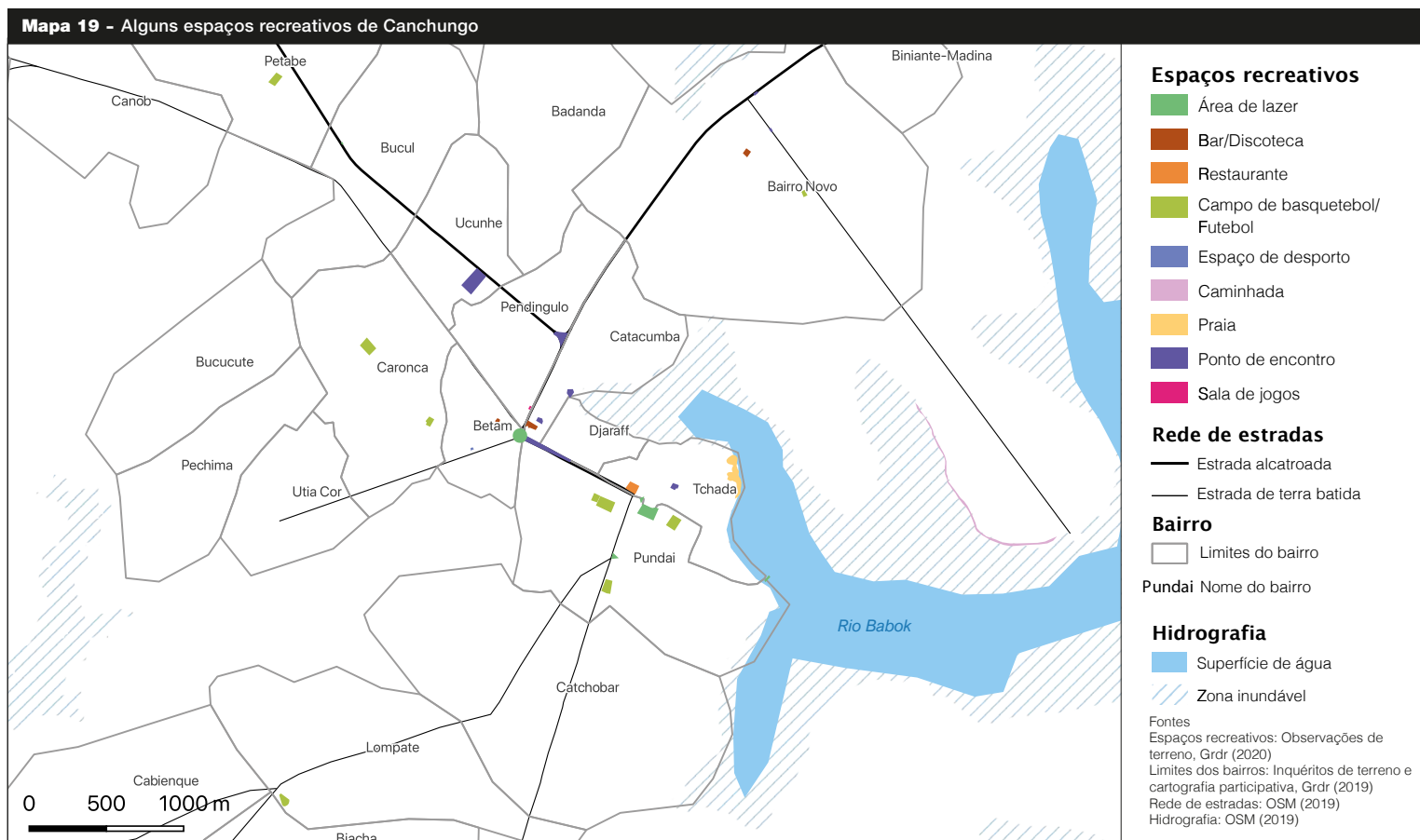
Foto 20 - Uma cena da vida em Canchungo

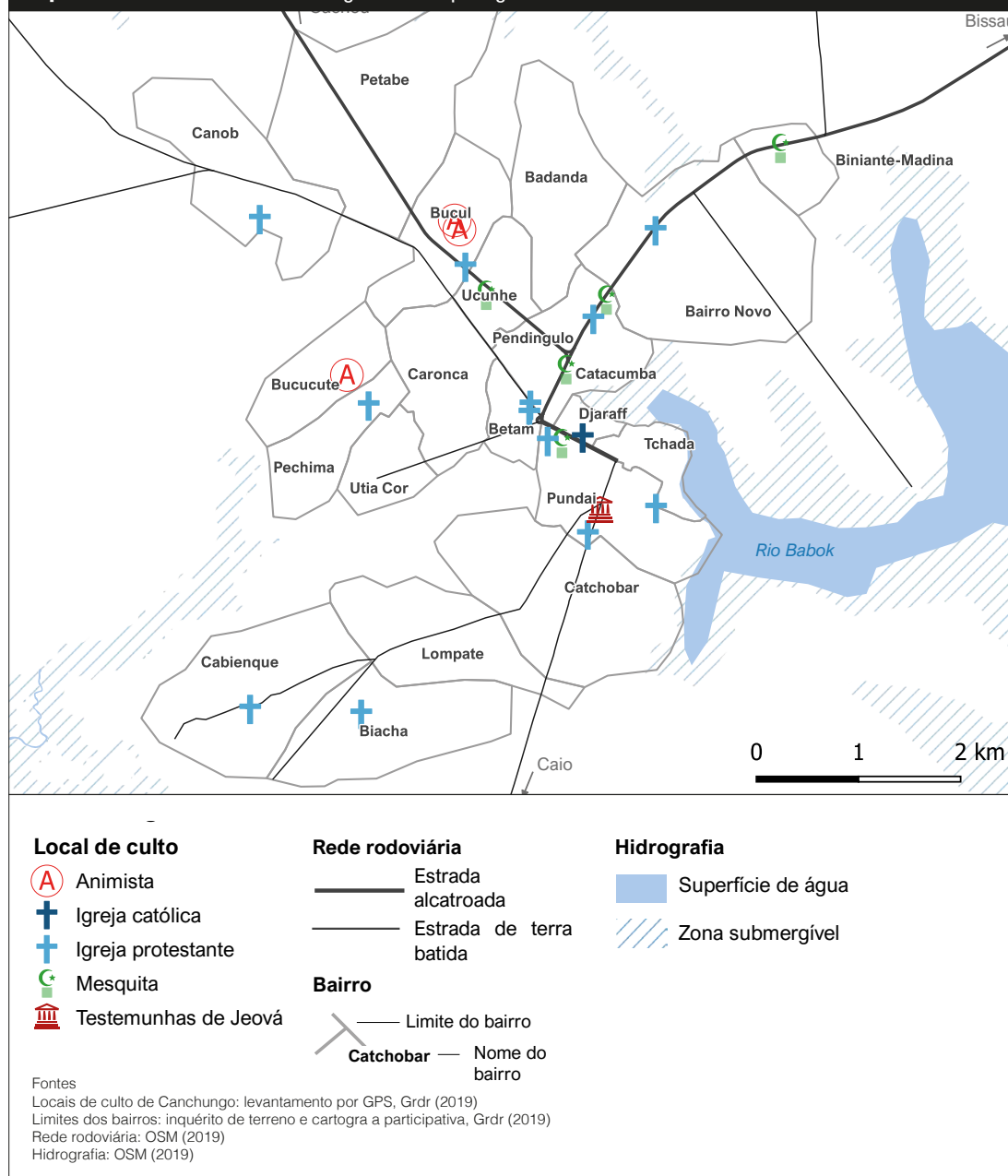
2.1.3 CULTURA, LAZER E MUTAÇÕES SOCIAIS

Os eventos familiares, culturais e de lazer ocupam um lugar preponderante em Canchungo. O Carnaval da cidade, que ocorre à margem das festividades nacionais, demonstra a herança cultural deixada pelos portugueses.

A cidade vive ao ritmo dos casamentos e das celebrações da vida dos defuntos (*Tchur*), que ocupam o espaço privado (da casa, da varanda e do quintal) e o espaço público do bairro. A estes eventos sociais muito frequentados somam-se a prática de diversos jogos (*video games* e máquinas caça-níqueis), as saídas nas discotecas, bares ou restaurantes, etc., mais características de um modo de vida urbano (Mapa 19).

Estas atividades sociais, em mutação, transparecem no território através de uma utilização distinta do espaço público, segundo os pertencimentos sociais e culturais de cada bairro. As atividades comerciais, cada vez mais numerosas no centro da cidade (*praça*) e ao longo das principais estradas alcatroadas, facilitaram o desenvolvimento de atividades características da vida urbana, como a presença de vendedores ambulantes de sandes ou de bebidas instalados no espaço público (avenida principal, diante das casas, etc.).



Mapa 20 - Uma forte influência da religião sobre a paisagem urbana**Caixa 3** - A importância das atividades religiosas em Canchungo²⁷

Há 60 anos, o universo religioso de Canchungo apresenta uma considerável evolução. Primeiramente na paisagem urbana, pois os locais de culto passaram de 2 a 18 atualmente, com não menos do que quatro movimentos de confrarias diferentes e um movimento religioso. Este processo, desencadeado por movimentos religiosos internacionais (provenientes, principalmente, da sub-região, da Europa e da América Latina), que financiam, às vezes, a construção de espaços de culto e a sua instalação local, acelerou-se nos últimos 20 anos. A implantação desses movimentos algumas vezes é facilitada pelas autoridades locais (por intermédio, nomeadamente, de doações de terrenos).

Ao mesmo tempo, serviços religiosos desenvolveram-se a favor das populações (14 repertoriados, principalmente educativos), o que encoraja, assim, a sua adesão a certos movimentos religiosos. Todavia, outros meios e estratégias são utilizados para ganhar fiéis (cura de doentes, proposta de resolução de problemas pessoais pontuais, etc.) e revelam-se, frequentemente, mais eficazes.

O papel social desempenhado pelos movimentos religiosos através dos seus serviços sociais (escolas religiosas, sistemas de apadrinhamento de alunos, etc.) fez com que se tornassem atores incontornáveis do desenvolvimento da cidade de Canchungo.

Além disso, as atividades religiosas são, em certos bairros, uma ferramenta de planificação urbana utilizada pelos moradores (por exemplo, a interdição da construção de outros tipos de edifícios religiosos além de mesquitas no bairro de Biniante Madina). As estratégias de ocupação territorial, favorecidas pela tendência de concorrência entre os movimentos, manifestam-se, em certos casos, por um número de construções de edifícios algumas vezes desmedido em relação ao tamanho da população visada (Mapa 20).

27. Fonte: *Entreprises culturelles en région littorale: les pêcheurs d'hommes à Canchungo* [Empreendimentos religiosos na região litorânea: os pescadores de homens de Canchungo], René Manga (2016).

Foto 21 - Construções religiosas que estruturam a paisagem urbana: igreja católica



Foto 22 - Utilização da varanda como local de vida e de trabalho (cozinha, lavagem de roupas, costura, etc.)



Foto 23 - Utilização do espaço público para fins comerciais (vendedora de peixe frito)



Foto 24 - A rotunda, um espaço de vida público e uma infraestrutura central na rede urbana





Foto 25 - Tchada, a praia ao anoitecer

2.2 ESQUEMAS DE OCUPAÇÃO DIFERENCIADOS

Caixa 4 - Características da morfologia de diferentes bairros de Canchungo

1. Centro histórico da cidade

Estruturado ao longo de cada lado da avenida principal Titina Sila, o plano parcelar característico do urbanismo colonial foi organizado em torno de vias de acesso retilíneas. As parcelas, de cerca de 600 m², são geralmente ocupadas por uma casa principal e um campo de casa, que serve para a horticultura e pequenas criações de animais.

2. Bairros centrais

Os bairros que se desenvolveram em torno do centro histórico caracterizam-se por vias mais sinuosas, que formam eixos concêntricos ao redor da rotunda. As construções estão relativamente bem alinhadas ao longo das vias, sinal de que beneficiaram de operações de loteamento mais ou menos recentes. Há muitas árvores e espaços verdes.

3. Novos loteamentos - Bairro Novo

O recente loteamento do bairro, ao sul da estrada alcatroada que vai até Bissau, traduz-se em enormes parcelas (em torno de 1.200 m²), organizadas numa grelha retilínea. A densidade é degressiva à medida que nos afastamos da via principal. Grandes casas e numerosos canteiros de construções, às vezes inacabados, dividem o espaço com plantações de caju, que ainda representam uma boa parte da superfície do bairro.

4. Bairros periféricos rurais

Os bairros periféricos rurais não foram loteados. As vias estreitas e sinuosas, adaptadas às passagens de piões, ligam as moradias, reunidas em pequenos conjuntos, e permitem o acesso às estradas principais que vão até o centro da cidade (*praça*). As parcelas de habitação são grandes e também abrigam, em geral, uma atividade agrícola (horticultura, cultivos de subsistência, etc.)

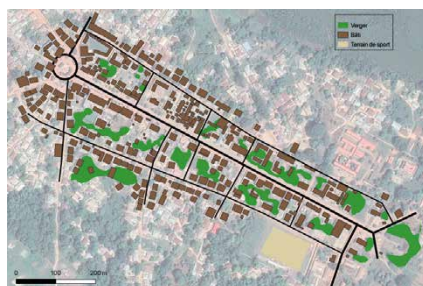
2.2.1 FORMAS URBANAS: ESQUEMAS DE OCUPAÇÃO DIFERENCIADOS

2.2.1.1 TIPOLOGIA DOS DIFERENTES BAIRROS

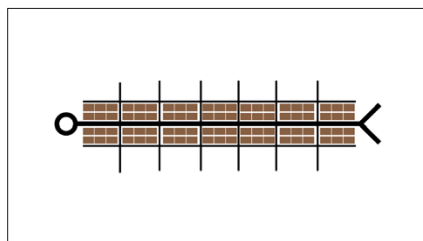
O estudo da morfologia urbana de Canchungo permite identificar os eventos que influenciaram os diferentes regimes fundiários e o ordenamento da cidade. A partir da estrutura urbana colonial de Teixeira Pinto, “quadrilhada” em torno da avenida central, a cidade expandiu-se progressivamente em direção às tabancas vizinhas. Os sucessivos planos de loteamento de certos bairros coincidem com as ambições governamentais de generalizar uma gestão fundiária centralizada, em detrimento da gestão historicamente implantada (Caixa 4). Enquanto os bairros periféricos e centrais apresentam esquemas de organização espacial bem identificados, os bairros intermediários são, na realidade, uma superposição dos dois modelos existentes (Figura 8).

Figura 8 – Estudo da morfologia urbana de Canchungo**TIPOLOGIA DOS BAIRROS E FORMAS URBANAS****1- CENTRO HISTÓRICO**

Vista aérea do centro histórico da cidade



Bairro loteado e alta densidade de construções, baixa densidade de cobertura vegetal.



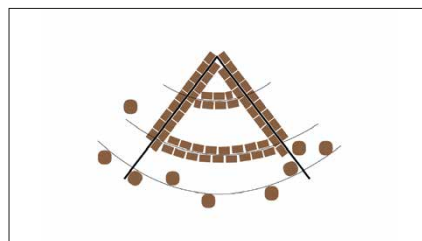
Pequenas parcelas alinhadas em “grelha” ao longo das vias, a Avenida Titina Sila estrutura a morfologia urbana do bairro.

2- BAIRROS CENTRAIS

Vista aérea dos bairros centrais



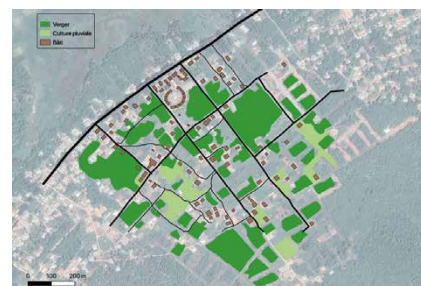
Bairros parcialmente loteados, alta densidade de cobertura vegetal na periferia, grande densidade de construções próximas do centro ou ao longo das estradas.



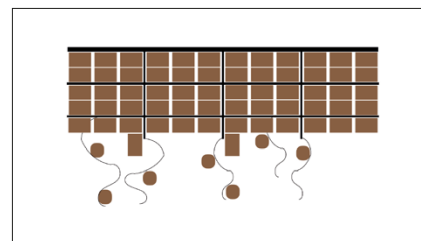
Pequenas parcelas alinhadas ao longo de vias relativamente estreitas e sinuosas.

3- NOVOS LOTEAMENTOS: BAIRRO NOVO

Vista aérea dos novos bairros loteados



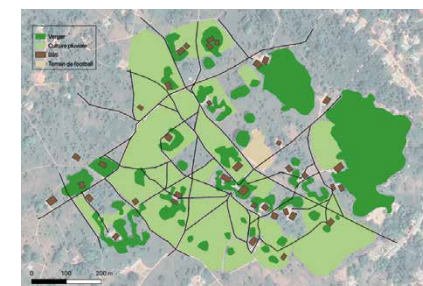
Bairro loteado, densidade decrescente de construções em função da distância com a estrada alcatroada, alta densidade de cobertura vegetal, pouca exploração de cultivos pluviais.



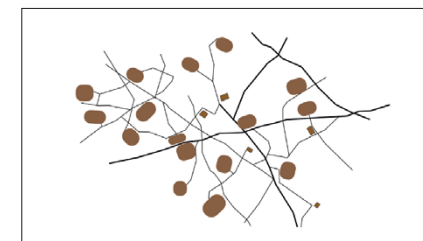
Grandes terrenos, alinhados ao longo de vias traçadas em “grelha”, próximos da estrada alcatroada. Transição para uma organização mais rural do espaço quando nos distanciamos.

4- BAIRROS PERIFÉRICOS RURAIS

Vista aérea de um bairro periférico rural



Ausência de loteamento, baixa densidade de construções e densidade de cobertura vegetal relativamente pequena, grande exploração de cultivos pluviais.



Traçado das vias desorganizado. Formação de pequenos conjuntos a partir de alguns terrenos, situados próximo das vias.



Foto 26 - Vista aérea dos novos bairros loteados

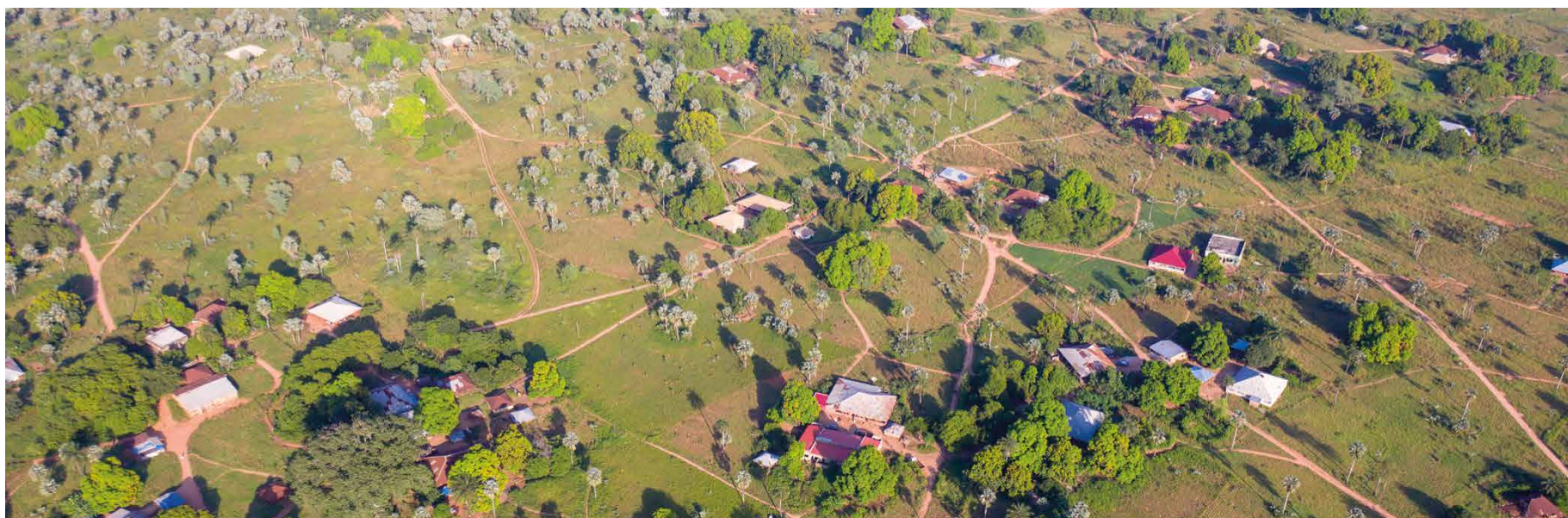


Foto 27 - Vista aérea de um bairro periférico rural



2.3 UM ACESSO FRACO E DESIGUAL AOS SERVIÇOS E ÀS INFRAESTRUTURAS

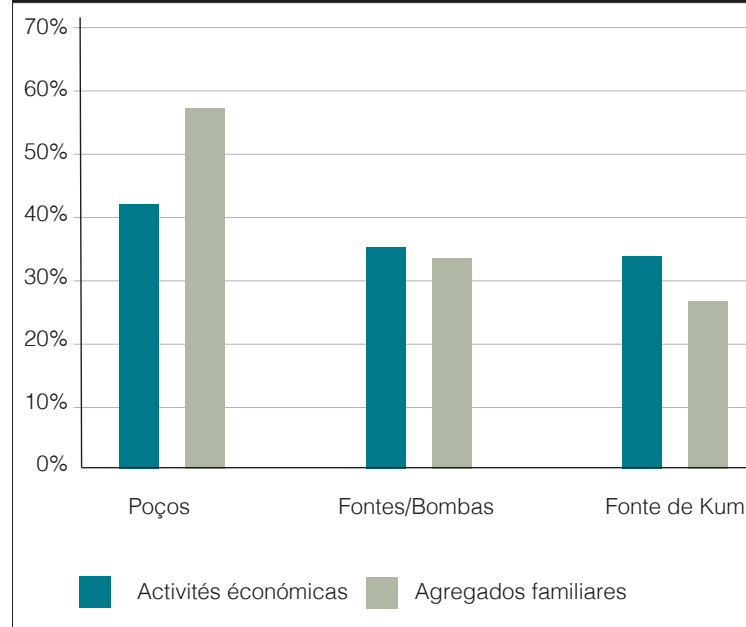


Foto 28 - Mulher apanhando água no centro de Canchungo (praça)

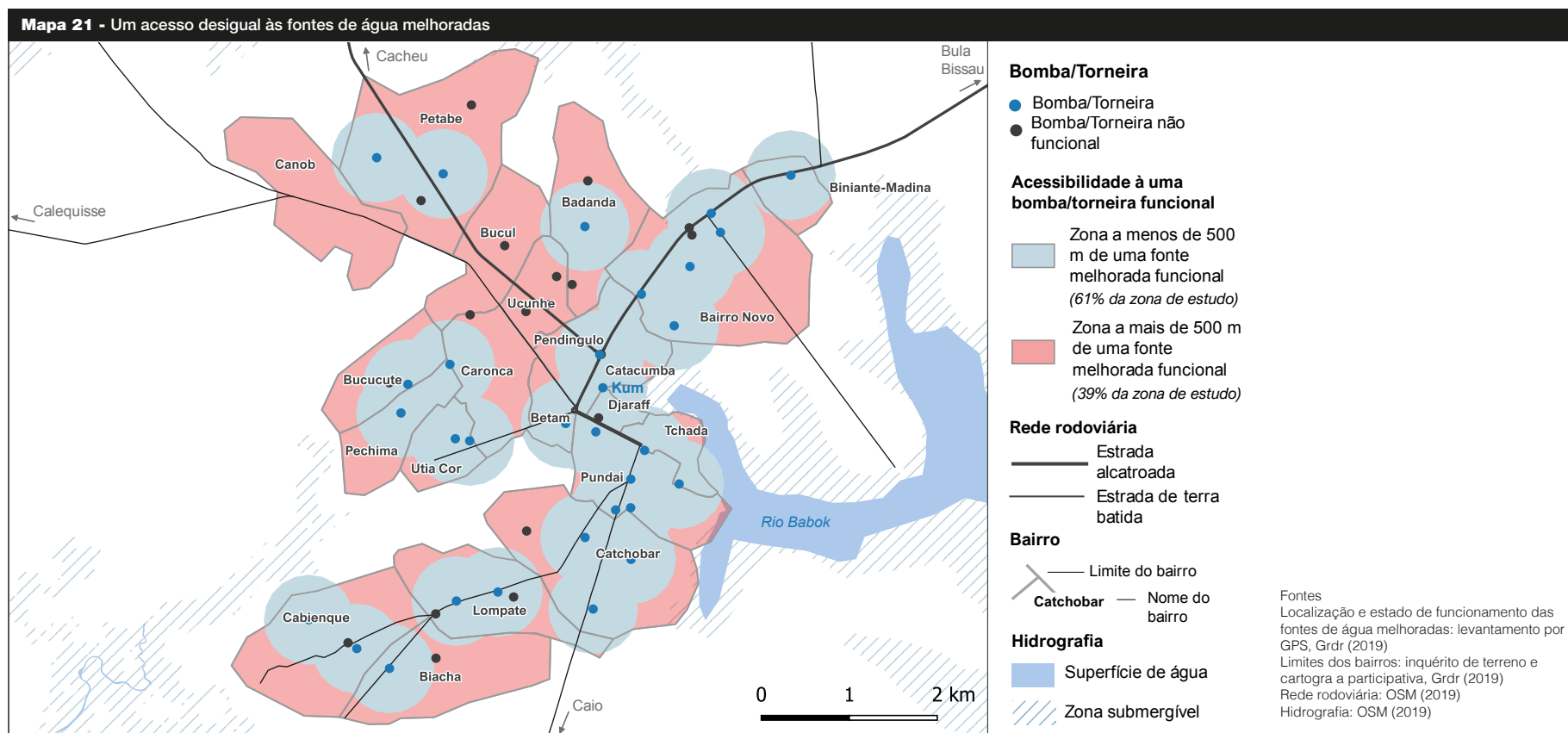
2.3.1 ACESSO AOS SERVIÇOS BÁSICOS

ACESSO À ÁGUA

Figura 9 - Estudo da morfologia urbana de Canchungo



Fontes: Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019), e Inquérito sobre as atividades económicas, Grdr (2019)



A água potável em Canchungo é um recurso raro e de difícil acesso: cerca de 40% da superfície do centro urbano situa-se a mais de 500 m de uma bomba ou de uma fonte (Mapa 21).

Esta precaridade está principalmente presente nos bairros periféricos, onde os moradores, às vezes, são obrigados a abastecer-se em poços cuja água é considerada não-potável (salobra ou poluída). A ela somam-se os problemas de secagem de poços no fim da estação seca, que reforçam as dificuldades de muitos agregados familiares. Os poços representam, de facto, um dos principais modos de acesso à água dos moradores de Canchungo. As 46 bombas e fontes recenseadas correspondem ao seu segundo modo de acesso à água potável. Contudo, estas infraestruturas não asseguram mais perenidade de abastecimento à população do que os poços, pois, em 2019, apenas 52% estavam funcionais e mais de três quartos delas pertenciam a atores pri-

vados ou ONG, que podem restringir o seu acesso a qualquer momento (como no caso dos particulares ou das empresas) ou que não podem garantir a sua manutenção a longo prazo (como, por exemplo, no caso das ONG).

Diante das dificuldades de manutenção, alternativas às vezes são implementadas pelos habitantes, através de cotizações, que poderão ser utilizadas em caso de degradação ou para a instalação de uma bomba no bairro, financiada e gerida pelos próprios moradores. No centro da cidade (*praça*), a captação da água de uma fonte chamada de “Fonte de Kum” representa o principal modo de acesso à água potável. No entanto, como esta fonte agora é utilizada para diversos fins (banhos, lavadouro, etc.), a qualidade sanitária do sítio degradou-se significativamente, assim como a da água, que atualmente está imprópria para consumo (Estudo do Grdr, 2016). A antiga rede de canalização e a mãe-d’água (*mãe di iagu*) ainda existem, mas não estão mais funcionais.



Foto 29 - O enchimento de baldes de água, uma atividade que demanda muito tempo e esforço físico



Na fonte de Ganchungo

Foto 30 - Cartão postal histórico da Fonte de Kum**Foto 31** - Fonte de Kum, o principal acesso à água desde a época colonial**Foto 32** - Fonte de Kum

DADOS PRINCIPAIS...

Dois modos de acesso
à água potável:



bombas e fontes
para **61%**
dos agregados familiares



e poços
para **59%**
das casas



Uma rede de
canalizações
pré-existente

Água dos poços considerada
como não-potável



por **26 %**
dos usuários

23 %

dos agregados familiares pagam
a entrega de água potável



(em média 96,38 FCFA
por bidão de 20 L)

A água da Fonte
de Kum



tornou-se imprópria
para consumo

Bombas
e fontes



14 públicas (6 funcionais)
e **32** privadas (20 funcionais)



Foto 33 - Painéis solares no telhado de uma casa na periferia da cidade

Fatura

CLINIC: *D. Domingos*

BAIRRO: *Betam*

Nº de Ref: *38*

Leitura Atual: *00016*

Leitura Anterior: *0*

Caixa: *1*

Contagem: *25/5/20*

Emissão: *26/5/20*

p. Facturação: *Domingos*

FCFA: *17850* *2*

DETALHE PARA O MÊS *maio*

Energia: *51 X 3500 = 17850*

Contador: *5*

Água: *5*

Contador: *5*

Taxa de potência: *5*

Total P/mês: *17850*

Total a pagar: *17850*

Prazo de pagamento: *12/11/20*

RECIBO

Pela Empresa

FCFA: *17850* *2*

Nº de Ref: *38*

Contagem: *25/5/20*

Caixa: *1*

Emissão: *26/5/20*

Total a Pagar: *17850*

Pela Empresa

Data: *___/___/20*

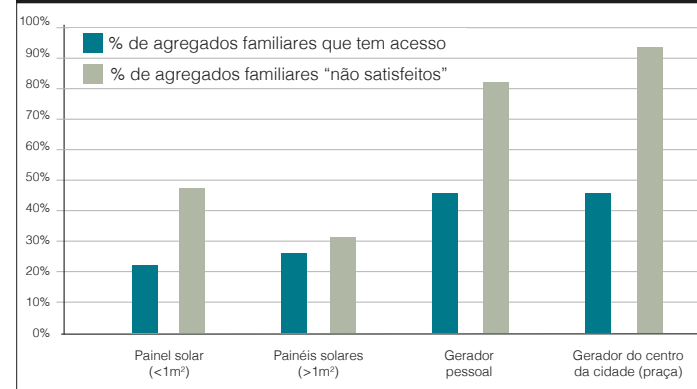
Foto 34 - Custo da energia elétrica pouco acessível em Canchungo, uma fatura de eletricidade

ACESSO À ELETRICIDADE

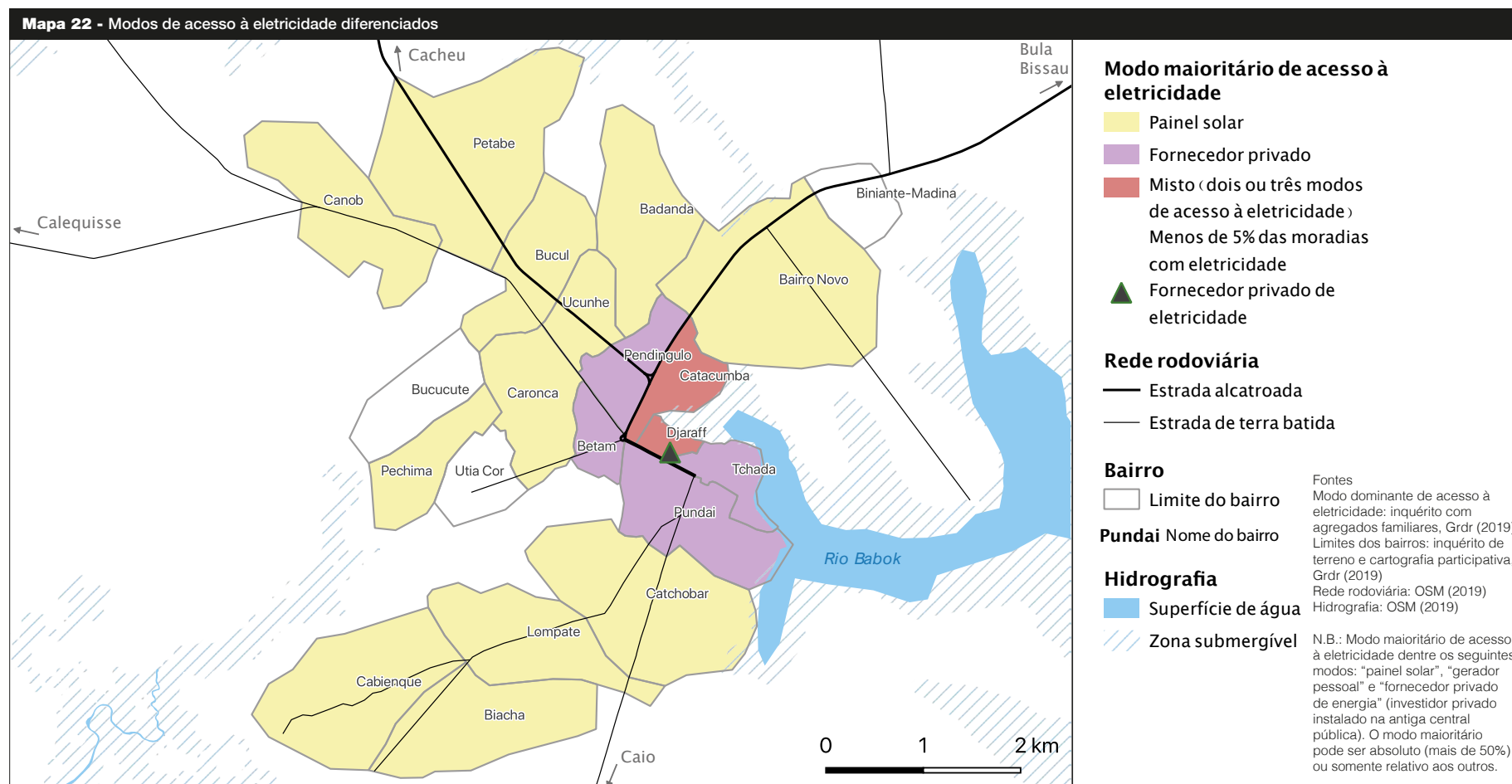
Atualmente, em Canchungo, apenas 20% dos agregados familiares beneficiam de um acesso, parcial ou total, à eletricidade. Esta percentagem atinge, todavia, valores mais elevados nos bairros do centro da cidade (*praça*). O principal motivo que explica a ausência de eletricidade nos agregados familiares é o custo inacessível do serviço (fornecedor privado e investimento em painéis solares).

É mais difícil, no entanto, medir a tendência nos bairros periféricos. Segundo os inquéritos com agregados familiares realizados pelo Grdr em 2019, os moradores de cinco bairros têm um acesso limitado a este serviço (Bucucute, Pechima, Utia Cor, Cabienque e Biniente Madina), enquanto outros (Babanda e Pendingu) apresentam uma melhor infraestrutura. Embora o acesso à eletricidade seja muito heterogêneo na periferia, o modo de abastecimento privilegiado pelos agregados familiares de quase todos estes bairros é o painel solar (*Mapa 22*). Alguns bairros (como Bucul e Petabe) beneficiaram da instalação de painéis solares “públicos” pelo partido político no poder (PAIGC) durante a campanha eleitoral para as eleições legislativas de 2014, o que pode explicar as desigualdades de abastecimento elétrico entre os bairros periféricos. Além disso, as dificuldades de conexão a um fornecedor privado, ligadas à distância geográfica entre a fonte e estes bairros, também prejudicam o acesso a esta oferta (falta de infraestruturas, grandes distâncias, etc.).

Figura 10 - A eletricidade, um recurso raro e instável



Fonte
Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019)



Entretanto, a energia solar não é apenas uma alternativa por falta de opção. Ela populariza-se, pouco a pouco, no centro da cidade (*praça*), onde o nítido descontentamento dos moradores com a qualidade e a estabilidade da oferta privada (cortes, problemas de tensão, etc.) resulta numa conversão significativa dos agregados familiares, total ou parcial, à energia solar, mais sustentável e considerada como mais satisfatória²⁹. (Figura 10)

Este grau de insatisfação também é observado entre os atores económicos. Dentre os 42% que têm acesso à eletricidade, 73% consideram-se descontentes com o serviço³⁰.

As dificuldades de acesso à eletricidade também são visíveis no funcionamento das infraestruturas dos serviços básicos, como o Hospital Regional de Canchungo, que está equipado com materiais que necessitam de uma fonte de energia (scanner, radiografia, bloco operatório, etc.) e que não podem funcionar devido à má qualidade do serviço.

29. Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019)

30. Inquérito sobre as atividades económicas, Grdr (2019)

DADOS PRINCIPAIS

AGREGADOS FAMILIARES

TRÊS MODOS DE ACESSO UTILIZADOS



Acesso mais difícil
na periferia



20%
têm acesso
à eletricidade



47 %
têm painéis solares



45%
contratam um
fornecedor privado



8%
possuem um
gerador pessoal

ATORES ECONÓMICOS

TRÊS MODOS DE ACESSO PRIVILEGIADOS



42%
têm acesso
à eletricidade



27%
têm painéis solares



40%
contratam um
fornecedor privado



32%
possuem um
gerador pessoal



Foto 35 - A avenida principal equipada com postes de luz à energia solar

GESTÃO DO LIXO

RESÍDUOS SÓLIDOS

Os métodos de cálculo utilizados em dois estudos³¹ permitem estimar que a quantidade de lixo produzido em Canchungo encontra-se entre cerca de 3.200 e 5.300 toneladas por ano³². Em torno da sua metade seria lixo não-biodegradável.

Esta produção de lixo aumentou fortemente nas últimas décadas e representaria, hoje em dia, um volume quatro vezes maior do que nos anos 1990³³, devido ao crescimento da população (**Parte 2.1.1**) e à evolução dos modos de vida. Contudo, ela ainda é reduzida se a compararmos com outros contextos. Na França, por exemplo, a produção anual de lixo doméstico é superior a 350 kg/habitante, enquanto em Canchungo a quantidade de lixo produzido, somando-se todos os tipos de resíduos sólidos, é de cerca de 170 kg/habitante.

Diante da falta de meios e ultrapassados por esta proliferação, os serviços de limpeza da cidade, geridos pela administração do sector, concentram-se agora apenas no centro da cidade (*praça*) e na paragem. Na realidade, somente as principais vias são limpas, o interior dos bairros é completamente ignorado. A quantidade de lixo recolhida, com meios extremamente limitados, é estimada em 624 toneladas por ano³⁴. O lixo é parcialmente incinerado numa antiga pedreira, reconvertida em depósito a céu aberto, a 13 km da cidade. Os resíduos não evacuados (estimados entre 2.569 e 4.682 toneladas por ano) amontoam-se na cidade e formam progressivamente depósitos ilegais. O Comité de Estado organiza campanhas de limpeza pelo menos uma vez por ano, graças à ajuda de voluntários.

O método privilegiado de eliminação do lixo é a incineração, o resto é amontoado, enterrado ou evacuado para fora do bairro³⁵. O amontoamento de lixo, com todos os tipos misturados (orgânico, médico, doméstico, económico, etc.), resulta na multiplicação de depósitos ilegais: 99 foram recenseados na cidade, ou seja, o equivalente a uma superfície de 2.751 m² ³⁶. Esses depósitos ilegais, para além da sua imagem de sujidade, provocam sérios problemas de salubridade no espaço público e de poluição dos solos e dos lençóis freáticos. O mesmo problema ocorre com o lixo “evacuado” para fora dos bairros. Os atores económicos são os maiores responsáveis por esta prática ilegal e frequentemente noturna (**Mapa 23**).

RESÍDUOS LÍQUIDOS

A cidade de Canchungo não possui um sistema de evacuação e de tratamento das águas de escoamento e de esgoto.

Quase todas as fossas que recolhem as águas negras são feitas de terra ou de tijolo/cimento e apresentam grandes problemas de impermeabilidade. A maior parte dos resíduos líquidos dos agregados familiares de Canchungo acumula-se nestas fossas, que são raramente esvaziadas. A infiltração de resíduos ou de bactérias nocivas no solo e, em seguida, no lençol freático, seria responsável por uma poluição de grande amplitude no centro da cidade (nomeadamente num dos três principais acessos à água: a Fonte de Kum)³⁷.



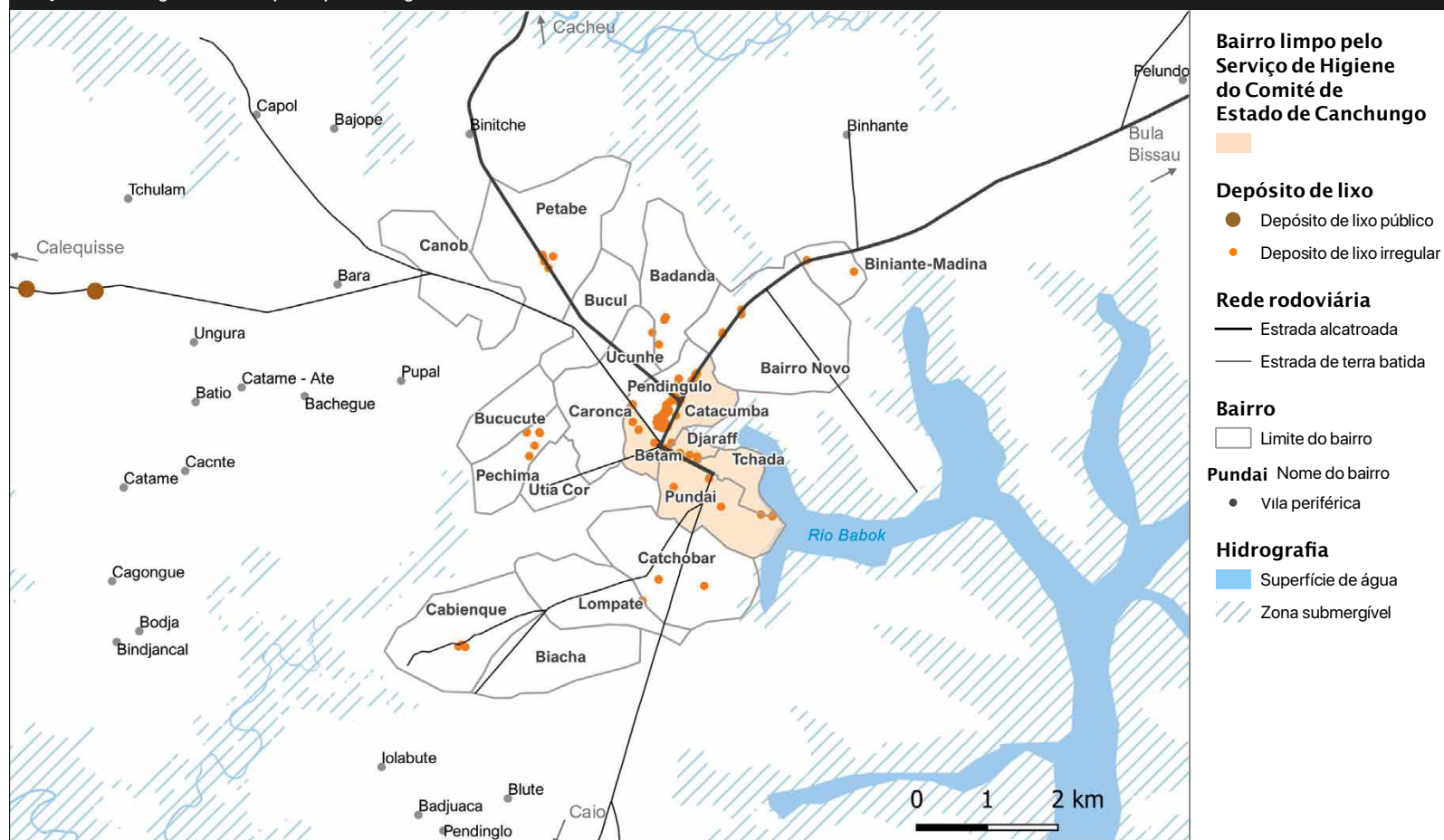
Foto 36 - Um depósito de lixo ilegal no centro da cidade (*praça*)

31. An international partnership for the sustainable development of Municipal Solid Waste Management in Guinea-Bissau, West Africa [Uma parceria internacional para o desenvolvimento sustentável da gestão municipal dos resíduos sólidos na Guiné-Bissau, África do Oeste], Katia Ferrari e al (2015)

32. O que corresponde a cerca de 170 kg/habitante, duas vezes menos do que, por exemplo, na França

33. à 36. Entrevista, Inquérito do Grdr (2019)

37. Relatório do Grdr sobre a Fonte de Kum (2016).

Mapa 23 - Uma gestão do lixo por depósitos ilegais**Fontes**

Localização dos depósitos de lixo: levantamento por GPS, Grdr (2019)

Bairros com serviço de limpeza*: Serviço de Higiene do Comité de Estado de Canchungo (2019)

Limites dos bairros: inquérito de terreno e cartografia participativa, Grdr (2019)

Rede rodoviária: OSM (2019)

Hidrografia: OSM (2019)

N.B.: Bairros que o Serviço de Higiene declarou limpar (informação que não foi verificada no terreno).



Foto 37 - Depósitos públicos localizados a alguns quilómetros da cidade



Foto 38 - Exemplos do lixo que se pode encontrar no local



Foto 39 - Depósito de lixo próximo à praia

DADOS PRINCIPAIS

SITUAÇÃO ATUAL

Lixo produzido
entre
3 193
e **5 306**
toneladas/ano,
o equivalente a cerca
de 170kg/habitante

Lixo recolhido

624
toneladas/ano

Lixo não evacuado

entre
2 569
e **4 682**
toneladas/ano

Número de depósitos
de lixo públicos

2

Número de depósitos
de lixo ilegais
99


Superfície total dos
depósitos de lixo ilegais
2751 m²


Problemas de infiltração
de resíduos líquidos no
solo e, em seguida, nos
lençóis freáticos


PREVISÃO

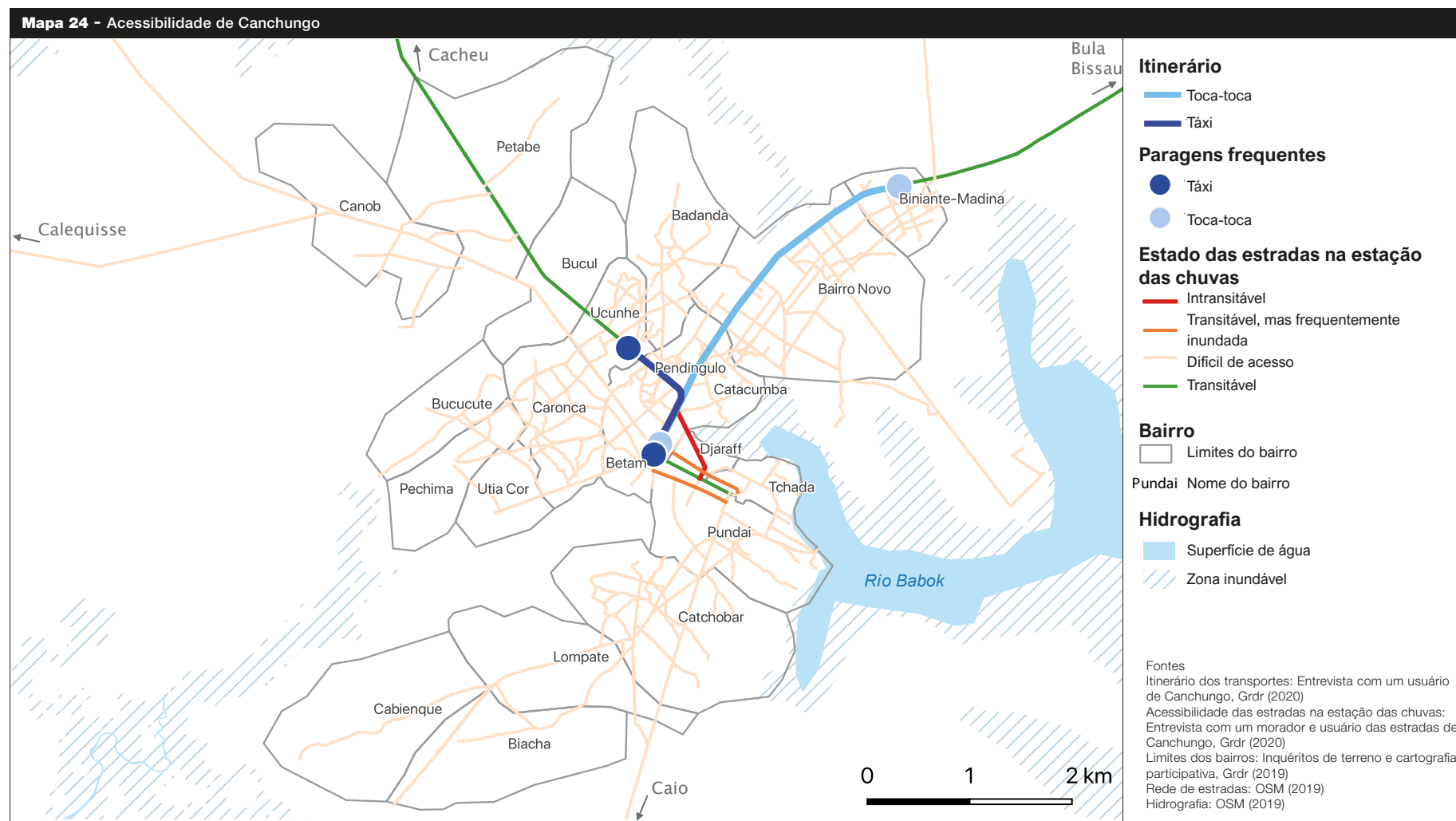
 **X2**

O DOBRO
da produção de lixo até
2030

ACESSO AOS TRANSPORTES (MOTAS, AUTOCARROS, TOCA-TOCAS, TÁXIS, ETC.)

A paragem de Canchungo, localizada no bairro de Uncunhe, e a estrada alcatroada que vai até Bissau representam as principais infraestruturas de transporte, que ligam a cidade de Canchungo às localidades nacionais e internacionais (em particular Ziguinchor e o resto do Senegal).

Os principais eixos de comunicação orientam o crescimento da cidade, pois permitem um acesso facilitado às comodidades e aos serviços (bombas de água potável). No entanto, atualmente poucas vias estão em bom estado em Canchungo, que é uma cidade pouco densa e relativamente extensa, onde é necessário deslocar-se. A maior parte dos residentes mora a mais de 20 minutos a pé da rotunda, considerada como o ponto nevrálgico do centro da cidade (*praça*). O isolamento aumenta na estação das chuvas, durante a qual quase todas as estradas estão intransitáveis (*Mapa 24*).



Apesar da ausência de serviços públicos de transporte, um sistema de táxis urbanos, que seguem um itinerário pré-definido, permite ligar a paragem à rotunda da avenida principal por 200 FCFA (Mapa 24). Para um itinerário específico, o preço do trajeto é de cerca de 2.000 FCFA³⁸. Os condutores de táxi devem registar-se junto à associação dos transportadores da região de Cacheu, pagando uma contribuição que é, em seguida, revertida à associação, ao Comité de Estado e à caixa de emergência dos condutores. Além disto, toca-tocas ligam o bairro de Biniente Madina a esta rotunda. O serviço encerra-se geralmente às 20h e as condições de transporte são frequentemente difíceis (excesso de capacidade, veículos obsoletos, transporte de animais, etc.). As zonas periféricas de Canchungo não estão ligadas à cidade por transportes coletivos. Deslocações a pé ou de bicicleta (nomeadamente para as crianças que vão à escola) são as alternativas mais frequentes de locomoção para os moradores que não têm meios de adquirir o seu próprio veículo motorizado (viatura e mota).



Foto 40 - Uma via principal de Canchungo no fim da estação chuvosa



Foto 41 - Transporte de bicicleta, principal meio de deslocação



Foto 42 - Condições difíceis de transportes coletivos



Foto 43 - Paragem de Canchungo

38. Em março de 2020.

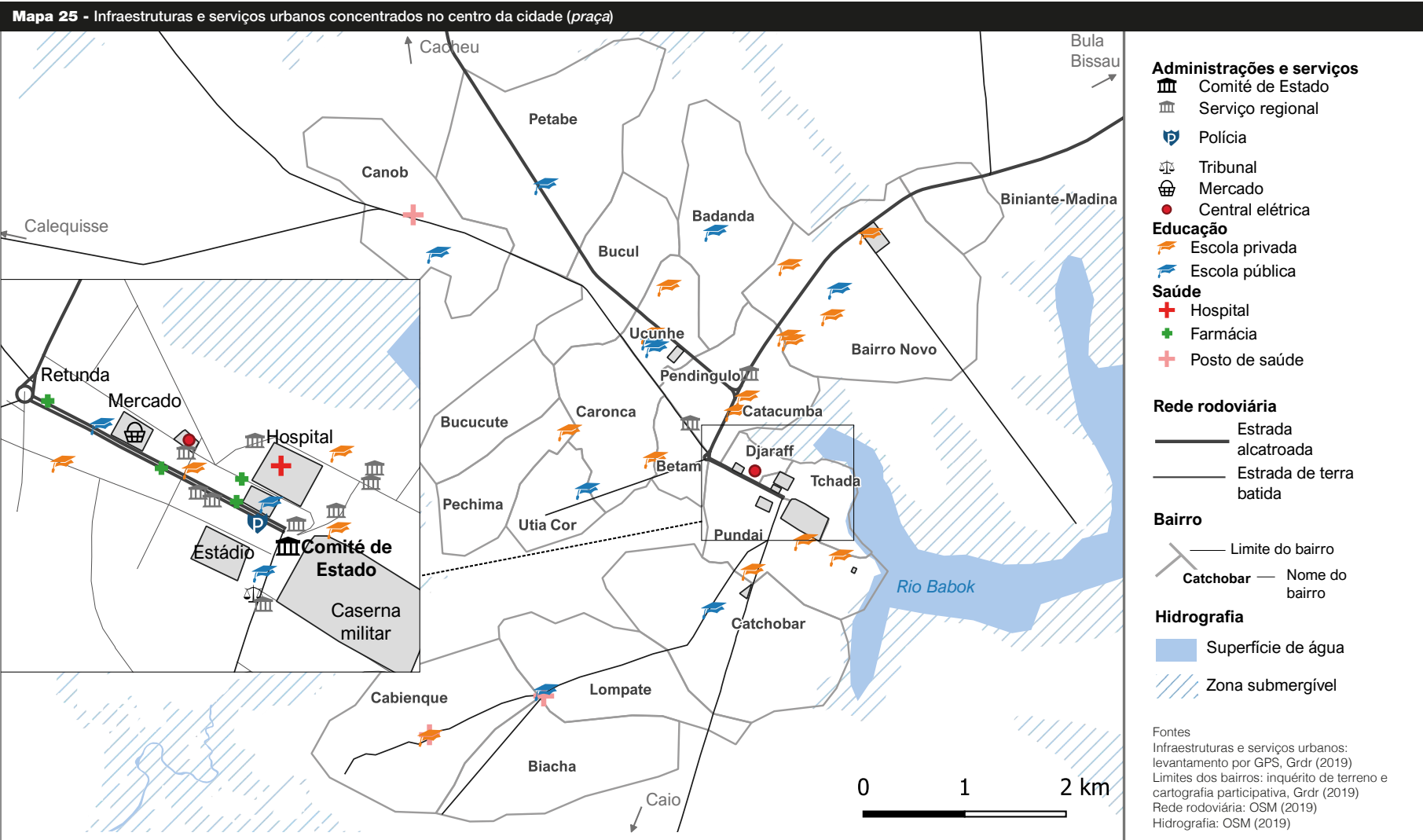
2.3.2 ACESSO ÀS INFRAESTRUTURAS SÓCIO-SANITÁRIAS

Apesar do nível geral de infraestruturas ser relativamente elevado na região de Cacheu (em comparação com outras cidades), as que existem apresentam uma falta significativa de manutenção e de recursos para funcionar, o que acarreta verdadeiras dificuldades de acesso aos serviços básicos. Os diferentes bairros do centro urbano não beneficiam do mesmo acesso a estes serviços, pois o centro da cidade (*praça*) concentra a maior parte dos serviços de saúde (farmácias e hospital), dos estabelecimentos de educação (escolas e liceu), assim como todas as administrações e serviços regionais ([Mapa 25](#)). A delegacia de polícia e o tribunal também se situam na avenida principal Titina Sila. O acesso aos serviços sócio-sanitários e administrativos é muito menor nos bairros periféricos. Apenas dois bairros (Canob e Lompate) beneficiam de uma farmácia e muitos não têm escolas.

As escolas primárias são principalmente construídas por promotores privados laicos ou religiosos ([Caixa 3](#)).



Foto 44 - Uma classe organizada à sombra de uma mangueira



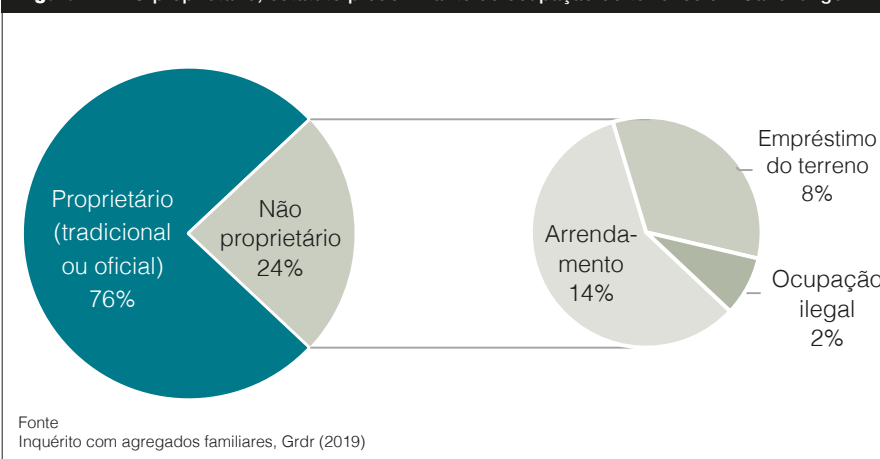
2.4 MODOS DE MORADIA EM EVOLUÇÃO

2.4.1 EVOLUÇÃO DO ACESSO AOS RECURSOS FUNDIÁRIOS

Embora a propriedade (da casa, mas não do terreno) ainda seja o principal modo de acesso aos recursos fundiários em Canchungo (Figura 11), o arrendamento populariza-se pouco a pouco. Esta prática difunde-se principalmente nos bairros do centro da cidade (*praça*) e no Bairro Novo (Mapa 26). Ela é o resultado de várias mudanças:

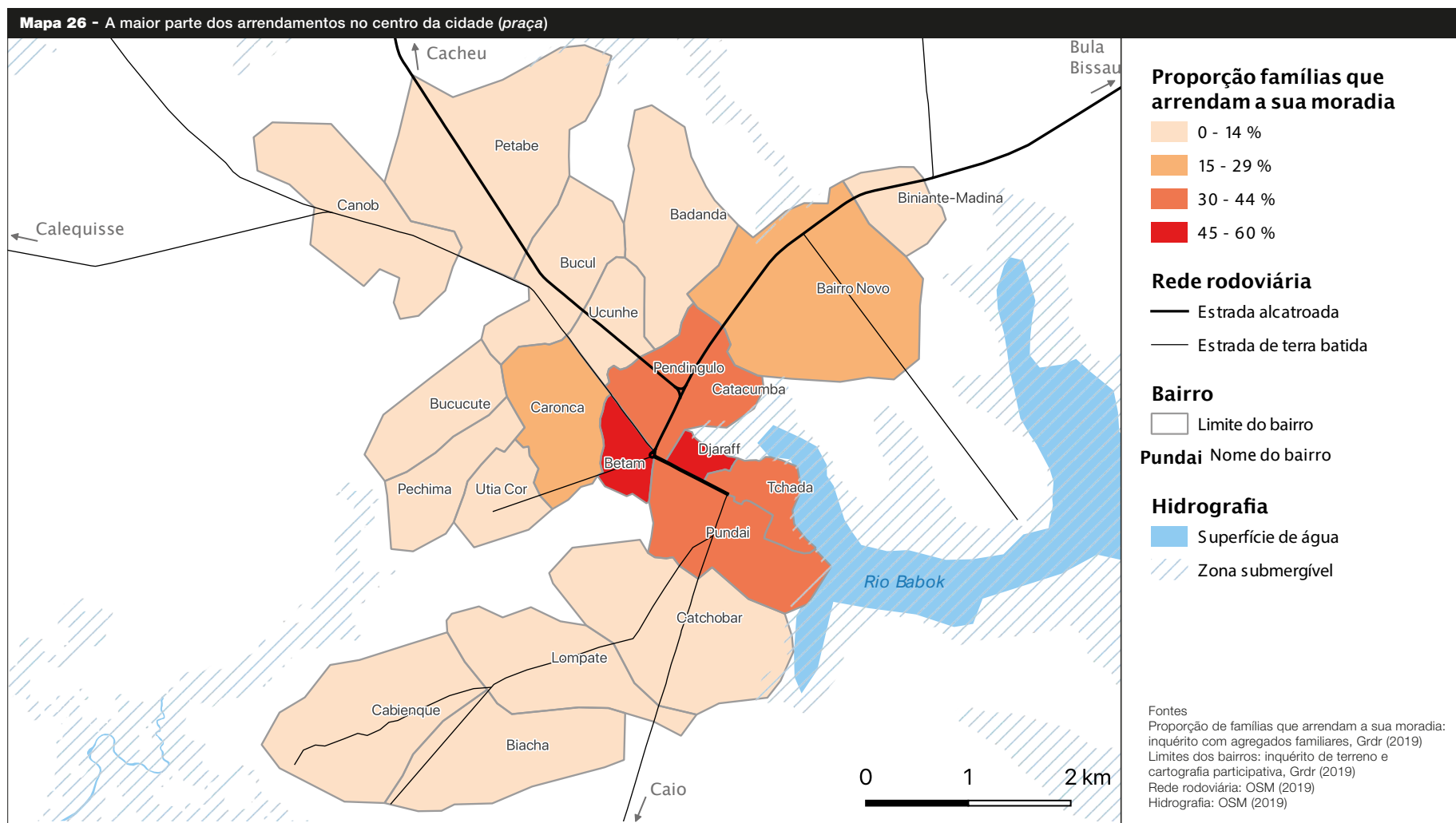
- A alta dos preços de compra de terrenos nos bairros onde a terra é vendida (alta de +186% em 20 anos, cerca de 3.000.000 FCFA em média para uma parcela de 50 m²), decorrente, nomeadamente, de uma grande pressão fundiária ocasionada pelo crescimento demográfico que a cidade apresenta há duas décadas.
- Atividades económicas atrativas (empregos sazonais durante a colheita do caju, presença de imigrantes por um período indeterminado, etc.) para jovens adultos sem filhos (cuja proporção tende a aumentar), que favorecem, assim, a demanda do mercado de arrendamentos.
- Investimentos da diáspora na construção, o que reforça a oferta de imóveis.
- Uma evolução do modo de gestão fundiária, a gestão “tradicional” diminuiu em benefício de um modo de gestão “moderno” (Mapa 27), com mais terras legalizadas através de “títulos de propriedade” no centro da cidade (*praça*) e no Bairro Novo desde os anos 2000. itres fonciers » dans le cœur urbain et à Bairro novo depuis les années 2000.

Figura 11 – O proprietário, estatuto predominante de ocupação de terrenos em Canchungo



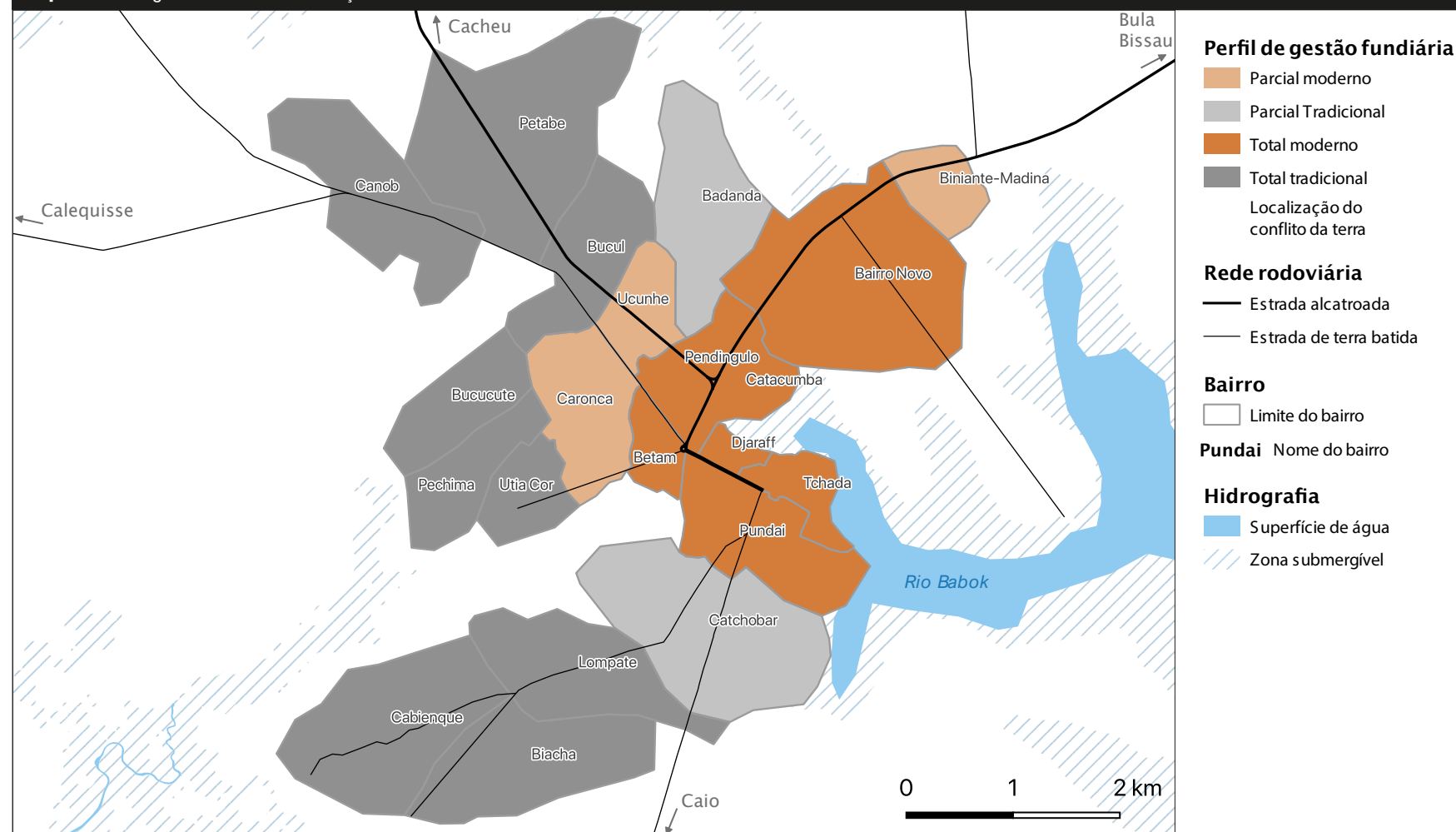
Essa constatação também comprova a transição entre dois modos de vida que, por enquanto, coexistem e se misturam: um modo de vida rural, onde o acesso aos recursos fundiários permite a prática de atividades agrícolas remuneradoras, e um modo de vida urbano, onde os locais de residência e de trabalho estão dissociados.

Atualmente, as novas construções concentram-se principalmente no Bairro Novo. A sua atratividade explica-se pela possibilidade de adquirir um arrendamento enfitêutico por preços mais baixos do que nos outros bairros (nomeadamente os do centro da cidade - *praça*). Além disto, o espaço disponível permite que os agregados familiares arrendem terrenos maiores do que no centro da cidade (*praça*). Os incómodos relacionados com as atividades humanas (barulho, poluição, densidade, etc.) também representam um motivo de partida do centro para este bairro.



Quadro 5 - Evolução dos custos de construção e de compra de casas em Canchungo	
Preço médio de um terreno: 1.157.391,5 FCFA	
Preço médio de uma casa de adobe	Preço médio de uma casa de “bloco de cimento”
2 033 333	4 000 000
Preço médio de uma casa em 2019	Preço médio de uma casa há 20 anos
3 016 667	1 053 333

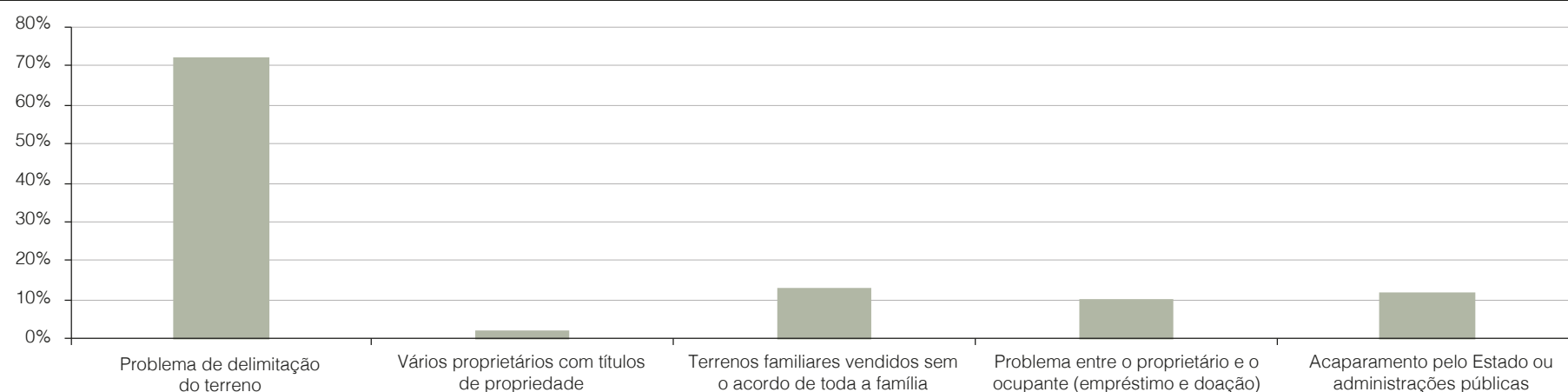
Fonte:
Grupo focal, Grdr (2019)

Mapa 27 - Uma gestão fundiária em evolução

Fontes
 Perfil de gestão fundiária: índice composto, baseado em dados do inquérito com agregados familiares e dos grupos focais, Grdr (2019)
 Limites dos bairros: inquérito de terreno e cartografia participativa, Grdr (2019)
 Rede rodoviária: OSM (2019)
 Hidrografia: OSM (2019)

N.B.: O índice integra 5 variáveis:

- Terras que são objeto de transações financeiras
- Reconhecimento da autoridade administrativa (Comité de Estado) na gestão fundiária
- Legalização administrativa das terras
- Importância dos conflitos fundiários
- Importância da gestão de arrendamentos

Figura 12 - Principais fatores de conflito fundiário

Fonte:
Inquérito do Grdr (2019)

Caixa 5 - Um exemplo de conflito fundiário

L.G. nasceu em Canchungo em 1953. Ele é filho de um pai mandinga, originário de Bafatá, e de uma mãe manjaca originária de Baara.

O seu pai comprou um terreno em 1989 de um casal composto de um marido uolofe e de uma esposa manjaca (provavelmente herdeira do bem fundiário). O terreno não estava legalizado junto ao Comité de Estado de Canchungo.

O terreno comprado possui uma superfície retangular de 2.415 m². A parte que não foi vendida é de tamanho desconhecido e foi confiada a um guarda. A parcela vendida não tinha construções e era composta de árvores e de pequenos campos. A parte confiada ao guarda, quanto a ela, era composta de uma casa e de alguns campos, mas não possuía nenhum título de propriedade de terras.

O antigo proprietário uolofe faleceu no Senegal antes de 1998 (ano da promulgação da lei da terra guineense). O seu filho A.N. ficou com o terreno. Ele guardou a parte construída e vendeu toda a superfície situada atrás (da

qual faz parte a porção de terreno legalizada de L.G.), que foi em seguida comprada por duas pessoas, que partilharam a área. Cada uma fez construções no seu lote.

L.G. registou uma primeira queixa em 2009 no tribunal de Canchungo. O administrador tinha, nesse momento, falsificado o título de propriedade a favor de A.N. L.G. ganhou, contudo, o processo em 2010. A.N. apresentou um recurso e o dossier foi transferido à corte suprema de Bissorã, que o transmitiu, então, ao tribunal de «relações» para ser examinado. Um julgamento foi pronunciado em 2016 a favor de L.G. pelo tribunal, que guardou o dossier, impedindo, assim, a declaração efetiva do seu resultado em Canchungo.

O dossier finalmente foi transferido para Canchungo em 2017 e enviado à corte suprema pelo Juiz da cidade. O presidente da corte ordenou a demolição das construções para que L.G. retomasse o terreno, que tem grande valor, pois está localizado próximo da estrada e do centro.

2.4.2 EVOLUÇÃO DAS CONSTRUÇÕES

As construções de Canchungo podem ser divididas em três tipos, que apresentam os seus próprios materiais de construção: os tipos “neo-tradicional”, “colonial” e “moderno”.

As casas “neo-tradicionais” caracterizam-se pela utilização de terra ou de cob (adobe monolítico) como principal material de construção. Este material local permite, nomeadamente, um conforto térmico dentro das construções, que outros materiais (como o betão) não podem proporcionar. O seu tipo local, que necessita de pouca transformação e apenas de energia humana, permite, além disto, construir de maneira resiliente e ecologicamente responsável. A cobertura deste tipo de casa tradicional geralmente é feita com placas de zinco ou palha. A utilização de palha está em diminuição por diversos motivos, como o risco de incêndios, a necessidade de manutenção frequente e a concorrência com as placas de zinco, mais leves para paredes de sustentação menos espessas.

Este tipo de construção é utilizado em mais de 60% dos bairros (Mapa 28). Ele é classificado como “neo-tradicional” porque difere das habitações do início do século XX em vários aspetos: arquitetura, tamanho, estrutura, cobertura, reboco de cimento, etc. Podemos considerar que os únicos elementos que remetem à “tradição” são a utilização do adobe e a permanência de práticas de autoconstrução.

O tipo de **construção dito “colonial”**, em vias de desaparecimento, caracteriza-se por um telhado de telhas e uma estrutura de betão. Ele concentra-se nos bairros antigos do centro da cidade (*praça*), nomeadamente ao longo da avenida principal.

As casas ditas “modernas” utilizam o betão, como nas construções coloniais. Elas são principalmente obras da diáspora, dos imigrantes e dos moradores com altos rendimentos, que contratam, nomeadamente, uma mão-de-obra estrangeira mais qualificada para a construção destes edifícios, que frequentemente apresentam vários andares. A maioria dos telhados são de zinco.

A arquitetura das construções de Canchungo também evoluiu em função das épocas e das influências. Historicamente, as moradias da cidade apresentavam uma forma circular e eram relativamente pequenas. Os portugueses instauraram as construções com planos retangulares, que ainda são utilizados hoje em dia, mesmo nas casas ditas “neo-tradicionais”.



Foto 45 - Casa “neo-tradicional” de adobe, revestida com um reboco de cimento e uma camada de pintura, telhado de zinco mantido por vigas de madeira, aberturas sem janelas dobráveis e porta de metal



Foto 46 - Construção administrativa de tipo “colonial”, edifício de betão com cobertura de telhas vermelhas



Foto 47 - Casa de tipo “moderno” com um andar, construída pela diáspora, com estrutura de betão, janelas dobráveis com abertura para o exterior e uma saída de ventilação

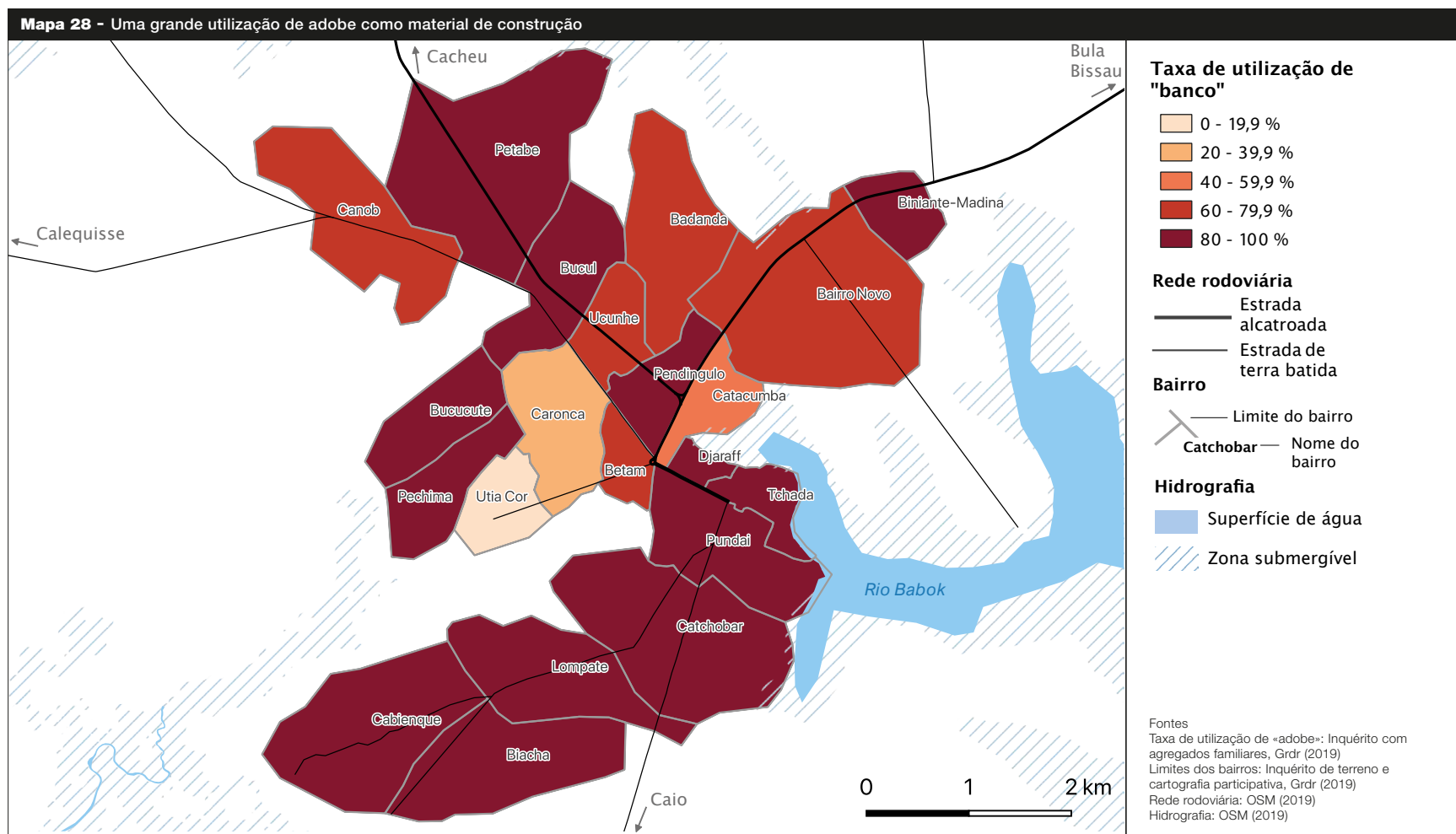


Figura 13 - Uma grande utilização de materiais locais para a construção das paredes das casas

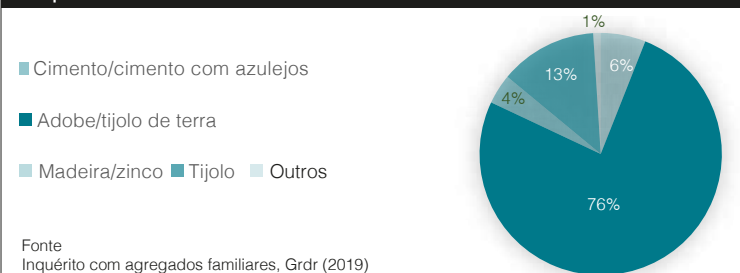
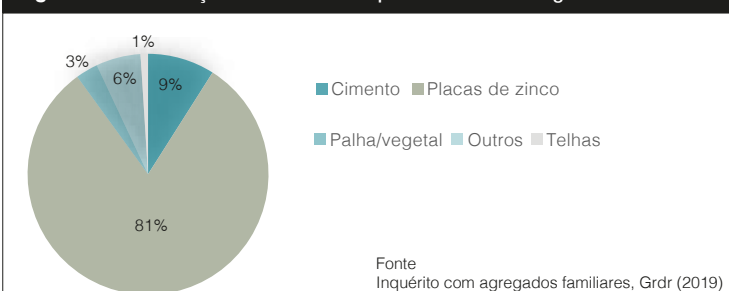


Figura 14 - A utilização de cobertura de palha tornou-se marginal



Caixa 6 - Canchungo - Os conhecimentos construtivos locais, referências que integram preocupações ambientais

Desde 2014, o Grdr³⁸ estabeleceu como objetivo promover e reabilitar moradias de forma duradoura e sustentável. Até o momento, 400 famílias (ou seja, 3.700 moradores) que vivem em sete bairros da cidade (novos e antigos) beneficiaram diretamente do projeto, através de reabilitações direcionadas ou completas. A reabilitação completa, que foi predominante na primeira fase do projeto, consistiu numa renovação total das casas, enquanto a direcionada se baseou na reparação dos pontos de vulnerabilidade das moradias consideradas como precárias. As atividades implementadas têm como referência as capacidades técnicas e económicas dos outros agregados familiares da cidade, o que permite que as famílias beneficiárias possam fazer escolhas fundamentadas para as obras de melhoramento das suas moradias. Com este objetivo, o Grdr privilegiou uma abordagem baseada na melhoria do existente, que implica um estudo dos conhecimentos locais e da maneira como os moradores, de modo individual ou em grupo (cada um na sua escala), agiram nas últimas décadas para transformar as suas práticas e formar um ambiente construído que corresponda à evolução das suas necessidades e do seu conforto.

O ponto de partida foi, então, o de documentar, analisar e capitalizar as práticas construtivas locais. Os aspetos que poderiam ser melhorados foram estudados e apresentados aos moradores, no formato de casas pilotos. Em seguida, o resultado deste trabalho foi mutualizado, por um lado, com os técnicos de construção, através da produção de um catálogo de soluções e da organização de formações práticas e teóricas e, por outro, com os moradores, por meio de demonstradores, a saber, a reabilitação de 150 casas durante a primeira fase do projeto e de outras 250 no decurso da segunda fase. Em termos metodológicos, ferramentas e abordagens diferentes foram experimentadas em cada fase de implementação do

projeto. De 2015 a 2017, experimentou-se uma abordagem principalmente descendente (de cima para baixo), que atribuiu um papel preponderante ao Grdr, nomeadamente nas escolhas das casas a reabilitar, na animação das instâncias de concertação e no seguimento das ações. Na segunda fase, uma abordagem ascendente (de baixo para cima) foi experimentada, relegando o papel do Grdr para segundo plano. De acordo com esta lógica, as escolhas de melhoramento das casas foram feitas de maneira concertada com os moradores, organizados individualmente ou em grupos. É interessante notar que mais de 90% dos conhecimentos técnicos implementados pelo projeto já estavam disponíveis localmente, mas eram dominados por diferentes pessoas em diferentes lugares. O projeto contribuiu, assim, para a mutualização destes conhecimentos em benefício de todos os técnicos de construção e autoconstrutores.

Paralelamente, projetos de latrinas partilhadas, junto aos conjuntos de casas onde o acesso ao saneamento é problemático, foram apoiados. O Grdr, em concertação com os comités de bairro, organizou a construção de quatro blocos de latrinas partilhadas, com duas cabines cada um, nos bairros de Catacumba, Pundai e Belém.

Por fim, para apoiar o desenvolvimento dos novos bairros de Canchungo da forma mais pertinente possível em termos de desenvolvimento local, o Grdr decidiu construir um centro de recursos num desses sítios e estabelecer ali o seu escritório. A sua arquitetura foi refletida à luz dos diferentes pilares do desenvolvimento sustentável. Este projeto demonstrador é utilizado, por um lado, como suporte de questionamento com os especialistas locais e, por outro, como vetor de difusão de ferramentas e métodos que ajudam nas tomadas de decisões, tanto sobre os produtos como sobre os processos relativos aos projetos de construção.



Quadro 6 - Rendimentos e transferências de fundos mensais recebidos pelos agregados familiares

Acesso dos membros dos agregados familiares de Canchungo a latrinas	%
Latrinas com fossa direta básica	63%
Latrinas com fossa indireta	11%
Latrinas com fossa séptica	9%
Latrinas com fossa direta ventilada	16%
Na natureza (sem latrinas)	2%

As paredes da fossa são	% dos agregados familiares
Sobretudo de tijolo/cimento	39%
Sobretudo de terra	44%
Outros materiais	13%
Não sabe	1%

Fonte:
Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019)

39. www.Grdr.org



Foto 49 - Moradias e locais de comércio debaixo de um poílão sagrado

2.5 UM DINAMISMO ECONÓMICO AINDA TÍMIDO E



Foto 50 - Um dia de *lumo* em Canchungo

2.5.1 POLO DE ATRATIVIDADE COMERCIAL

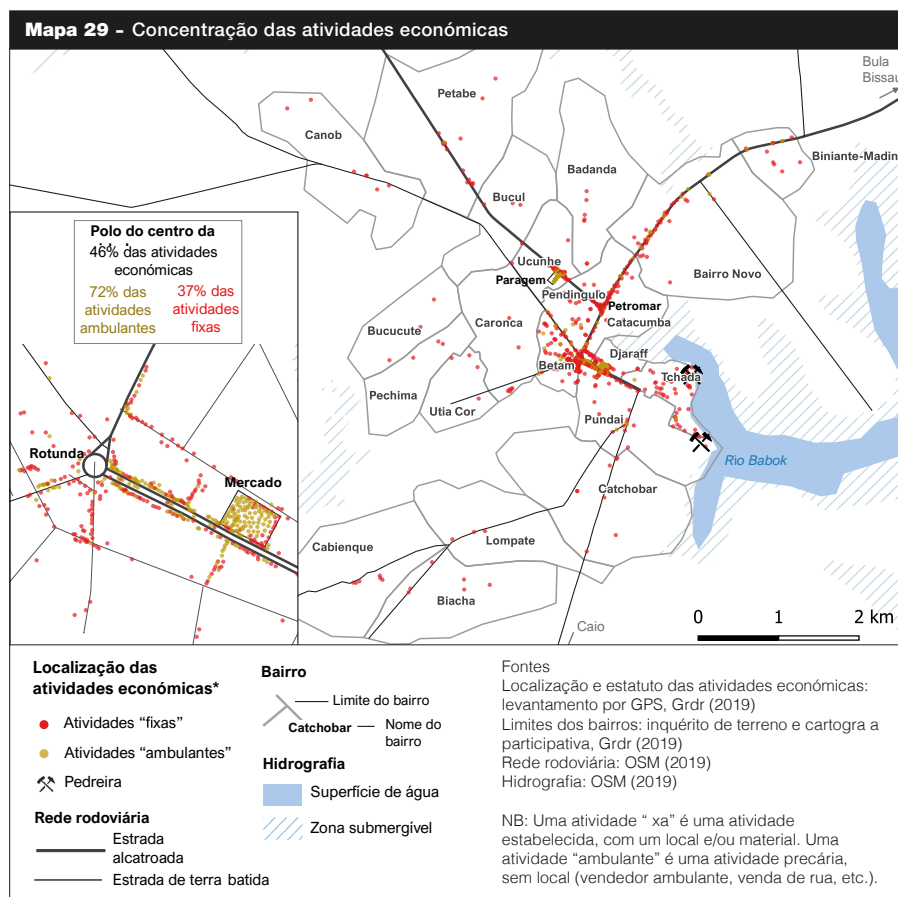
Historicamente centrada na agricultura, nomeadamente no cultivo do arroz e de oleaginosas, a economia da cidade de Canchungo terciarizou-se progressivamente. Hoje em dia, o sector terciário mobiliza mais de 60% dos seus trabalhadores ativos. Ele é dominado pelo artesanato (têxtil, madeira, metal e construção) e pelo comércio, que concentram dois terços dos trabalhadores ativos do sector. Os quadros e os profissionais intermediários e superiores também ocupam um lugar significativo em Canchungo. Isto explica-se pela presença de serviços que necessitam de pessoal qualificado (escolas, hospital, direções regionais, ONG, etc.). O comércio a retalho é caracterizado pelo mercado central e pelo *lumo* de Canchungo (Caixa 7). Ele é principalmente feito por vendedores ambulantes, que geram um volume de negócios anual estimado em 1 milhão de euros. Por fim, o comércio a grosso, assim como a agricultura, é estimulado pela produção da castanha de caju. Além da grande produção local, o comércio também é reforçado pela situação geográfica de Canchungo, que está no centro da maior região produtora de caju da Guiné-Bissau. A estrada alcatroada Ziguinchor/Canchungo/Bissau também favorece a centralização regional da fileira do caju em Canchungo. O número de licenças para comércio permite ilustrar esta predominância, pois 93% das licenças regionais foram emitidas em Canchungo em 2015 (22% das licenças nacionais⁴⁰). Esta economia tem um impacto significativo sobre os outros sectores: 60% dos agregados familiares⁴¹ e 55% dos trabalhadores ativos de outros sectores⁴² afirmam observar um aumento dos seus rendimentos/lucros durante a campanha do caju⁴³.

O centro da cidade (*praça*) concentra quase 50% das atividades económicas de Canchungo (Mapa 29), enquanto a periferia ainda está principalmente centrada no sector primário (Mapa 30).

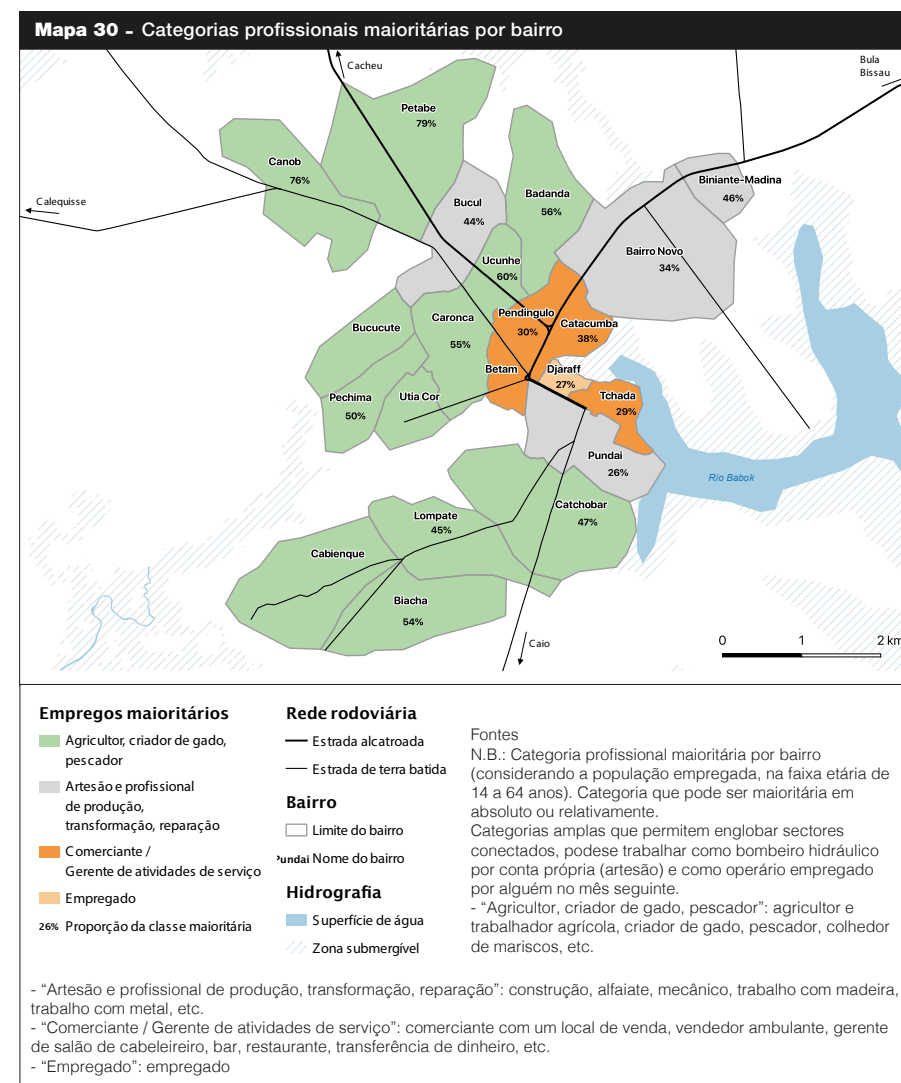
40. Estudo de referência sobre a fileira da castanha de caju nas regiões de Cacheu e Oio, Grdr (2016)

41. Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019) - 42. Inquérito sobre as atividades económicas, Grdr (2019) - 43. Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019)

A influência da diáspora sobre as atividades económicas da cidade exerce-se principalmente por intermédio de transferências monetárias, de investimentos económicos e comerciais e de construções. A cada ano, 23% dos agregados familiares recebem fundos por parte dos emigrantes. Estes fundos atingem, em média, 95.000 FCFA por mês. Todavia, muitos representantes desta diáspora preferem investir no Senegal, país que apresenta um rápido crescimento económico (mais de 5% de crescimento por ano desde 2015⁴⁴) e que é politicamente mais estável, o que reduz o peso da influência deste fator de risco. Além disto, os investimentos fundiários permanecem pontuais e os trabalhadores mobilizados para as obras são frequentemente originários do Senegal (devido a uma melhor formação, gerando oportunidades para os senegaleses, que beneficiam da escassez de mão-de-obra guineense, etc.), o que diminui as suas repercussões sobre a economia local e as atividades da fileira de construção da cidade. A influência económica dos emigrantes é, então, um componente importante da economia de Canchungo.



Embora beneficie de uma situação mais atraente do que muitas cidades do país, Canchungo permanece economicamente frágil. A taxa de desemprego aproxima-se de 50% e os agregados familiares vivem, em média, com 100.000 FCFA por mês. As condições de trabalho também são precárias para a grande maioria da população ativa (falta de infraestruturas, de equipamentos e ausência de sistema estatal de segurança social).



Quadro 7 - Vista aérea de Canchungo

Grande conjunto de atividades	VN médio em abril de 2019 (FCFA)	Lucro médio em abril de 2019 (FCFA)	N.º médio de empregados em abril de 2019
Trabalhadores/Artesãos	211 129,0	80 312,5	5,31
Serviços (transferência, cabeleireiro, restaurante, bar, etc.)	864 523,8	39 285,7	2,32
Comércios (geral e especializado)	257 061,4	57 801,7	1,61
Outros	471 666,7	98 333,3	2,61
Misto*	N/R	N/R	N/R
Usina/Grande unidade de produção/Cooperativa*	N/R	N/R	N/R

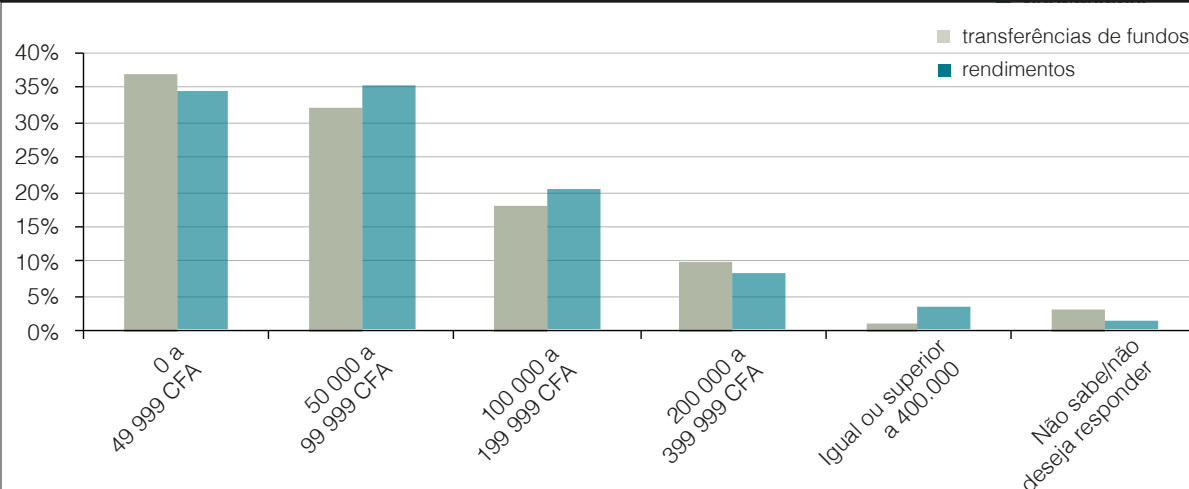
*Dados insuficientes
Fonte: Inquérito sobre as atividades económicas , Grdr (2019)



Foto 51 - Vendedores na avenida principal



Foto 52 - Mercado central de Canchungo

Figura 15 - Rendimentos e transferências de fundos mensais recebidos pelos agregados familiares

Fonte
Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019)

Figura 16 - Rendimentos e transferências de fundos mensais recebidos pelos agregados familiares

107 244 FCFA por mês

Fonte
Inquérito com agregados familiares, Grdr (2019)

Caixa 7 - Lumo de Canchungo

O *lumo* de Canchungo representa um grande evento, muito esperado pelos seus habitantes, que ocorre a cada seis dias. Segundo os inquéritos realizados em 2018, os moradores tinham, em média, participado de três em cada quatro *lumos*. A cada semana, mais de 500 estandes são instalados ao longo da avenida Titina Sila, principal artéria do centro urbano. De manhã cedo até o fim da tarde, a avenida, normalmente vazia nestes horários, encontra-se no centro de uma efervescência ao longo de uma centena de metros. O volume de transações registado para cada dia de abertura é estimado em 14,6 milhões de FCFA, o que posiciona o *lumo* de Canchungo como um dos mais importantes da região (o principal *lumo* regional é o de Bula, que regista volumes de transações de, em média, 17,5 milhões de FCFA por dia de abertura).

Ele representa, para os moradores, uma oportunidade de comprar produtos não-alimentícios, pouco comercializados no mercado permanente. A venda de roupas, panos e acessórios de moda é a atividade mais importante do *lumo* (40% dos estandes). Os estandes de venda de ferramentas e equipamentos domésticos ocupam, quanto a eles, 13% do total das barracas.

A maioria dos comerciantes vende os seus produtos apenas nos dias de *lumo* (quer porque moram fora do centro urbano e se deslocam especialmente para o evento, quer porque o *lumo* atrai mais clientes - nomeadamente os moradores dos bairros periféricos, que não vão todos os dias até o centro de Canchungo -, o que favorece as oportunidades de venda de produtos).

Apesar da importância atribuída a este evento pelos moradores, as condições de acolhimento permanecem precárias: 37% dos vendedores sofrem com dificuldades de transporte para chegar até o *lumo* (distância ou veículo inadequado para o transporte de mercadorias e falta de disponibilidade de local de estacionamento), 50% exprimem dificuldades para beneficiar de um acesso à eletricidade e 49% sentem um desconforto com o ponto de venda, que se materializa pela falta de mobiliário para sentar-se e de espaço à sombra (o *lumo* ocorre nas horas mais quentes do dia, numa avenida desprovida de vegetação).

Os lucros obtidos por um vendedor num dia de *lumo* são de, em média, 11.050 FCFA. Visto que os rendimentos semanais de um agregado familiar de Canchungo são, em média, de 4.000 FCFA, o *lumo* representa uma atividade muito lucrativa e atrativa, apesar dos problemas mencionados.

An aerial night photograph of a city, Canchungo, with a winding river in the foreground. The city lights are visible against the dark landscape, and the sky is illuminated by a warm sunset or sunrise glow. The text is overlaid on the upper half of the image.

CONCLUSÃO

**CANCHUNGO, UMA CIDADE EM TRANSIÇÃO
COM DIVERSAS FACES**

CANCHUNGO

UMA CIDADE EM TRANSIÇÃO COM DIVERSAS FACES

Este ponto de situação com cifras e ilustrações da cidade de Canchungo permite-nos, atores do desenvolvimento, da governação, cidadãos e decisores, lançar um olhar sobre as múltiplas facetas desta cidade, evidenciando os desafios do futuro da paisagem urbana de Canchungo.

Canchungo situa-se na interface de várias esferas, em transição entre um passado ainda muito visível e um futuro a conceber.

Com base nas projeções da AFRISTAT⁴⁵, a população de Canchungo atingiria, em 2030, mais de 32.000 habitantes.

Segundo as tendências atuais e considerando-se as reservas fundiárias disponíveis, as estradas a leste (em direção à Bissau), sul (em direção à Caió) e oeste (em direção à Cacheu) densificar-se-ão em termos de habitações, mas também em matéria de acesso aos serviços económicos, administrativos e educativos. Assim, um dos desafios prioritários identificados é a acessibilidade e a descentralização dos serviços para estes eixos. Enquanto um exercício de planificação está em curso (estabelecimento de um novo mercado no Bairro Novo), a consideração destes novos eixos de densificação deve ser examinada com uma atenção particular pelos atores da governação urbana.

Os moradores de Canchungo estão particularmente orgulhosos da coexistência entre diferentes modos de vida e culturas, eles exprimem uma grande vontade de aproveitar das oportunidades que uma cidade em expansão oferece, preservando, ao mesmo tempo, os conhecimentos e produtos da terra.

A cidade de Canchungo é marcada por vestígios de infraestruturas coloniais que se tornaram obsoletas: mãe-d'água (*mãe di iagu*), canalizações, fontes e lavadouros comunitários. A sociedade civil vê o melhoramento do serviço de abastecimento de água como um outro desafio fundamental para o futuro de Canchungo, desafio que só poderá ser alcançado de modo sustentável se abranger os problemas de saneamento líquido e sólido.

A urbanização de Canchungo também foi feita em torno de práticas e de símbolos culturais que marcam a sua paisagem. Em cada espaço público (ruas, avenidas e praças), podemos observar santuários tradicionais, que coabitam com infraestruturas e atividades novas. Assim, ritos religiosos perpetuam-se ao pé dos poílões implantados na cidade e, concomitantemente, uma intensa atividade económica decorre próximo ao local. O *lumo* é um outro símbolo da transição entre estas duas esferas. Feira tradicional da cultura manjaca, por promover os produtos locais e artesanais da região, o atual *lumo* é um espaço de importantes transações económicas (Caixa 7), organizado segundo o calendário manjaco. Manter esta herança cultural e simbólica da cidade e ter, ao mesmo tempo, um olhar voltado para o seu desenvolvimento e a sua evolução são desafios para os moradores de Canchungo.

Além disso, a análise dos esquemas de organização espacial das diferentes zonas e bairros de Canchungo (Parte 2.2) evidencia a coexistência e a evolução de diferentes modelos de organização urbanística. Os limites administrativos, que definem de maneira linear as fronteiras dos 21 bairros, distinguem-se de outras divisões, que formam vários modelos, encontrados em diferentes bairros (linear, parcelar, esparsos, sinuoso, etc.). Assim, a planificação urbana deve levar em consideração as organizações espaciais específicas que marcam a paisagem de Canchungo dentro dos próprios bairros.

A integração da cidade em agroecossistemas diversificados permeia o ambiente de vida de Canchungo. A alternância entre infraestruturas urbanas e paisagens agrícolas e florestais no coração da cidade, dentro dos bairros e na sua periferia forma o seu carácter específico e a sua capacidade de resiliência aos choques sócio-climáticos. Esta relação com o meio ambiente e os seus recursos é uma vantagem inegável para a cidade e os seus habitantes, mas é fortemente afetada pelas tendências demográficas, económicas e climáticas. Os atores da planificação urbana devem, assim, velar pela manutenção deste equilíbrio e desta reciprocidade entre o rural e o urbano que prevalece até hoje.

Esses desafios só poderão ser efetivamente alcançados ao considerar e favorecer a questão da inserção socioprofissional dos jovens como uma prioridade transversal.

45. Projeções demográficas da Guiné-bissau, 2009 a 2030, AFRISTAT e INEC (2013).

LISTE

DES CARTES, CAIXAS ET TABLEAUX, LÉGENDE DES PHOTOGRAPHIES.

MAPAS

- 13_ **Mapa 1** Uma urbanização da África do Oeste em forte crescimento
- 14_ **Mapa 2** Mapa do sector e delimitação da zona dita “zona de estudo do centro urbano de Canchungo”
- 15_ **Mapa 3** Mapa administrativo da Guiné-Bissau
- 18_ **Mapa 4** Região de Cacheu
- 19_ **Mapa 5** Um sítio sob influência litorânea
- 23_ **Mapa 6** Evolução da ocupação do solo
- 26_ **Mapa 7** Atratividade de Canchungo sobre os territórios ao redor
- 27_ **Mapa 8** Feiras semanais (*lumo*) da região de Cacheu
- 27_ **Mapa 9** Comércio de óleo de palma vermelho (siti)
- 28_ **Mapa 10** Canchungo, capital de um sector no coração das fileiras regional e nacional do caju
- 30_ **Mapa 11** Mapa da cidade de Canchungo
- 33_ **Mapa 12** Loteamentos progressivos
- 34_ **Mapa 13** Uma pequena cidade rural que se estende ao longo das estradas alcatroadas
- 40_ **Mapa 14** Densidades urbanas e população de Canchungo em 2009
- 41_ **Mapa 15** Evolução do número de construções de Canchungo entre 2004 e 2018
- 42_ **Mapa 16** Uma população jovem, mais concentrada no centro antigo e nos bairros loteados
- 44_ **Mapa 17** Destino dos emigrantes de Canchungo
- 46_ **Mapa 18** Origem dos imigrantes de Canchungo
- 48_ **Mapa 19** Alguns espaços recreativos de Canchungo
- 49_ **Mapa 20** Uma forte influência da religião sobre a paisagem urbana
- 57_ **Mapa 21** Um acesso desigual às fontes de água melhoradas
- 61_ **Mapa 22** Modos de acesso à eletricidade diferenciados
- 64_ **Mapa 23** Uma gestão do lixo por depósitos ilegais
- 66_ **Mapa 24** Acessibilidade de Canchungo

- 69_ **Mapa 25** Infraestruturas e serviços urbanos concentrados no centro da cidade (*praça*)
- 71_ **Mapa 26** A maior parte dos arrendamentos no centro da cidade (*praça*)
- 72_ **Mapa 27** Uma gestão fundiária em evolução
- 75_ **Mapa 28** Uma grande utilização de adobe como material de construção
- 79_ **Mapa 29** Concentração das atividades económicas
- 79_ **Mapa 30** Categorias profissionais maioritárias por bairro

CAIXAS

- 15_ **Caixa 1** O urbano e as suas diferentes definições
- 32_ **Caixa 2** Alguns princípios gerais da lei fundiária de 1998
- 49_ **Caixa 3** A importância das atividades religiosas em Canchungo
- 52_ **Caixa 4** Características da morfologia de diferentes bairros de Canchungo
- 73_ **Caixa 5** Um exemplo de conflito fundiário
- 76_ **Caixa 6** Canchungo - Os conhecimentos construtivos locais, referências que integram preocupações ambientais
- 81_ **Caixa 7** *Lumo* de Canchungo

QUADRO

- 43_ **Quadro 1** Características demográficas gerais de Canchungo
- 45_ **Quadro 2** Associações da diáspora ativas em prol do sector de Canchungo
- 45_ **Quadro 3** Um investimento da diáspora desigual entre os bairros
- 47_ **Quadro 4** Associações de imigrantes fortemente mobilizadas em Canchungo
- 71_ **Quadro 5** Evolução dos custos de construção e de compra de casas em Canchungo
- 76_ **Quadro 6** Uma rede de saneamento precária em Canchungo
- 80_ **Quadro 7** Um sector terciário que se diversifica

FIGURAS

- 13_ **Figura 1** Taxa de urbanização de diferentes países
- 15_ **Figura 2** Crescimento da população urbana da Guiné-Bissau entre os anos 1960 e 2017
- 20_ **Figura 3** Corte esquemático do relevo de Canchungo
- 25_ **Figura 4** Organização das gestões fundiárias tradicional e colonial
- 39_ **Figura 5** Evolução da população de Canchungo entre 1950 e 2009
- 39_ **Figura 6** Pirâmide etária de Canchungo
- 40_ **Figura 7** Evolução do número de construções de Canchungo entre 2004 e 2018
- 53_ **Figura 8** Estudo da morfologia urbana de Canchungo
- 56_ **Figura 9** Modos de acesso à água potável diferenciados
- 60_ **Figura 10** A eletricidade, um recurso raro e instável
- 70_ **Figura 11** O proprietário, estatuto predominante de ocupação de terrenos em Canchungo
- 73_ **Figura 12** Principais fatores de conflito fundiário
- 75_ **Figura 13** Uma grande utilização de materiais locais para a construção das paredes das casas
- 75_ **Figura 14** A utilização de cobertura de palha tornou-se marginal
- 81_ **Figura 15** Rendimentos e transferências de fundos mensais recebidos pelos agregados familiares
- 81_ **Figura 16** Rendimento médio dos agregados familiares

FOTOGRAFIAS

- 12_ **Foto 1** Vista aérea de Canchungo - outubro 2020 (© En Haut !)
- 21_ **Foto 2** Um solo hidromórfico, provedor de recursos alimentares, mas que dificulta o crescimento urbano - outubro 2020 (© En Haut !)

- 21_ **Foto 3** Um solo hidromórfico, provedor de recursos alimentares, mas que dificulta o crescimento urbano - outubro 2020 (© En Haut !)
- 21_ **Foto 4** Atividades agrícolas nos limites da cidade - outubro 2020 (© En Haut !)
- 22_ **Foto 5** Rede de ecossistemas que coexistem com a cidade de Canchungo - outubro 2020 (© En Haut !)
- 22_ **Foto 6** Exploração de madeira de tarrafes - outubro 2020 (© En Haut !)
- 22_ **Foto 7** Exploração de pedras (pedreira de Canchungo) - outubro 2020 (© En Haut !)
- 24_ **Foto 8** Antiga construção da administração colonial - outubro 2020 (© En Haut !)
- 26_ **Foto 9** Canchungo concentra os serviços educativos da região de Cacheu: Liceu Regional Ho Chi Minh - outubro 2020 (© En Haut !)
- 26_ **Foto 10** Canchungo concentra os serviços sanitários da região de Cacheu: Hospital Regional de referência - outubro 2020 (© En Haut !)
- 29_ **Foto 11** Mãe-d'água (mãe de iagu) herdada do período colonial - outubro 2020 (© En Haut !)
- 31_ **Foto 12** Infraestruturas herdadas do período colonial - outubro 2020 (© En Haut !)
- 31_ **Foto 13** Infraestruturas herdadas do período colonial - outubro 2020 (© En Haut !)
- 31_ **Foto 14** Infraestruturas herdadas do período colonial - outubro 2020 (© En Haut !)
- 31_ **Foto 15** Plano de zoneamento de Teixeira Pinto (atual cidade de Canchungo), 1973 - 2019 (© Grdr)
- 32_ **Foto 16** Um exemplo de documento de urbanismo: o plano de loteamento do Bairro Novo - 2019 (© Grdr)
- 35_ **Foto 17** Bairro Novo, uma zona loteada que se densifica pouco a pouco - outubro 2020 (© En Haut !)
- 38_ **Foto 18** Jovens de Canchungo reunidos na praia - outubro 2020 (© En Haut !)

- 43_ **Foto 19** Jovens de Canchungo nos transportes - outubro 2020 (© En Haut !)
- 47_ **Foto 20** Uma cena da vida em Canchungo - 2017 (© J.B. Russel)
- 50_ **Foto 21** Construções religiosas que estruturam a paisagem urbana: igreja católica - 2019 (© Grdr)
- 50_ **Foto 22** Utilização da varanda como local de vida e de trabalho (cozinha, lavagem de roupas, costura, etc.) - 2019 (© Grdr)
- 50_ **Foto 23** Utilização do espaço público para fins comerciais (vendedora de peixe frito) - 2019 (© Grdr)
- 50_ **Foto 24** A rotunda, um espaço de vida público e uma infraestrutura central na rede urbana - 2019 (© Grdr)
- 51_ **Foto 25** Tchada, a praia ao anoitecer - outubro 2020 (© En Haut !)
- 54_ **Foto 26** Vista aérea dos novos bairros loteados - outubro 2020 (© En Haut !)
- 54_ **Foto 27** Vista aérea de um bairro periférico rural - outubro 2020 (© En Haut !)
- 56_ **Foto 28** Mulher apanhando água no centro de Canchungo (*praça*) - 2019 (© Grdr)
- 58_ **Foto 29** O enchimento de baldes de água, uma atividade que demanda muito tempo e esforço físico - outubro 2020 (© En Haut !)
- 59_ **Foto 30** Cartão postal histórico da Fonte de Kum - outubro 2020 (© En Haut !)
- 59_ **Foto 31** Fonte de Kum, o principal acesso à água desde a época colonial - outubro 2020 (© En Haut !)
- 59_ **Foto 32** Fonte de Kum - outubro 2020 (© En Haut !)
- 60_ **Foto 33** Painéis solares no telhado de uma casa na periferia da cidade - 2019 (© Grdr)
- 60_ **Foto 34** Custo da energia elétrica pouco acessível em Canchungo, uma fatura de eletricidade - outubro 2020 (© En Haut !)
- 62_ **Foto 35** A avenida principal equipada com postes de luz à energia solar - outubro 2020 (© En Haut !)
- 63_ **Foto 36** Um depósito de lixo ilegal no centro da cidade (*praça*) - 2019 (© Grdr)
- 65_ **Foto 37** Depósitos públicos localizados a alguns quilómetros da cidade - 2019 (© Grdr)

- 65_ **Foto 38** Exemplos do lixo que se pode encontrar no local - 2019 (© Grdr)
- 65_ **Foto 39** Depósito de lixo próximo à praia - 2019 (© Grdr)
- 67_ **Foto 40** Uma via principal de Canchungo no fim da estação chuvosa - 2019 (© Grdr)
- 67_ **Foto 41** Transporte de bicicleta, principal meio de deslocação - outubro 2020 (© En Haut !)
- 67_ **Foto 42** Condições difíceis de transportes coletivos - outubro 2020 (© En Haut !)
- 67_ **Foto 43** Paragem de Canchungo - outubro 2020 (© En Haut !)
- 68_ **Foto 44** Uma classe organizada à sombra de uma mangueira - 2017 (© J.B. Russel)
- 74_ **Foto 45** Casa “neo-tradicional” de adobe, revestida com um reboco de cimento e uma camada de pintura, telhado de zinco mantido por vigas de madeira, aberturas sem janelas dobráveis e porta de metal - 2019 (© Grdr)
- 74_ **Foto 46** Construção administrativa de tipo “colonial”, edifício de betão com cobertura de telhas vermelhas - 2019 (© Grdr)
- 74_ **Foto 47** Casa de tipo “moderno” com um andar, construída pela diáspora, com estrutura de betão, janelas dobráveis com abertura para o exterior e uma saída de ventilação - 2019 (© Grdr)
- 76_ **Foto 48** Casa tradicional com cobertura de palha - 2019 (© Grdr)
- 77_ **Foto 49** Moradias e locais de comércio debaixo de um poílão sagrado - (© J.B. Russel)
- 78_ **Foto 50** Um dia de *lumo* em Canchungo - 2019 (© Grdr)
- 80_ **Foto 51** Vendedores na avenida principal - outubro 2020 (© En Haut !)
- 80_ **Foto 52** Mercado central de Canchungo - outubro 2020 (© En Haut !)

NB : A população de Canchungo corresponde à população do “centro urbano”, determinado segundo a definição dos limites do centro urbano de acordo com a seguinte definição do Club des États du Sahel (Clube dos Estados do Sahel): “concentração de população com mais de 10.000 habitantes, cujas construções têm menos de 200 m de espaçamento”.

CANCHUNGO,

CENTRO URBANO EM FORMAÇÃO

ATLAS • GUINÉ-BISSAU

Canchungo, centro urbano localizado na região de Cacheu, no noroeste da Guiné-Bissau, é o quarto maior do país em número de residentes, cerca de 25.000 habitantes.

Esta cidade revela-se cosmopolita e acolhedora. Implantada em zonas de mangal, situada na interface entre o oceano Atlântico e a terra firme e localizada a pouca distância da fronteira com o Senegal e a capital Bissau, ela é um ponto nevrálgico da produção e da comercialização da castanha de caju. Sujeita a um crescimento económico rápido, as suas formas urbanas e os modos de vida que ela abriga estão em plena mutação.

A adaptação às mudanças climáticas, o controlo da pressão da cidade sobre agroecossistemas diversificados ou, ainda, o acesso aos serviços de abastecimento de água potável e de saneamento são desafios prioritários para este território. Eles só serão efetivamente alcançados se levarmos em consideração o problema da inserção socioprofissional dos jovens, que são cada vez mais numerosos.

UMA PUBLICAÇÃO DO GRDR



NºISBN 9791095026150

